

ISSN 1413-9243

# TEXTOS NEPO

# 64

Campinas, setembro de 2012.



**UNICAMP**



**PAISAGEM E IMAGEM DA CIDADE: A  
FORMA E A EXPERIÊNCIA URBANA DE  
CAMPINAS**

**EDUARDO MARANDOLA JR.  
FERNANDA CRISTINA DE PAULA  
LUIZ TIAGO DE PAULA  
MARIA CONCEIÇÃO SILVÉRIO PIRES**



## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

### **Reitoria**

Prof. Dr. Fernando Ferreira Costa – Reitor

### **Pró-Reitorias**

Prof. Dr. Marcelo Knobel - Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Euclides de Mesquita Neto - Pró-Reitor de Pós-Graduação

Prof. Dr. Ronaldo Aloise Pilli - Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Dr. Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva - Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário

Prof. Dr. João Frederico da Costa Azevedo Meyer - Extensão e Assuntos Comunitários

### **Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa**

Profª Drª Itala Maria Loffredo D’Ottaviano

### **Núcleo de Estudos de População**

Drª Estela Maria Garcia Pinto da Cunha - Coordenadora

Dr. Alberto Augusto Eichman Jakob - Coordenador Associado



### **Produção Editorial: NEPO-PUBLICAÇÕES**

#### **Editora dos Textos NEPO**

Drª Joice Melo Vieira

### **Edição de Texto: Preparação/Diagramação**

Adriana Cristina Fernandes – [cendoc@nepo.unicamp.br](mailto:cendoc@nepo.unicamp.br)

### **Revisão Bibliográfica**

Adriana Cristina Fernandes – [cendoc@nepo.unicamp.br](mailto:cendoc@nepo.unicamp.br)

**FICHA CATALOGRÁFICA:** Adriana Fernandes

Marandola Jr., Eduardo et al.

Paisagem e imagem da cidade: a forma e a experiência urbana de Campinas / Eduardo Marandola Jr.; Fernanda Cristina de Paula; Luiz Tiago de Paula; Maria Conceição Silvério Pires. – Campinas: Núcleo de Estudos de População / Unicamp, 2012.

102p.

(Paisagem e imagem da cidade: a forma e a experiência urbana de Campinas, TEXTOS NEPO 64).

1. População e espaço. 2. População e ambiente. 3. Distribuição espacial da população. I. De Paula, Fernanda Cristina. II. De Paula, Luiz Tiago. III. Pires, Maria Conceição Silvério Pires. IV. Título. V. Série.

As afirmações e conclusões expressas nesta publicação são de responsabilidade exclusiva de seu(s) autor(es) e não refletem necessariamente a visão da instituição.

---

## SÉRIE TEXTOS NEPO

**T**EXTOS NEPO – publicação seriada do Núcleo de Estudos de População da UNICAMP – foi criado em 1985 com a finalidade de divulgar pesquisas no âmbito deste Núcleo de Estudos e Teses defendidas dentro do Programa de Pós-Graduação em Demografia do IFCH/UNICAMP. Apresentando uma vocação de cadernos de pesquisa, até o presente momento foram publicados **sessenta e quatro números**, contando com este, relatando trabalhos situados nas áreas temáticas correspondentes às linhas de pesquisa do NEPO.

Os exemplares que compõem a série vêm sendo distribuídos para instituições especializadas na área de Demografia, ou mesmo dedicadas a áreas afins, no País e no exterior, além de ser objeto de constante consulta no próprio Centro de Documentação do NEPO. Essa distribuição é ampla, abrangendo organismos governamentais ou não governamentais – acadêmicos, técnicos e/ou prestadores de serviços.

A Coleção **Textos NEPO** também está acessível na homepage do NEPO, em publicações, cujo acesso se dá através do endereço eletrônico: <http://www.nepo.unicamp.br>.

Dr<sup>a</sup> Estela Maria Garcia Pinto da Cunha  
Coordenadora

Dr. Alberto Augusto Eichman Jakob  
Coordenador Associado

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. CONSTRUINDO O PROCESSO DA PESQUISA.....</b>	<b>17</b>
2.1 Questionários: concepção, construção e aplicação.....	18
2.2 As entrevistas.....	23
2.3 Delimitando: os elementos da forma urbana.....	24
<b>3. A IMAGEM DE CAMPINAS A PARTIR DA FORMA.....</b>	<b>27</b>
3.1 Legibilidade e ilegitimidade: identificando os elementos da forma.....	27
3.1.1 Marcos.....	29
3.1.2 Pontos nodais.....	32
3.1.3 Vias.....	38
3.1.4 Bairros.....	44
3.1.5 Divisão interna do Centro.....	46
3.1.6 Limites.....	48
3.1.7 Limites secundários.....	50
3.2 A imagem de Campinas.....	51
3.2.1 A imutabilidade da imagem da cidade de Campinas.....	55
3.2.2 Os marcos de Campinas: entre os visíveis e os invisíveis.....	59
3.2.3 Os sentimentos dos lugares .....	64
3.2.4 Os mapas mentais.....	67
<b>4. A EXPERIÊNCIA URBANA DE CAMPINAS.....</b>	<b>74</b>
4.1 Questões sobre a forma e sua experiência: ritmos espaço-temporais e balé-do-lugar.....	74
4.2 Morfologia das experiências.....	77
4.2.1 Campineiro aposentado.....	78
4.2.2 Jovem migrante.....	82
4.3 Percepção VS. experiência.....	88
<b>5. O PENSAR A CIDADE.....</b>	<b>92</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>98</b>
Apêndice 1: Questionário 1.....	98
Apêndice 2: Questionário 2.....	100



---

## RESUMO

A experiência urbana guarda relação direta com a forma da cidade, influenciando a maneira como a população se envolve e se orienta no espaço. Estabelecidos e migrantes estão, neste sentido, em condições diferentes: os primeiros contam com a memória socialmente compartilhada; os segundos têm que se orientar pela paisagem, em especial quando pensamos na mobilidade intra-urbana e na própria elaboração da imagem da cidade. No entanto, nem todas as cidades possuem uma imagem legível, o que repercute em todos os campos da vida social e para ambos os grupos. Investigando Campinas, cidade que possui problemas de imageabilidade, esta pesquisa levantou elementos da forma e da experiência urbana contextualizados com a história migratória e os espaços de vida dos sujeitos na cidade. A partir de tais, os elementos que estruturam a imagem de Campinas foram identificados, expondo os motivos da sua ilegibilidade que ajudam a compreender a dificuldade de orientação e de inserção de migrantes recém-chegados à cidade. Os impactos e potencialidades de tal pesquisa levantam problemas inerentes à relação população e espaço, conectando a experiência aos processos coletivos de produção e difusão da imagem urbana e da própria produção material da cidade.

**Palavras-chave:** População e espaço, urbanização, mobilidade, distribuição espacial da população.

---

## ABSTRACT

The urban experience holds a direct relation to the city's form, influencing the way the population gets involve and guide themselves in the space. Established and migrant are, in this sense, in different conditions: the first count on a socially shared memory; the second have to guide themselves through the landscape, especially when we think about the intra-urban mobility and our own elaboration of the city's image. However, not all cities have a readable image, which has repercussions into all fields of social life and for both groups. Investigating Campinas, a city that has imageability problems, this research raised elements of form and urban experiences contextualized with migratory history and the life spaces of subjects in the city. From such, the elements that structure the image of Campinas were identified, exposing the reasons for its illegibility helping to convey the difficulty in guiding and placing the recently-arrived migrants to the city. The impact and potentialities of such research raise problems from the relation population and space, connecting the experience to the collective processes of production and diffusion of urban image and the city's own material production.

**Key-words:** Population and space, urbanization, mobility, population distribution.

---

## APRESENTAÇÃO

*Eduardo Marandola Jr.*

O projeto "*Paisagem e imagem da cidade: a forma e a experiência urbana de Campinas*" foi desenvolvido nos anos de 2010 e 2011 pelo Núcleo de Estudos de População em parceria com a Secretaria de Planejamento (SEPLAN) da Prefeitura Municipal de Campinas (PMC). A parceria se deu a partir de uma dupla necessidade: do Nepo e da Unicamp de realizarem pesquisas específicas sobre Campinas, e da SEPLAN de realizar estudos que subsidiem a elaboração dos planos locais e de outras ações de planejamento.

Campinas é uma metrópole que possui um déficit de estudos de suas dinâmicas intra-urbanas, especialmente relacionado aos bairros, à história urbana e às dinâmicas populacionais internas do município. Esta pesquisa ajudou a iniciar uma agenda de pesquisa nesta direção, ainda com muito por fazer.

O projeto foi elaborado a partir de uma experiência comum a migrantes que chegam a Campinas, nos últimos 15 a 20 anos, e têm muita dificuldade em orientar-se no espaço da cidade. Esta dificuldade de orientação está ligada à dificuldade de leitura da cidade, o que reverbera mesmo no processo de inserção e envolvimento no espaço social e no estabelecimento de redes, reverberando na mobilidade intra-urbana, nas escolhas residenciais e em todos os demais processos relacionados à distribuição espacial da população.

Esta experiência migrante compartilhada motivou a realização de uma investigação mais detalhada sobre os motivos que levam a esta dificuldade de leitura, o que nos conduziu à questão da percepção e da imagem da cidade, tanto na dimensão da forma urbana (sua materialidade construída e percebida) quanto à experiência desta forma (as diferentes populações e seus contextos de vivência). Estas dimensões, juntas, são o caminho para a discussão aqui proposta, que alimenta um olhar intra-urbano e qualitativo da população.

Este projeto foi pensado como uma pesquisa-piloto, que tem um alcance limitado e o objetivo de sedimentar um esforço de colaboração com a gestão pública, numa interface que envolve diretamente a população da cidade e os pesquisadores e estudantes da Unicamp. Ela precisa, para potencializar os resultados aqui apresentados, ser ampliada em

várias partes da cidade, para alcançar uma perspectiva mais abrangente da imagem e da experiência da cidade.

No entanto, em termos de colaboração, ela já está se estendendo ao envolver outros órgãos, como o Museu da Imagem e do Som, onde realizamos oficinas ao longo de 2010, com a Faculdade de Educação (envolvendo o Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Jr.) e a Faculdade de Engenharia Civil (com Prof. Dr. Evandro Zecchiato), sobre “Cinema e cidade: Campinas em cena”. Estas incluíram, além da comunidade, os alunos de pós-graduação em Educação e graduação em Arquitetura e Urbanismo, os quais tiveram oficinas para auxiliar na produção de filmes sobre Campinas, além de discussões sobre a imagem da cidade e os problemas urbanos.

Foram realizadas também oficinas sobre fotografia, uma exposição dos resultados parciais da pesquisa aos membros dos Conselhos da Cidade, de Habitação e do Meio Ambiente, além de um Seminário de Pesquisa do projeto, no Nepo, ocasiões em que secretarias diferentes e unidades da Unicamp puderam estreitar relações. Esperamos que a publicação dos resultados amplie as possibilidades e as parcerias, ampliando a pesquisa para além do que foi possível realizar até o momento<sup>1</sup>.

Publicar este número do *Textos NEPO* é importante para documentar o processo de construção metodológica da pesquisa, que embora piloto, produziu considerável material que ainda não foi completamente explorado. Assim, parte do material bruto apresentado aqui ainda será discutido e aprofundado no futuro, especialmente com a continuação da linha de pesquisa aqui iniciada.

Agradeço a todos os que estiveram envolvidos até aqui, especialmente a equipe de alunos que realizaram as pesquisas de campo e se dispuseram a aprender mais sobre esta cidade e a percepção de seus habitantes: migrantes ou não.

---

<sup>1</sup> Todas as atividades do projeto, oficinas e palestras podem ser conferidas em [http://www.nepo.unicamp.br/pesquisa/projetos/linha7/a\\_projeto12.html](http://www.nepo.unicamp.br/pesquisa/projetos/linha7/a_projeto12.html).

## **Equipe do projeto "Paisagem e imagem da cidade: a forma e a experiência urbana de Campinas"**

### **Coordenação**

Eduardo Marandola Jr.

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

#### **Núcleo de Estudos de População**

André Aparecido Malavazzi (Bolsista AT/CNPq)

Beatriz Couto Porto (Mestranda em Geografia IG/Unicamp)

Fernanda Cristina de Paula (Mestranda em Geografia IG/Unicamp)

Fábio Rocha Campos (Graduando em Geografia IG/Unicamp)

Letícia Cassanelli (Graduanda em Geografia IG/Unicamp)

Luiz Tiago de Paula (Graduando em Geografia IG/Unicamp)

Pedro Baptistela (Graduando em Geografia IG/Unicamp)

Priscila Marchiori Dal Gallo (Graduanda em Geografia IG/Unicamp)

### **PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS**

#### **Secretaria de Planejamento**

Alair Roberto Godoy (Secretário)

Maria Conceição Silvério Pires (Analista)

Marílis Busto Tognoli (Analista)

#### **Secretaria de Educação**

Henrique Albiero Pazetti (Professor)

---

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o final do século XIX, as cidades passaram a ser representadas como lugar do caos, do múltiplo, da existência e proliferação da multidão (BRESCIANI, 2004). É da cidade industrial que esta bibliografia está falando, da cidade tornada chão-de-fábrica, que permite a produção em massa de tudo, inclusive de pessoas.

Benjamin, Baudrillard, Simmel, Mumford, Argan e tantos outros leitores e intérpretes desta cidade-metrópole que a tudo engole estavam, de diferentes pontos de vista, diagnosticando a superação da cidade ao corpo: a cidade industrial torna-se tão grande que foge à capacidade corpórea individual de experiência. Sua forma escapa ao olhar e, conseqüentemente, perdemos gradativamente a possibilidade de uma imagem única da cidade.

As conseqüências disso são muitas, entre elas o individualismo e a atitude *blasé* (SIMMEL, 1973; 2006), a insegurança e o medo (TUAN, 2005), a pobreza e a violência (SANTOS, 1979), a exclusão em escala industrial (KOWARICK, 1979).

Esta característica das cidades, cultivadas ao longo do século XX, deixaram impressas suas marcas na paisagem. Mas longe de serem formas sem conteúdo, a experiência está ligada diretamente às conseqüências deste desenho urbano.

A cidade de Campinas possui também muitas destas marcas. Com mais de um milhão de habitantes, sede de uma região de mais de 2,5 milhões de habitantes, possui em seus mais de 200 anos de história processos diversos que formaram sua paisagem e forma da cidade, resultado da interação de diferentes fatores históricos, temporalidades, intencionalidades e culturas distintas (BADARÓ, 1996; SANTOS, 2002). Centro industrial, sua paisagem também contém as marcas da industrialização, além de seu papel na cultura do café, da interiorização do desenvolvimento e também, mais recentemente, da metropolização.

Mas não apenas de processos e ciclos econômicos se faz uma cidade. Todas as grandes e médias cidades do mundo são o resultado do encontro e convivência de várias populações, tanto quanto da acumulação de formas simbólicas e econômicas. Como processo, a construção da forma da cidade é a expressão material da própria vida urbana, tendo maior ou menor correspondência para com as vontades e os desejos da sua população. Isso porque nem todos os grupos populacionais são representados na formação

da paisagem da cidade, além de terem pontos de vista distintos ao longo do tempo e em relação a diferentes questões. **Forma, imagem e paisagem** da cidade influem no modo como concebemos e vivemos a urbe. Detalhar e clarificar estes atributos da cidade é uma maneira de melhor apreender a experiência urbana que ali se realiza, contribuindo para o conhecer, o pensar e o planejar a cidade.

A história do pensamento urbano tem se debatido entre os aspectos morfológicos e físico-estruturais das cidades, como definidores da natureza das cidades, e a dimensão mental e vivida que anima e atribui significados ao fato urbano (SERRA, 1987; AMORIM FILHO; SENA FILHO, 2007). Ora a forma é diminuída diante da força do imaginário ou da ideologia, ora o simbólico é relativizado diante da força da lógica de produção capitalista do espaço urbano.

Este projeto faz parte de uma busca por um caminho intermediário, que permita compreender geograficamente a cidade, o que implica a conciliação da dimensão espacial-estrutural com a dimensão experiencial-simbólica. Trata-se da conciliação da escala da existência (individual, volitiva, experiencial) com a escala coletiva da produção material e imaginária do espaço urbano (MARANDOLA JR., 2004). Em termos urbanos, da **morfologia** com a **experiência da cidade**.

Isso significa que a cidade é construída por relações muito difíceis de precisar, por múltiplos processos individuais e coletivos. Estes não são hierarquizados de forma linear (os coletivos acima dos individuais, necessariamente), nem possuem ordem escalar definida claramente. Além disso, a pluralidade das cidades possíveis se multiplica na mesma proporção dos existentes: cada experiência conforma uma cidade, mas a grande cidade, aquela que está no mapa e nos livros de história ou nas estatísticas não é a mera soma das cidades individuais (MARANDOLA JR., 2008a).

O imaginário urbano é, de certa maneira, a seiva orgânica que mantém este elo vivo e ajuda a amalgamar estes processos. Investigá-lo é um caminho possível para pensar estas múltiplas relações entre as cidades no plural e a cidade no singular, entre a cidade dos sujeitos e da população urbana.

A base comum para este imaginário é a própria forma da cidade. No entanto, apesar de material ela não é percebida uniformemente, pois depende da experiência do observador para, a partir de seu ponto de vista, percebê-la. Assim, a forma possui sombras, sobreposições, pontos cegos.

Em vista disso, como podemos pensar na imagem e na paisagem da cidade moderna, tão grande que foge à experiência, multiplicando-se na formação do imaginário e da imagem da cidade?

Kevin Lynch, arquiteto e urbanista estadunidense, desenvolveu uma forma de investigação destas questões ao discutir a forma urbana e seus atributos materiais e simbólicos (LYNCH, 2003). Ele propôs a **imageabilidade** e a **legibilidade** como atributos correlatos para se compreender a construção da imagem da cidade.

A tese de Lynch é que um melhor desenho da cidade contribui para sua qualidade ambiental; por isso sua atenção à forma. Mas, o próprio Lynch (2003, p.1) atenta:

A cada instante há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma imagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. [...] cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.

A forma não é apreendida em si mesma; a forma é sempre apreendida pelas pessoas dentro de um contexto, no qual entram em jogo sentimentos, valores, associações, memória, pré-concepções.

Campinas é uma cidade ilegível tal como descrita por Lynch. Sua ilegibilidade está relacionada à sua forma urbana e aos atributos e sentidos de sua paisagem, que produzem uma experiência fragmentada da cidade. Esta fragmentação está relacionada à própria maneira de produção do espaço e paisagem urbana moderna (RELPH, 1987), mas vai além: implica uma consequência da própria racionalidade de incorporação e venda da cidade, que trata o solo urbano como mercadoria.

Em vista disso, compreender esta fragmentação a partir da forma é uma estratégia para melhor compreender o processo de fragmentação da própria experiência da metrópole na modernidade, que conduziu ao individualismo, nas palavras de Simmel (1973; 2006), que tem se radicalizado na contemporaneidade com a dispersão urbana e a hipermobilidade. Em outras palavras, o que era uma característica da vida mental está se materializando na própria forma das cidades.

Como Lynch, nos preocupamos em apreender e detalhar a forma da cidade, mas pretendemos avançar na discussão ao procurar compreender como esta forma é apreendida pelos moradores e como esta participa na percepção que os campineiros têm da paisagem

da cidade, na imagem que Campinas tem para estes e em como estes pontos norteiam a experiência urbana que se realiza<sup>2</sup>.

Utilizamos para isso dois guias de entrevista: um questionário estruturado, com perguntas fechadas e semi-abertas que foi adaptado da proposta de Lynch (2003) (método já aplicado em todos os continentes ao longo dos últimos 50 anos); e uma conversa biográfica semi-estruturada (Apêndice 01).

O questionário envolve perguntas sobre a forma da cidade, sobre os pontos e marcos na paisagem da cidade, os trajetos que a pessoa realiza, suas preferências e gostos. A entrevista inclui um mapa mental desenhado pelo entrevistado e seu principal objetivo é, por meio de questões que façam a pessoa pensar em sua percepção, elencar as formas marcantes. Para isso, Lynch classificou o resultado em cinco categorias de formas, dependendo da maneira como apareciam na imagem mental de seus entrevistados: **marcos, pontos nodais, bairros, vias e limites**. Estas cinco categorias básicas nos ajudam a ler a imagem da cidade a partir da percepção da forma.

No caso de Campinas, um mapa dos elementos da forma urbana traça uma primeira aproximação com a imagem da cidade, pensada a partir de sua imagem coletiva, compartilhada. A Figura 1 mostra esta imagem feita a partir dos pesquisadores do projeto, ou seja, um olhar técnico e intencional em busca da classificação da paisagem da cidade nas categorias lynchianas<sup>3</sup>.

Este mapa é a baliza para a análise das respostas dos entrevistados em relação à forma e à imagem da cidade. Como proposta metodológica aberta, utilizamos algumas classificações intermediárias necessárias para expressar a forma da área central de Campinas, como a definição de limites secundários e primários, ou a utilização da concepção de bairro para subdividir as áreas do próprio centro.

Apesar disso, sentimos que realizar a pesquisa sobre a imagem da cidade, apenas a partir das categorias lynchianas, nos fazia perder os “porquês” e os “comos”, tão importantes nas pesquisas qualitativas (BERGER; LUCKMANN, 1976; TURRA NETO, 2004).

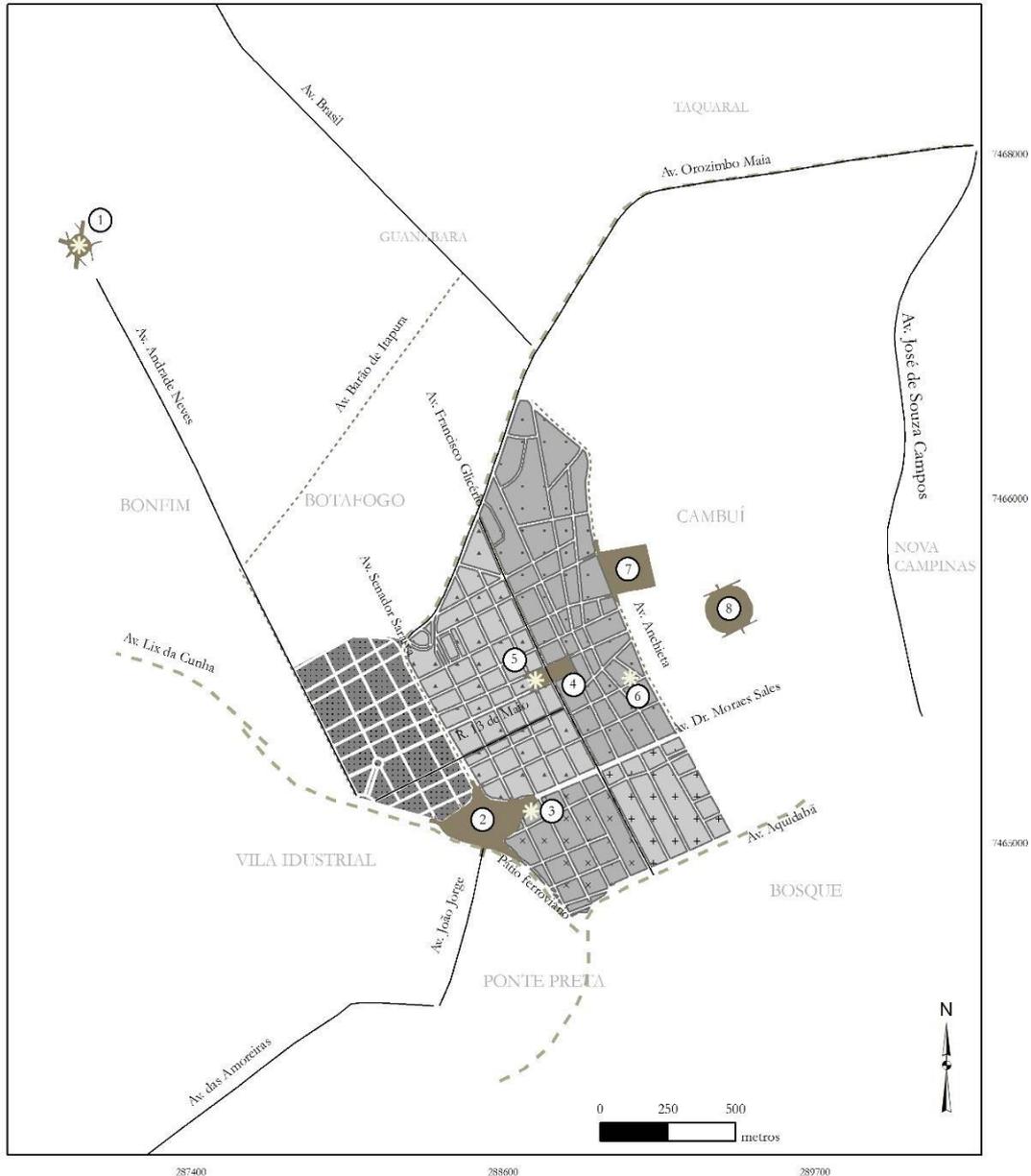
---

<sup>2</sup> Há um longo debate sobre as ideias de Lynch, desde que este propôs e desenvolveu variadas metodologias de estudo da forma e do desenho urbano. Além de suas próprias novas considerações (LYNCH, 1972; 1980), um amplo debate, entre críticos e adeptos têm mantido suas ideias vivas e suas propostas em contínua experimentação (PEARCE; FAGENCE, 1996; SOUZA, 1996; YEUNG; SAVAGE, 1996; SEATON, 1997; ZMUDZINKSKA-NOWAK, 2003; LUQUE-MARTÍNEZ, et al., 2007; GOUVEIA; FARIAS; GATTO, 2009).

<sup>3</sup> O mapa e cada item mapeado será discutido e descrito na sessão seguinte.

Ficávamos apenas com os “os quês”, tendendo apenas a uma objetivação da experiência a partir da forma.

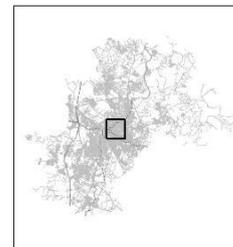
**FIGURA 1 - Elementos da forma urbana de Campinas**



**Legenda**

- ① Torre Castelo/Praça 23 de Outubro
- ② Viaduto Cury/Terminal Central
- ③ Ed. Mirante/Relógio do Itaú
- ④ Largo do Rosário
- ⑤ Palácio da Justiça (antigo Fórum)
- ⑥ Centro Empresarial Conceição/Shopping Jaraguá Conceição
- ⑦ Prefeitura/Palácio dos Jequitibás
- ⑧ Centro de Convivência/Praça Imprensa Iluminense

- ferrovias
  - rios
  - arruamento
  - Vias
  - \* Marcos
  - Pontos Nodais
- Áreas do Centro**
- Área Antiga Ferroviária
  - Área Canto
  - Área Colonial
  - Área Comércio Popular
  - Área Largo do Paraí
- Límites**
- Primário
  - Secundário



Base cartográfica: Emplasa, 2003  
 Projeção Transversal de Mercator  
 South American Datum 1969, SAID 23S  
 Fonte: Pesquisa de Campo. Projeto Campinas, Nepo/Unicamp, 2010.

**Fonte:** Projeto Campinas, Nepo/Unicamp, 2010.

Foi por este motivo que realizamos com cada um dos entrevistados uma segunda conversa, que objetivava qualificar sua experiência da cidade (Apêndice 2). O pressuposto é que as experiências ajudariam a entender a percepção da forma, qualificando assim as respostas dadas no primeiro questionário sobre a forma, conhecer a história e o espaço de vida do conversante. Assim, além da história migratória e história de vida, a entrevista envolvia todos os deslocamentos, os lugares em que a pessoa viveu e vive na cidade, seus trajetos, trabalhos, casas de amigos, locais de trabalho, enfim: cada história de vida ocorre por entre lugares e territórios (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 1988), e nosso objetivo com esta segunda etapa era levantar esta memória narrativa da **mobilidade urbana**.

O resultado é a possibilidade de ter uma perspectiva geral das respostas sobre a forma, que indicam os aspectos mais freqüentes que podem ser entendidos a partir dos atributos da própria forma, mas também é possível compreender nuances e especificidades a partir das possibilidades do viver na cidade, que justificam ausências e ajudam a compreender a pluralidade da experiência e das imagens da cidade. Esta segunda etapa é o que qualifica de maneira mais inovadora nossa metodologia, em relação às clássicas práticas lynchianas.

Isso é fundamental tendo em vista que metrópoles como Campinas não são vividas como um todo. Nossos espaços de vida nas metrópoles são esgarçados, pois a dimensão da cidade escapa à capacidade cognitiva corpórea (MARANDOLA JR., 2011a). A experiência da cidade acaba sendo mediada pelos lugares e itinerários cotidianos que vivemos e será mais provável que passemos a vida toda sem ter nunca tocado os pés ou lançado os olhos sobre grande parte da cidade do que ter conseguir fazer o contrário. Na prática, a maior parte da cidade permanecerá um mistério desconhecido para nós, oculto sobre nomes e imagens coletivas que conformam a imagem da cidade, mas que é feita a partir de uma série de reduções narrativas (BERDOULAY; PAES, 2008) que permitem que dissociemos mentalmente a experiência corpórea da imagem da cidade.

A metodologia proposta permite restabelecer a cidade vivida experiencialmente e pensar seu papel enquanto espaço de compartilhamento de imaginário e exposição às formas da cidade. Isso significa que pessoas de regiões distintas da cidade, que frequentam lugares e trajetos diferentes e que possuem relações e histórias de inserção na cidade diferentes, poderão ter imagens e leituras da cidade muito distintas, mas também muitas coincidências. É justamente este jogo de espelhos que é o centro da discussão para pensar a

pluralidade e a singularidade da cidade enquanto matrizes não-lineares que conformam a própria natureza da cidade e do imaginário urbano contemporâneo.

A condição de migrante ou não-migrante, neste sentido, é fundamentalmente diferencial no que tange a forma como nos inserimos neste processo de construção coletiva tanto da forma quanto da imagem da cidade. Por isso esta é uma das dimensões mais importantes quando estamos avaliando a experiência espacial e as condições de envolvimento e pertencimento sociocultural em contextos de densa urbanização (MARANDOLA JR., 2008b; MODESTO, 2012).

Há uma carência histórica de estudos que pensem a cidade de Campinas em seus atributos espaciais internos, que permitam pensar os múltiplos significados de sua experiência urbana, da mobilidade e das imagens produzidas e percebidas por seus habitantes. Por outro lado, a gestão pública precisa “ouvir” a cidade, preocupando-se em saber como as pessoas percebem o ambiente e a paisagem urbana. A pesquisa pode auxiliar na compreensão das problemáticas urbanas em diferentes setores, permitindo proposições públicas com grande aderência aos anseios das pessoas.

Assim, foram estabelecidos três intentos maiores para esta pesquisa: (1) identificar os componentes da imagem e da paisagem de Campinas; (2) discutir a forma urbana da cidade no contexto da mobilidade espacial da população; (3) compreender a experiência geográfica de Campinas em relação à legibilidade da paisagem e da imagem da cidade em relação a migrantes e não-migrantes.

Estes são expostos em três partes, além do item conclusivo:

- *Construindo o processo da pesquisa*: detalha as etapas da pesquisa, apresentando as bases teóricas e as etapas metodológicas, bem como os principais resultados brutos;
- *A imagem de Campinas a partir da forma*: apresenta a discussão preliminar sobre a forma de Campinas, a partir dos questionários e categorias lynchianas;
- *A experiência urbana de Campinas*: expõe e analisa as narrativas colhidas, relacionando a experiência com a percepção da forma e da imagem da cidade;
- Por fim, *O pensar a cidade*: pondera as contribuições específicas que o resultado desta pesquisa traz para a reflexão sobre a cidade em geral.

---

## 2. CONSTRUINDO O PROCESSO DA PESQUISA

Para apreender e discutir os componentes da imagem e da paisagem da cidade e o modo como orientam a experiência urbana em Campinas procedemos com os levantamentos da (1) experiência urbana de Campinas e (2) como é a forma dessa cidade. Para o primeiro, realizamos entrevistas com pessoas que moram, trabalham ou estudam na cidade; para o segundo, realizamos, além de um questionário específico sobre a forma da cidade, trabalhos de campo com o olhar voltado para o reconhecimento da forma e sua estrutura.

Realizamos duas entrevistas diferentes com cada entrevistado. O **Questionário 1 (Q1)** procura levantar o que o entrevistado percebe da forma da cidade: locais, ruas, pontos de destaque, associações entre áreas e correlatos. Trata-se de um questionário com perguntas abertas (respostas livres). O **Questionário 2 (Q2)**, que servia para orientar uma entrevista semi-estruturada, objetiva levantar a história de vida por meio da narrativa do conversante, a topologia de sua mobilidade e envolvimento com a cidade, os motivos e caminhos dos deslocamentos, gostos, opiniões, tobofobias e topofilias. Se o primeiro nos apresenta a percepção da forma da cidade, o segundo revela os sentidos da experiência urbana do entrevistado, de seu tempo de vivência e da relação entre espaço e história de vida.

Concomitante à realização das entrevistas, uma equipe se dedicou aos trabalhos de campo para identificar a forma da cidade e sua estruturação. Orientando-se pela pesquisa de Lynch (2003), essa equipe estabeleceu bases e procedimentos para descrição, apreensão e categorização dos elementos da forma de Campinas.

A pesquisa compreendeu as seguintes etapas:

**Primeira fase:** levantamento bibliográfico sobre:

- A cidade de Campinas, no âmbito intra-urbano
- Atributos simbólicos e elementos culturais urbanos
- Bairros e partes da cidade
- Projetos arquitetônicos e desenho urbano
- Patrimônio histórico e arquitetônico
- Outras pesquisas que tenham aplicado o método de Lynch

**Segunda fase:** pré-campo

- Leituras e discussões sobre a base teórico-metodológica da pesquisa
- Trabalhos de campo para reconhecimento do centro de Campinas
- Confeção dos questionários
- Treinamento dos entrevistadores e realização de testes de aplicação de questionários

**Terceira fase:** aplicação dos questionários

- Agendamento das entrevistas
- Realização das entrevistas
- Trabalhos de campo para identificação da forma
- Tabulação dos dados

**Quarta fase:** discussão dos resultados

- Análise dos dados
- Descrições, confecção de mapas e croquis, edições de fotografias
- Discussões a partir dos dados, trabalhos de campo e bibliografias.

## **2.1 Questionários: concepção, construção e aplicação**

O Q1 (Apêndice 1) é adaptado do questionário criado e utilizado por Lynch (2003), cujo objetivo era levantar as imagens que os moradores têm do meio físico da cidade. Em adição às questões utilizadas por Lynch, acrescentamos mais algumas, de acordo com informações que auxiliariam problemáticas específicas referentes à pesquisa do Centro de Campinas, nossa delimitação espacial da cidade.

As questões #1, #2, #3, #7 e #9 procuram trazer informações (a partir de diferentes abordagens do assunto) sobre como o sujeito percebe as formas da cidade, o que lhe chama atenção nela.

A pergunta #1<sup>4</sup> introduz o tom da entrevista ao pedir que o entrevistado fale sobre a imagem de Campinas e como pensa a forma da cidade. A resposta ideal da questão 1 seria uma descrição topológica da cidade (como a percebe) por parte do entrevistado. Um dos papéis dos entrevistadores era usar estratégias para que o entrevistado discorresse sobre a cidade a partir de uma imagem topológica.

---

<sup>4</sup> #1. O que primeiro lhe vem à mente, qual imagem lhe ocorre quando você pensa na palavra “Campinas”? Em termos gerais, como você descreveria Campinas, fisicamente falando? [*Se a pessoa tiver dificuldade, diga para usar poucas palavras ou uma expressão*].

A questão #2<sup>5</sup>, ao pedir que o morador faça um mapa esquemático do centro, deve trazer elementos da forma urbana que recebem atenção específica e são utilizados pelo entrevistado para ler e se orientar pela cidade. Mapas mentais expressam a relação entre o observador e o observado, permitindo uma reflexão sobre a percepção espacial (formas, dimensões, cores, orientações, elementos) ou a própria imagem ou experiência (lembranças, trajetos, lugares de envolvimento, preferências ambientais) (GOULD; WHITE, 1974; TUAN, 1975; SEEMANN, 2010).

A pergunta #3<sup>6</sup> aborda a questão de como a forma é percebida ao pedir que o entrevistado detalhe (fisicamente falando) um trajeto que ele realize cotidianamente: locais mencionados, sequências das ruas recordadas, pontos de referência, associação entre áreas, ruas e prédios na explicação deste trajeto exprimem como o indivíduo percebe a forma, traduzindo-a em uma sequência (cuja lógica é instituída pelo próprio entrevistado).

A questão #7<sup>7</sup> é uma pergunta direta sobre elementos do centro que chamam a atenção, para o entrevistado. Há um detalhamento (itens #7a, #7b e #7c) sobre porque estas formas chamam atenção ao pedir a descrição de cada uma, sentimentos e emoções a elas relacionadas e onde se localizam dentro do mapa confeccionado pelo entrevistado (esse item tanto verifica se este elemento já fora incluído antes no mapa quanto verifica o senso de direção do entrevistado).

A percepção da forma é também trabalhada na questão #9<sup>8</sup>, que pergunta se o entrevistado conhece alguma panorâmica da cidade e se sim, pede que a descreva. Esta questão foi incluída por dois motivos: (1) a significativa ausência de panorâmicas em Campinas; (2) a possibilidade que elas dão força à imagem por meio da observação da

---

<sup>5</sup> #2. Gostaria que fizesse um mapa esquemático do centro de Campinas começando pela Avenida Francisco Glicério. Pode desenhá-lo como se estivesse fazendo uma rápida descrição da cidade para um estranho, incluindo tudo o que você julga ser mais importante para quem não conhece saber como é Campinas. Não precisa se preocupar se o desenho está certo ou não. O importante é que você coloque aquilo que você se lembra como mais significativo. É mais um esboço de um mapa.

<sup>6</sup> #3. Você poderia delimitar o centro? [*Peça que a pessoa justifique as escolhas dos limites*]

<sup>7</sup> #7. Agora, gostaríamos de saber quais elementos do CENTRO de Campinas você considera especiais. Podem ser grandes ou pequenos, mas diga-nos algo sobre aqueles que, em sua opinião, são mais fáceis de identificar e lembrar. 7a. Poderia descrever [ELEMENTOS MENCIONADOS] para mim? Se você fosse levado para lá de olhos vendados, ao ser tirada a venda quais indicadores usaria para identificar o lugar onde está? 7b. Você sente alguma emoção/sentimento específico em relação a [ELEMENTOS MENCIONADOS]? 7c. Poderia me mostrar, no seu mapa, onde fica [ELEMENTOS MENCIONADOS]?

<sup>8</sup> #9 Você conhece algum mirante ou panorâmica da cidade? Onde? Pode me descrever a paisagem que se vê de lá? [*É importante localizar especificamente cada uma das panorâmicas*]

paisagem em escalas mais amplas, permitindo perceber relações entre as formas e a própria estrutura da cidade.

Há, no conjunto de questões, aquelas que evocam, especificamente, o senso de direção e orientação do entrevistado na cidade. A #7c, que solicita que o entrevistado localize os elementos do Centro que considera importante em seu mapa e a #8<sup>9</sup> que pede que, se possível, o entrevistado aponte a direção norte no seu mapa. O entrevistador deve observar e anotar as estratégias utilizadas pelo entrevistado para determinar os pontos cardeais.

Um terceiro conjunto de informações é procurado nas questões que levantam dados sobre a imageabilidade de Campinas para os moradores: as questões #1, #3, #4 e #6.

A questão #1 ao pedir a descrição da imagem de Campinas e sua descrição, procura entrever se há elementos que predominam quando refletem sobre a imagem da cidade.

As questões #3 e #4<sup>10</sup>, incluídas para auxiliar nas discussões mais específicas sobre a área central da cidade, perguntam respectivamente sobre quais seriam os limites do Centro e qual seria o coração do Centro. Essas questões buscam trazer informações sobre como as pessoas lêem a cidade, o modo como ela se estrutura.

A questão #6<sup>11</sup>, ao pedir sensações que o entrevistado tem durante seu trajeto cotidiano, busca associação entre lugares e elementos da forma por um lado e emoções, sentimentos, opiniões, por outro.

Para conceber, compreender e se preparar para a aplicação deste questionário, foram realizadas oficinas com toda a equipe sobre *A imagem da cidade* (LYNCH, 2003). A intimidade com os objetivos, conceitos e reflexões de Lynch contaram para auxiliar toda equipe a compreender o questionário, as informações que se intencionava obter e as estratégias para obtê-las. Esta preparação auxiliou os entrevistadores a melhor conduzir as entrevistas em acordo com os objetivos da pesquisa.

A preparação para realização do Q1, assim como do Q2, também contou com trabalhos de campo de reconhecimento do Centro (a área escolhida para aplicação dos questionários), discussões de equipe sobre Campinas e entrevistas de teste.

---

<sup>9</sup> #8. Poderia me mostrar, no seu mapa, a direção norte? [Anotar a forma como a pessoa definiu a direção]

<sup>10</sup> #4. Você poderia apontar qual o centro do Centro, ou seja, seu coração? [Peça que a pessoa justifique]

<sup>11</sup> #6. Você sente alguma emoção ou sentimento específico em alguma (ou várias) partes do trajeto? Quanto tempo você gasta para fazê-lo? Existem partes dele em que você sente meio perdido quanto ao lugar onde está, ou por todo o caminho você sabe exatamente onde está passando (nome do bairro, distância entre ele e sua casa, etc.)?

No que diz respeito ao Q2, este se difere por ser uma entrevista semi-estruturada. A intenção é que a entrevista tenha um tom de conversa, induzindo o entrevistado a realizar narrativas, onde as intervenções realizadas pelo entrevistador sejam dialogadas, e não coercitivas. Este tipo de entrevista, enquanto procedimento metodológico de pesquisas qualitativas, é utilizado na medida em que se tem como pressuposto a importância de como o sujeito (e seu pensar e agir) norteia as questões que a pesquisa se propõe a abordar (VAN MANEN, 1990; ALVES-MAZZOTI, 1998; CHIZZOTTI, 2006; FERREIRA; AMADO, 2006). Os pontos (pois não se caracterizam propriamente como questões) do Q2 são de dois tipos: sobre história de vida do morador e sobre seu espaço de vida, procurando revelar seu envolvimento com lugares da cidade.

O primeiro tipo de questões (#1 e #2)<sup>12</sup> busca resgatar a história migratória, desde os pais dos entrevistados, para reconstituir sua trajetória e a forma como se deu seu envolvimento com a cidade. As questões referentes às dificuldades de adaptação, comum a migrantes, investigadas na perspectiva dos espaços de envolvimento, permitem amarrar as trajetórias de vida pelo mercado de trabalho, escolas, lazer, parentesco e as casas e bairros por onde já morou na cidade.

O segundo tipo de questão do Q2 procura levantar a topologia do envolvimento com a cidade (questões #3, #4, #5, #6, #7). A #3<sup>13</sup> pergunta sobre onde residem amigos, familiares e outras pessoas dentro da cidade, oferecendo um quadro dos bairros onde o entrevistado costuma ir, compondo seu espaço de vida (MARANDOLA JR., 2011a). A #4 e #5<sup>14</sup> perguntam sobre os lugares aos quais vai com frequência e com que objetivo. A #6<sup>15</sup> indaga sobre o modo de locomoção geralmente utilizado (veículo individual, transporte público, a pé ou outros), pois o tipo de transporte orienta o modo como os indivíduos vêm e se envolvem com diferentes lugares da cidade, os caminhos que realizam, como agem e pensam em função de determinados lugares. Estas questões desenharam um quadro

---

<sup>12</sup> #1. *História migratória: Lugares onde viveu, trabalhos que teve, motivos das migrações.* Onde nasceu? Em que cidades já viveu? Quando (períodos)? Em que já trabalhou? Quais os motivos das mudanças de cidade? #2. *Origens dos pais, fazendo os mesmos questionamentos sobre lugares onde viveram, trabalhos, motivos das migrações.* Onde nasceram? Em que cidades já viveram? Quando? Em que já trabalharam? Quais os motivos das mudanças de cidade?

<sup>13</sup> #3. Onde moram parentes, amigos e outras pessoas com as quais trava relação na cidade? (*Localizar topologicamente na cidade*)

<sup>14</sup> #4. Qual sua rotina diária? Quais lugares frequenta, com que intensidade, motivo e companhias? #5. Quais seus hobbies, o que gosta de fazer na cidade?

<sup>15</sup> #6. Como se locomove na cidade? A pé, de ônibus, de carro?

significativo da mobilidade pela cidade e sua importância para a percepção da forma e para a própria experiência da cidade.

A questão #7<sup>16</sup> é mais direta; com esta buscamos informações sobre a qualidade de envolvimento dos entrevistados com espaços públicos tradicionais e de marcos da cidade. O objetivo era observar se tais lugares, importantes na história da cidade, eram de fato frequentados atualmente, o que apontaria para sua permanência na memória descolada do cotidiano atual.

A questão #8<sup>17</sup> procura informações sobre lugares de Campinas que sejam topofílicos e topofóbicos para o entrevistado; além de perguntar sobre as causas da apreciação ou não desses lugares. A lógica que os indivíduos apresentam sobre o gostar ou não dos lugares deve dar indícios sobre os elementos postos em jogo para gerar estes sentimentos.

Por fim, o último ponto do Q2<sup>18</sup> é um retorno sobre da imagem e paisagem de Campinas, ponderando este assunto, agora, sob a luz das discussões promovidas pelos questionários.

As questões funcionam como roteiro da conversa, permitindo que as narrativas sigam o caminho da memória do entrevistado. Quando a pessoa fala sobre seu espaço de vida, ele escolhe um nexos para dar coesão à narrativa e, conseqüentemente, às coisas, lugares, opiniões, revelando indícios de sua percepção e vivência da cidade: seu conhecimento experiencial. Este é a base para revisitar e refletir as questões a respeito da forma e imagem da cidade, levantadas pelo Q1.

A preparação dos entrevistadores para a realização do Q2, além da leitura do manual do entrevistador e da realização da entrevistas-teste, foram oficinas de leitura de textos e debate sobre metodologias qualitativas, percepção e cognição espaciais (OLIVEIRA, 1977; 2001; RELPH, 1979; TUAN, 1980; 1983; CARDOSO, 1986; FERREIRA; AMADO, 2006; MARANDOLA JR., 2005; CHIZZOTTI, 2006). A seguir, detalhamos as etapas das entrevistas e os produtos originados delas.

---

<sup>16</sup> #7. Qual seu envolvimento com os lugares e espaços públicos da cidade? [*Perguntar especificamente sobre Taquaral, 13 de Maio, Centro de Convivência, Estádios, Parque Ecológico, Souza/Joaquim Egídeo, Cambuí, Largo Carlos Gomes, Av. Francisco Glicério, Rua Barão de Jaguará*]

<sup>17</sup> #8. Lugares topofílicos, lugares topofóbicos. [*Explorar o porquê e tentar identificar como este sentimento se formou*] Quais lugares de Campinas você gosta? Por quê? Quais lugares não gosta? Por quê?

<sup>18</sup> #9. Discutir especificamente a questão da imagem e da paisagem da cidade, elucidando e aprofundando questões do Q1. [*Objetivo é encontrar elementos na história de vida que ajudem a entender perspectivas diferentes (não compartilhadas socialmente) sobre a paisagem e a imagem de Campinas*]

## 2.2 As entrevistas

Os entrevistados foram selecionados aleatoriamente, a partir de encontros em alguns dos espaços públicos mais movimentados do centro de Campinas, num sábado pela manhã (Largo do Pará, Centro de Convivência e Largo do Rosário). Esperava-se com isso selecionar pessoas que tivessem relação com o Centro (o recorte primário da coleta) e que pudessem ser potencialmente de qualquer lugar, inclusive de outra cidade, mas que mantivessem relação cotidiana com a cidade.

Os entrevistadores abordavam as pessoas, com um cartão onde havia uma foto panorâmica da cidade, iniciando uma conversa sobre a fotografia. A estratégia para atrair a atenção das pessoas era a raridade da imagem e a uniformização dos entrevistadores, com camisetas brancas da universidade e crachá. Ao explicar o objetivo da pesquisa, o entrevistador tentava agendar um dia, horário e local conveniente para a realização da entrevista, já que o tempo estimado para cada um dos questionários era de 60 minutos. Tal estratégia visava o desenvolvimento de compromisso e segurança entre entrevistador e entrevistado e meios de melhor gerir as entrevistas (refinamento nos meios de conduzir a entrevista, necessidade ou não de marcar mais entrevistas, etc.).

A equipe de 10 entrevistadores marcou, naquele dia, quase três dezenas de entrevistas, que passaram a ser realizadas ao longo da semana, em diferentes locais: no próprio espaço público onde fora marcada, em restaurantes, cafés, no local de trabalho do entrevistado. Ao final da primeira entrevista, marcava-se a segunda entrevista, no prazo de sete dias após o Q1.

O Q1 gerou os seguintes produtos:

1. **O áudio da entrevista:** importante, pois toda a questão da forma da cidade e percepção dela está contida em pequenos detalhes que poderiam passar despercebidos durante a entrevista;
2. **O Formulário Q1:** é o registro objetivo e qualificado das questões do Q1, feito pelo entrevistador. Este formulário traduz a entrevista e gravação em respostas às perguntas do Q1, incluindo observações e ponderações sobre as falas do entrevistado (ver exemplo de Formulário Q1 no Apêndice 2);
3. **Diário de campo:** onde o entrevistador faz o relato da entrevista, na forma de diário; um relato detalhado, reflexivo e narrativo. O diário é o momento de ambientalizar e contextualizar como foi a aplicação do Q1, entrando nele

percepções, ideias ou/e dúvidas do entrevistador. Entra também as reações, expressões e outras circunstâncias da aplicação do Q1.

A realização do Q2 gerou os seguintes produtos:

1. **O áudio da entrevista.**
2. **A História de Vida (Formulário Q2):** onde a entrevista é organizada em forma de narrativa pelo entrevistador; onde o exercício de ordenamento e reflexão da entrevista já traz ponderações sobre o envolvimento do entrevistado com a cidade. Neste formulário, a preocupação está em localizar a experiência do entrevistado no tempo e no espaço.
3. **A transcrição:** serve como registro completo da entrevista, facilitando quando a análise dos dados dependa de uma contraposição entre o formulário do Q2 e a entrevista na íntegra.

### **2.3 Delimitando: os elementos da forma urbana**

Para embasar a análise dos questionários, foi realizado o levantamento e análise dos elementos constituintes da forma, utilizando-se as categorias propostas por Lynch (2003): vias, limites, marcos, pontos nodais e bairros, para a região central de Campinas. Este levantamento foi fundamental, pois rendeu o entendimento do conjunto de elementos específicos que norteiam a forma da cidade e, conseqüentemente, sua orientação, legibilidade e imagem.

O levantamento dos elementos não foi restrito às categorias lynchianas e ao modo como o autor as identificava. Dada a diferença dos contextos socioespaciais e históricos, foi necessário repensar os modos de identificar os elementos da forma e seus principais atributos, adaptados ao contexto brasileiro e da própria cidade de Campinas.

Para levantar estes elementos, concernente à forma, é necessário prestar atenção à diferença da sua presença (e permanência) na memória, que não necessariamente se mantêm na paisagem. Esta constatação é fundamental especialmente pela diferença de condições de orientação e envolvimento que estabelecidos (ELIAS, 1994) e migrantes têm a seu dispor. Muitos lugares que são utilizados como referências de orientação na cidade, simplesmente não possuem mais **imageabilidade**: sumiram ou foram sobrepostos por outros destaques na paisagem. Isso não impede que antigos moradores continuem se orientando por eles, mas não há continuidade para com os migrantes que chegaram em

momento posterior, quando já não aparecia na paisagem. Nosso esforço foi por tentar destacar aquilo que é visível hoje na paisagem, em termos de forma, e não às permanências da memória. Outra orientação foi ponderar os elementos a partir de escalas: a partir de uma grande escala, procuramos identificar elementos fundamentais enquanto orientação e imagem para o conjunto da cidade, como um todo; e em menor escala, focamos o bairro Centro, procurando identificar, desta feita, elementos de amplitude regional, mas que orientam esta área.

O resultado é uma reinterpretação das categorias de Lynch, à luz do contexto de Campinas e do momento urbano atual:

- As **vias** devem **ter continuidade e ligar áreas da cidade**, sem estas vias as orientações e caminhos em Campinas seriam outros. Quando pensamos em vias, normalmente as visualizamos como se estivéssemos dentro delas, seguindo seu fluxo. Elas devem conectar grandes áreas da cidade, servindo de orientação e conectando, em suas pontas, partes significativas.
- O **ponto nodal** é o **elemento que leva ou permite às pessoas a escolha de diferentes caminhos, que propõe a mudança de direção**. Um exemplo claro de ponto nodal é uma rotatória (balão): une e sugere caminhos e direções dentro da cidade. Outros elementos, além de rotatórias, podem se configurar ponto nodal; como áreas de concentração de pedestres e pontos de especial interesse, que focalizam para si uma grande atenção, mas são areais, ou seja, não são marcos, são áreas de concentração e difusão de movimento.
- **Limites**, diferente das vias, são visualizados como **uma estrutura que corta (perpendicularmente) o fluxo** que estamos seguindo; “[...] funcionam como referências laterais” (LYNCH, 2003, p.69). É responsável por dividir diferentes unidades de paisagem. Pode ser uma rua, um rio, um paredão, uma cerca, etc.
- **Marcos**: pontos (lugares, prédios, praças) da cidade que **se destacam visualmente quando nos orientamos, que têm papel importante na orientação**. “Uma vez que o uso dos marcos implica a escolha de um elemento em um conjunto de possibilidades, a principal característica física dessa classe é a singularidade, algum aspecto que seja único ou memorável

no contexto” (LYNCH, 2003, p. 88). Eles precisam ter uma forma definida, que é facilmente identificável e muito legível.

- **Bairro: extensão areal dotada de unidade na forma (paisagem).** O levantamento dos bairros é o menos problemático, provavelmente, por este elemento já participar (diferente dos outros) do modo como vemos, estruturamos e discutimos cidade. No momento, concentramos o levantamento na área central da cidade, identificando bairros que fazem limite com o Centro. Mas, dado o objetivo da pesquisa e a particularidade da área central da cidade, identificamos também extensões areais que não são consideradas como bairro pelos campineiros, mas que se fazem presentes, possuindo diferentes unidades de forma e funções, a dividir o Centro de Campinas.

O resultado desse levantamento, já exposto preliminarmente na Figura 1, será detalhado e descrito na próxima parte do texto. A contraposição entre a forma e estruturação da cidade, com a apreensão do modo como os indivíduos percebem e experienciam essas formas, deve dar os subsídios para discutir a legibilidade, imageabilidade e, em função desses, como se consubstancia a vivência urbana em Campinas.

---

### **3. A IMAGEM DE CAMPINAS A PARTIR DA FORMA**

#### **3.1 Legibilidade e ilegitimidade: identificando os elementos da forma<sup>19</sup>**

O pressuposto da ilegitimidade de Campinas vem da própria experiência compartilhada dos migrantes e de seus visitantes que têm dificuldade em se localizar, orientar-se ou mesmo de mencionar um aspecto preponderante de sua paisagem. Podemos pensar várias possibilidades para a dificuldade de leitura que a paisagem de Campinas oferece. Vamos ensaiar algumas aqui.

O primeiro elemento importante a se mencionar é a ausência de tomadas panorâmicas. Há poucos pontos em que se pode ter uma visão geral da cidade, ou que se pode ter um horizonte mais amplo. Isso ocorre por dois diferentes motivos. O primeiro é pelo próprio sítio urbano: localizada entre a Depressão Periférica Paulista e o Planalto Atlântico, a maior parte da malha urbana está em terrenos erodidos de leves aclives e declives, com vales pouco encaixados e terrenos arenosos. Além disso, a área central, intensamente verticalizada, localiza-se em áreas de várzea, originadas de três campos à beira de córregos que serviam de parada para tropeiros e viajantes pela antiga estrada dos Goyases (SANTOS, 2002).

As grandes rodovias, que circundam este Centro consolidado, por outro lado, também não oferecem uma visão geral da cidade, pois os interstícios de divisores de águas entre o centro baixo e as rodovias são mais elevados, impedindo assim uma visão geral.

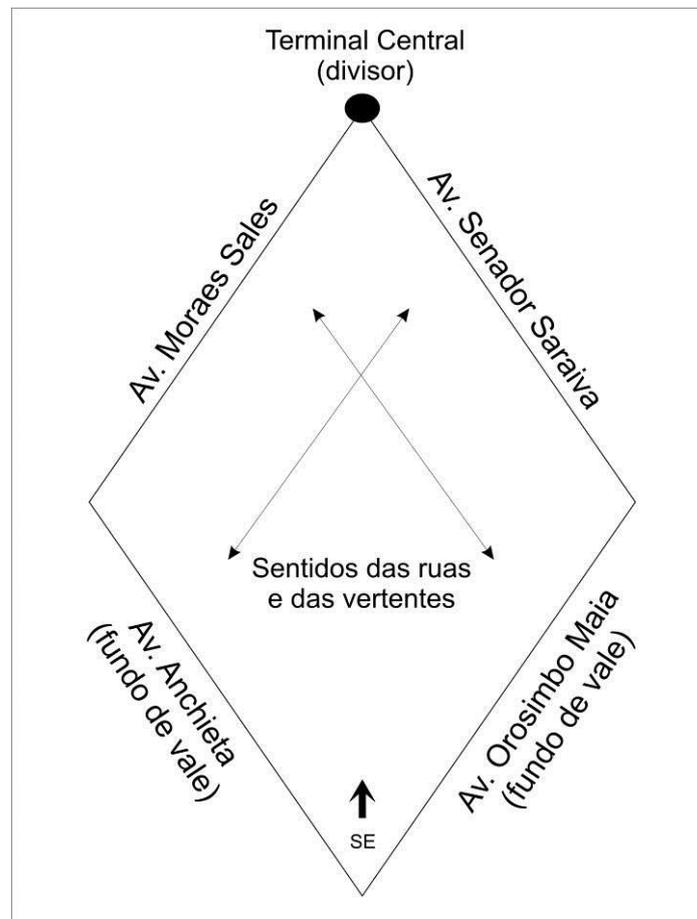
O segundo motivo que impede a visão de panorâmicas em Campinas é a intensa verticalização. Com os arruamentos centrais do século XIX (LAPA, 1996), alguns até anteriores, acompanhando de forma irregular as vertentes centrais que sobem-descem dos córregos transformados em avenidas (Av. Anchieta e Av. Orosimbo Maia, especialmente), apesar de serem majoritariamente retificados posteriormente, seu sentido é diagonal ao relevo, dificultando a visão fora da linha da rua (Figura 2). Soma-se a isso a intensa verticalização do centro e de bairros vizinhos (Botafogo e Cambuí, especialmente), principalmente a partir dos anos 1970, limitando a visão panorâmica ou do próprio horizonte, esteja você no divisor, esteja no fundo do vale.

---

<sup>19</sup> Alguns elementos deste item foram discutidos em Marandola Jr. (2011b).

A verticalização é importante porque escondeu a paisagem da cidade da visão oblíqua, da tomada do chão. Fotos da cidade até a década de 1950 sugerem uma outra relação com a imagem e a paisagem da cidade: as vertentes eram propícias à tomada de visão de marcos dispostos em pontos estratégicos, como a Torre do Castelo, a Igreja Matriz, a Estação da Fepasa (localizada exatamente no divisor do centro com a Vila Industrial), Liceu Salesiano, entre outros. Estes se destacavam no horizonte, aproveitando-se das vertentes para tornarem-se especialmente visíveis, desaparecendo aos poucos à medida que a verticalização muito densa, ocupando os pequenos terrenos e arruamentos do século XIX transformou boa parte da região central em uma massa de concreto elevando-se irregularmente desde a linha das calçadas, em todas as direções.

**FIGURA 2** - Esquema da orientação do centro de Campinas



Fonte: Projeto Campinas, Nepo/Unicamp, 2010.

Mas não é apenas pelo impedimento físico que a imagem de Campinas é difícil de ser mirada. A degradação do espaço construído de partes da cidade (não apenas do Centro) é um fator fundamental que produz a dificuldade de leitura pela repulsa e pela invisibilidade

seletiva. Fachadas e prédios pichados, sem manutenção, escuros e sujos se confundem, tornando pouco discerníveis suas características próprias. Por outro lado, a topofobia acaba associada a toda a região central, colaborando para sua invisibilidade e para a gradual preferência por outros lugares ou mesmo à passagem por ele cada vez mais rápida, desfocada e desatenta. O Centro topofóbico não chama atenção por seus atributos, mas pelas ausências de interesse e até de vida, como figura no imaginário da cidade. Se há vida é aquela da marginalidade, da degradação do espaço físico que se estende ao ser humano.

Outro ponto importante para pensarmos a ilegitimidade de Campinas é o processo que tem ocorrido em tantas cidades ao redor do mundo: as mudanças do papel do centro enquanto centralidade, difusor simbólico e econômico da identidade da cidade. É um questionamento renovado qual é o papel dos centros urbanos neste cenário de dispersão e fragmentação do tecido urbano. Com a criação de outras centralidades dispersas (como os shoppings), cresce o desinteresse do mercado imobiliário e de setores privilegiados das cidades pelas áreas centrais (REIS, 2006). Em Campinas, este processo de mudanças de usos por setores privados e públicos no centro da cidade foi bem documentando, levantando complexas questões sobre seus usos e funções, inclusive no campo do patrimônio arquitetônico cultural (PAES-LUCHIARI, 2006).

Por fim, um último elemento que pode ser arrolado, o qual está diretamente relacionado aos dois anteriores, é a fragmentação do tecido urbano, a qual acarreta dificuldades de mobilidade e conseqüentemente uma experiência fragmentada da cidade. Com a cidade sendo vivida cada vez mais em partes fragmentadas que pouco interagem (MARANDOLA JR.; DE PAULA; PIRES, 2006b), a formação de uma imagem social, coletiva da cidade, que historicamente esteve associada ao centro urbano (MUMFORD, 1998), vai esmaecendo. A imagem da cidade fica menos nítida se seu centro perde esta capacidade agregadora simbólica e social cotidiana.

Para avançar nesta descrição, vamos discutir os elementos específicos da forma e estrutura de Campinas, a partir das categorias lynchianas.

### *3.1.1 Marcos*

1. **Relógio do Itaú/Edifício Mirante:** o Edifício Mirante é um prédio de 30 andares, localizado na Avenida Moraes Sales, ao lado do Viaduto Cury, no trecho em que a avenida se eleva para se conectar ao elevado. É um dos

edifícios mais altos de Campinas, mas o que o potencializa como marco é o painel eletrônico, comumente chamado pelos campineiros de Relógio do Itaú, que está no topo do Edifício Mirante. São na realidade três painéis luminosos voltados para leste, norte e oeste. De dia só a marca do Itaú é visível; ao pôr-do-sol, os painéis são ligados e o Relógio se torna visível à noite, especialmente à distância, pois além da altura de destaque no *skyline* da cidade e a iluminação bastante movimentada (a luz azul de fundo e o letreiro do Itaú em laranja, acendem e apagam continuamente, hora e temperatura em luz branca e estrelas vermelhas se alternam abaixo do quadro azul) faz com que tenha maior destaque na paisagem. Portanto, a situação do edifício no relevo (na parte mais alta da área central), sua altura e o Relógio que se torna luminoso a partir do pôr-do-sol são as principais características que tornam o Edifício Mirante/Relógio do Itaú um marco (ele referencia aquela parte do centro). No entanto, para um observador localizado no centro, sua visibilidade é maior na área a oeste da Avenida Francisco Glicério, a leste desta é outro edifício que se sobressai como marco (o Shopping Jaraguá Conceição/Centro Empresarial Conceição).

2. **Shopping Jaraguá Conceição/Centro Empresarial Conceição:** prédio de 28 andares, que se destaca na paisagem por suas dimensões e pelo jogo de cor e estrutura da fachada, que se repete na vista de fundos. A edificação em formato retangular, orientada no sentido leste-oeste, tem uma ampla fachada branca, pontilhada de janelas de vidro escuro e espelhado, no topo há um semicírculo e, nas extremidades, duas torres na cor grafite, que ultrapassam a fachada branca, onde se localizam inúmeras antenas. Outros detalhes singularizam a fachada, como uma faixa vertical, na cor grafite, que acompanha duas fileiras de janelas, na parte central do edifício, de onde saem duas colunas cilíndricas brancas que parecem suportar o último andar. Esse mesmo padrão da fachada se repete no lado oposto, o que permite o reconhecimento do prédio tanto visto do norte quanto visto do sul. Situado na parte baixa da Rua Conceição, cercado por prédios altos, sua visibilidade aumenta com a distância, predominando no skyline da cidade, assim como

para um observador localizado no Centro (embora sua visibilidade seja maior na área a leste da Avenida Francisco Glicério).

3. **Torre do Castelo:** Próximo a área central, no ponto alto (divisor de águas) na direção noroeste, no centro do balão do Castelo (espaço aberto, circular, calçamento claro) se ergue uma torre circular (com 27 m), robusta (dada pela relação entre altura e largura), na cor bege, com janelas na altura intermediária e aberturas no alto, que configuram o mirante. Holofotes circundam a Torre, iluminando-a à noite. Postada no centro do balão (que abre um espaço circular entre ruas e construções), contrasta com o entorno, chamando atenção para si.
4. **Palácio da Justiça (antigo Fórum):** edifício de apenas cinco pavimentos, de linhas retas, o pavimento térreo é revestido externamente por uma faixa de mármore negro, contrastando com as paredes externas dos demais pavimentos, que tem acabamento texturizado bege. Situado nos fundos da Praça Guilherme de Almeida, ocupando toda a extensão da quadra entre a Avenida Dr. Campos Sales e a Rua General Osório, cujo desnível é vencido por uma ampla escadaria; a qual confere imponência ao acesso do Palácio da Justiça. Nos fundos do prédio passa a Rua José Paulino, que se alarga apenas nesse trecho, estreitando-se novamente após cruzar a Rua General Osório. Isso cria um amplo espaço para visualização do Palácio da Justiça, para quem vem da Avenida Dr. Campos Sales, que na quadra entre a Rua José Paulino e Rua Regente Feijó, do lado oposto ao Palácio da Justiça, possui prédios antigos, assobradados, totalmente ocupados por comércio no térreo, que contrastam não só com o mármore negro do outro lado da calçada, mas com o pouco movimento de pedestres na sua lateral. Com sua arquitetura peculiar, os prédios do entorno não o ofuscam; as paredes laterais e de fundo do edifício (que é um verdadeiro bloco) vai até os limites da calçada, sem recuo. Na frente do Palácio da Justiça, a Praça Guilherme de Almeida (onde se localizava a Igreja do Rosário, demolida para alargamento da Avenida Francisco Glicério) é uma praça densa, olhando-a de perto: árvores, arbustos, canteiros altos, bancos sólidos de concreto, bancas de jornal, uma fileira de cadeiras de engraxates e um contingente de pessoas (ofertas de emprego,

pastores, troca de figurinhas, etc). Essa densidade oculta um pouco a vista do prédio olhando-o da Avenida Francisco Glicério. Outro elemento que dá um pouco de peso ao lugar é o resultado da intercalação de cores do pavimento da praça (pedras portuguesas pretas e brancas) que formam barras paralelas à fachada do edifício, barrando e adensando o olhar diante dele (barras perpendiculares conduziriam o olhar longitudinalmente em direção ao prédio). O Largo do Rosário, do outro lado da larga Avenida Francisco Glicério, garante a visibilidade do marco à distância, onde mesmo a poluição visual da Praça Guilherme de Almeida não impede sua presença marcante dominando a região.

### *3.1.2 Pontos nodais*

1. **Viaduto Cury/Terminal Central:** Via elevada para superar o pátio ferroviário, é uma das portas de entrada da cidade, ligando o centro à região Sul e Sudoeste. O elevado é intuído na declividade dos relevos das Avenidas Senador Saraiva, Moraes Sales e João Jorge. A subida que as três avenidas fazem ao aproximar-se dele é sentida e vista à distância. No entanto, é andando pelo elevado e passando por baixo dele que ele é mais evidente enquanto forma. De cima, ele é uma estrutura ovalada em desnível, mais alta na junção com a Avenida João Jorge e mais baixa na Avenida Senador Saraiva. Chamam atenção: a grade de proteção que acompanha toda sua extensão, feita em material metálico e projetando-se para dentro, ao lado da grade (com menos de um metro de altura), margeando o elevado, há uma estreita passagem de pedestres; no vão central do elevado, a presença da armação metálica do telhado do terminal de ônibus, além da miríade de tetos de barracas de comércio popular que ocupa toda a parte interior do elevado. Os telhados ficam na altura da via que circundando o terminal dá forma ao viaduto, dando uma sensação de preenchimento. Vista de baixo, para os pedestres, é uma grande estrutura circular, próxima à linha reta do pátio ferroviário, com estruturas de concreto (as estruturas do elevado propriamente ditas, pontes e passarelas que dão acesso ao elevado), “puxadinhos” e barracas no seu entorno e canteiros com múltiplos caminhos.

No que se refere à sua função de ponto nodal, ela se dá principalmente pela confluência que o Viaduto promove em múltiplos sentidos. Em primeiro lugar, sua própria condição de entrada da cidade, para a região central, já lhe confere um sentido de mudança. Como é circular e oferece desvios e várias saídas, é um ponto de mudança de direção. Além disso, as avenidas que ele interliga têm tanto o sentido de entrada-saída da região central quanto de entrada-saída da cidade (Avenida João Jorge se transforma em Avenida Prestes Maia e Moraes Sales vira a Rodovia Heitor Penteado). Por fim, o Terminal Central promove uma circulação e afluência de pedestres que estão realizando baldeações, esperando, mudando o ritmo (pode se dizer que é um ponto nodal em dois níveis, pois a via que passa embaixo do viaduto, margeando a linha do trem, também permite várias conexões – com o próprio viaduto, com o centro, com a Av. Moraes Sales, com a Avenida Andrade Neves e com a Av. Aquidaban).

Outro ponto essencial é sua posição na topografia do centro. Ele está exatamente no topo, como que sinalizando o início do Centro. É o divisor de águas, limitado pelo pátio ferroviário. As ruas, desenhadas pelo próprio relevo, conduzem para o terminal central. Pensando no Centro como um losango em que a ponta superior está mais elevada, o Viaduto Cury é esta ponta, sendo as Avenidas Moraes Sales e Senador Saraiva as duas retas que levam a ele.

Sua centralidade, sua forte legibilidade de forma e seu papel enquanto articulador de trânsito de carros e de ônibus, além do forte fluxo de pedestres, conferem-lhe uma posição de destaque em todo o tecido urbano, servindo como grande ponto nodal de Campinas.

2. **Balão do Castelo/Praça 23 de Outubro:** Talvez a maior rotatória da cidade, o chamado Balão do Castelo (alusão ao bairro, embora esteja ainda no Jardim Chapadão), articula e distribui todo o fluxo (de veículos, pedestres) da região NE a partir do centro. A Avenida Andrade Neves, que vem diretamente da antiga Estação Ferroviária, se orienta em seu trecho central unicamente para a direção do Balão, tendo depois da Rua Delfino Cintra, já no trecho do bairro

Botafogo em diante, um fluxo de mão dupla na via, sendo também acesso ao Centro para toda aquela parte da cidade.

A centralidade do balão está no número de avenidas e ruas que afluem e partem dele e como a orientação delas é radial e angulada, abrangem todas as direções: Avenida Andrade Neves (leva ao Centro); Avenida Alberto Sarmiento (direcionando o fluxo para região Sudoeste, Avenida Lix da Cunha, Avenida Governador Pedro de Toledo e a até mesmo a Avenida John Boyd Dunlop); Avenida Andrade Neves trecho Norte, que chega ao balão do Tiro de Guerra onde há nova bifurcação importante: Avenida Luiz Smanio (que conduz para Estrada dos Amarais, Rodovia General Milton Tavares de Souza e Lagoa do Taquaral), Avenida Papa Pio XII (Brigada Militar) e Rua Bento da Silva Leite (que articulam o fluxo local que corta o Jardim Chapadão); Avenida José Francisco C. de Andrade (levando para Avenida Brasil e Lagoa do Taquaral); Rua Santo Antonio Claret (que se transforma, três quadras à frente, na Avenida Marechal Rondon que leva ao Balão do Tavares e à Avenida Lix da Cunha). Há ainda outras duas que, embora com um trânsito mais localizado, também servem de fluxo para grandes áreas de bairros: a Rua Oliveira Cardoso, que corta todo o Guanabara até o Bosque dos Alemães, e a Avenida João Erbolato que estrutura todo o Jardim Chapadão.

Por outro lado, o balão está no divisor de águas e o desenho das ruas do seu entorno foi construído de forma radial, acentuando sua centralidade. Visualmente, a Torre do Castelo (uma caixa d'água de 27m de altura) toma toda a atenção, podendo ser vista de longe pela maioria das ruas que afluem ao Balão.

O comércio e os serviços no balão e nas adjacências configuram um sub-centro, o que gera grande fluxo de pedestres de todas as direções, bem como linhas de ônibus, taxis etc. Essa centralidade está impressa na forma da Praça 23 de Outubro (o nome do balão propriamente dito), e o destaca do marco que é a Torre (Torre Vitor Negrete), sempre iluminada e com suas janelas (mirante) abertas para as quatro direções da cidade.

3. **Prefeitura/Palácio dos Jequitibás:** A Prefeitura está localizada em uma área limítrofe, de mudança nas formas e nos ritmos espaço-temporais. Avenida

Anchieta está sobre o traçado do antigo córrego que corria neste fundo de vale. O imponente edifício da Prefeitura foi construído, vertente acima, frontalmente, o paço ocupa toda a extensão da quadra. Localizado a alguns metros do antigo fundo de vale, ele se ergue num espaço aberto, envolto em grandes árvores (destaque para os Jequitibás), o térreo de mármore branco com “pé direito” muito alto sustentado por amplas colunas e 20 andares envidraçados com quebra-sóis em metal. Os prédios que abrigam o Museu de Arte Contemporânea de Campinas e a Biblioteca Municipal Ernesto Manoel Zink completam os elementos estruturais que compõe a área da Prefeitura (o Museu e a Biblioteca se conjugam à Prefeitura por escadas e uma rampa em diferentes lugares; pequenas áreas dotadas de bancos e jardins preenchem a declividade entre estes prédios e a marquise de mármore).

Como a maioria das funções administrativas da cidade está localizada ali no Palácio dos Jequitibás, afluem pessoas de todas as direções, mas especialmente da região central (o fluxo de pessoas é diversificado e intenso). As escadarias que levam os pedestres do nível da rua até a marquise foram por muitos anos um dos pontos de encontro dos campineiros, prática agora diminuída em virtude da proibição de se sentar nas escadas (paços naturais perfeitos devido à elevação do terreno).

Sua localização no cruzamento da Avenida Anchieta (que faz a conexão da Avenida Moraes Sales com a Avenida Orozimbo Maia), com a Rua Barreto Leme (que articula o centro ao Cambuí e à região leste da cidade) e com a Rua Benjamin Constant (que liga o Cambuí com o Centro, os túneis e a Avenida Lix da Cunha) torna a Prefeitura um importante marco de referência para a tomada de decisão para diferentes direções da cidade. As inúmeras linhas de ônibus com paradas na Avenida Anchieta e na Rua Benjamin Constant, nas proximidades da Prefeitura, atestam o papel articulador desse trecho com várias regiões da cidade. Embora o prédio da Prefeitura só seja distinguível de outros prédios da cidade quando se está na Avenida Anchieta ou, mais especificamente, chegando nesta a partir da Rua Barreto Leme, a forma peculiar do Palácio dos Jequitibás predomina na paisagem, dando unidade visual ao ponto nodal.

4. **Centro de Convivência/Praça Imprensa Fluminense:** uma grande praça (da Imprensa Fluminense) em formato circular. Duas ruas importantes na articulação Centro-Bairro tangenciam o círculo (Rua Conceição vindo do Centro e Rua General Osório indo para o Centro), e uma terceira via, perpendicular às anteriores (Avenida Julio de Mesquita), que canaliza um grande fluxo de veículos que atravessa o Cambuí no sentido NO-SO, até a Avenida Moraes Sales, é interceptada pela praça. O fluxo de veículos contorna a praça, que é complementada por um trecho da Rua Antônio Cezarino, de um lado, e Rua São Pedro, do outro.

Olhando a partir das vias que levam ao Centro de Convivência, não é possível divisar o formato circular da praça; tem-se apenas a perspectiva do fim da via (formando um “T”) junto a uma área arborizada, quando se vem de qualquer sentido da Avenida Julio de Mesquita e a partir das vias que a tangenciam, não é possível intuir a presença da praça e seu formato circular. A praça possui, além de um arvoredo concentrado em alguns pontos, amplas calçadas que permitem o passeio da população do entorno e a realização de uma grande feira de artesanato aos sábados e domingos pela manhã (*Feira Hippie*), um dos motivos de atração de pessoas de toda a cidade para a praça. Seu formato circular é acentuado, para os pedestres, pela presença do anfiteatro no centro da praça, pelo qual a circulação em seu interior foi interdita, impingindo caminhada circular para se atravessar o Centro de Convivência.

O fluxo de pessoas que se dirige para a praça, em virtude tanto da forma quanto dos atrativos, configura outro ponto relevante que a caracteriza como ponto nodal. O fluxo parte especialmente do centro, mas também de toda a região e, especialmente, de toda a cidade. Como uma praça, que envolve várias ruas, ela promove a mudança das direções além de congregar o fluxo em virtude dos eventos com diferentes periodicidades e o comércio ou a própria praça, que atraem transeuntes em atividades diversas, turistas, moradores da região ou pessoas de qualquer parte da cidade que tem no Centro de Convivência uma referência para toda uma área específica da cidade.

Visualmente, a praça é “difusa”, sua forma recebe atenção mais pelo contraste em relação ao seu entorno do que por sua clareza. A largura dos caminhos, a disposição dos bancos e arvoredos pela praça, o anfiteatro aninhado no centro: as formas orientam as pessoas para “adentrar e se perder, ficar”; as formas não são afeitas para a praça ser enxergada totalmente, ser transparente/permeável, visível (em acordo com Lynch, a forma difusa corresponderia a perda de oportunidade para potencializar uma orientação mais clara dentro da cidade).

O nome Centro de Convivência, na verdade, é o nome do complexo construído no centro da praça que inclui uma sala de teatro, um teatro de arena, galeria e outros ambientes que atualmente são utilizados como sede da Orquestra Sinfônica de Campinas e uma sala de concertos de Câmara.

No entorno da praça estão vários prédios residenciais que possuem em média 30 anos de idade, com seus 20 andares, comércio, alguns cafés e o City Bar, um dos pontos de encontro mais populares da cidade.

5. **Largo do Rosário:** espaço aberto na região central, tradicional largo campineiro que articula um conjunto de elementos que constituem o ponto nodal: o Largo do Rosário e a Praça Guilherme de Almeida (onde está o Palácio da Justiça, um marco) abrem espaço entre os edifícios presentes principalmente na Avenida Francisco Glicério, um “T” se forma pelo fim da Avenida Dr. Campos Sales na Avenida Francisco Glicério, o fluxo de veículos é distribuído para esta avenida e para a Rua José Paulino, que passa atrás do Palácio da Justiça, e parte segue pela Rua General Osório, que dirige o fluxo para a Avenida Anchieta a partir do Palácio da Justiça.

O sistema viário do entorno ajuda a área dos largos a se tornar um marco importante para a tomada de decisão, posto que a Avenida Dr. Campos Sales “termina” na Avenida Francisco Glicério na altura do Fórum (referência mais importante para caracterizar o fim da Avenida Campos Sales do que o Largo do Rosário). A praça e o largo são visualmente (e também a pé) permeáveis; ponto de confluência de caminhos (de fins, inícios e passagens).

O largo e a praça possuem calçamento claro, abrem espaço entre a densidade de formas e cores das construções, provocadas pela presença do comércio.

Dois edifícios de mais de 20 andares formam uma diagonal imaginária sobre as avenidas (um na esquina da Avenida Dr. Campos Sales com Avenida Francisco Glicério e outro na esquina desta com a Rua General Osório). A Praça Guilherme de Almeida possui em suas laterais a concentração de árvores, bancos, uma fileira de cadeiras de engraxates e um ponto de táxi (tudo densificando a praça junto as suas laterais), o Largo do Rosário assoma com menor conteúdo no seu espaço aberto, as árvores são menores e mais escassas (também posicionadas nas laterais), possui bancos e um espaço aberto ao centro, sem nenhum obstáculo (a não ser os postes de luz, de feição antiga).

### 3.1.3 Vias

1. **Av. Francisco Glicério:** (tem início na Avenida Barão de Itapura como uma via comum, tem movimento descendente até cortar a Avenida Orozimbo Maia quando apresenta um aclive até encontrar com a Rua Delfino Cintra, a partir desse ponto a avenida se alarga, com quatro faixas, até encontrar a Avenida Aquidaban. A leve inclinação do terreno e os edifícios situados nas suas margens conferem certa monumentalidade a este último trecho da avenida.) a partir da Avenida Orozimbo Maia ela é uma via estreita, e inclinada; cujo sentido do trânsito é norte-sul (subindo esta declividade). Ao fim da subida a avenida se alarga, se torna via com quatro pistas de rolamento. Ela recebe grande fluxo de veículos e pessoas, cortando o coração do Centro; liga a Avenida Orozimbo Maia à Avenida Moraes Sales (conectando norte e sul da área central), assim como recebe fluxo das Avenidas Anchieta e Senador Saraiva. No interior de um conjunto de ruas estreitas, a Avenida Francisco Glicério é a via larga; possuindo quantidade considerável de edifícios altos. Suas calçadas são mais largas do que aquelas das ruas estreitas e a avenida não possui árvores; as fiações, os letreiros, a densidade de chamativos visuais na altura do horizonte (dada a concentração de comércio) faz com que pouco se atente a sua verticalidade (formada pelos edifícios de vários andares).
2. **Av. Moraes Sales:** se destaca também por ser outra via que é larga dentro do conjunto de ruas estreitas do Centro. Recebe intenso fluxo de pedestres e

veículos, mas sua localização tangencia o coração do centro, diferente de adentrá-lo (como a Avenida Francisco Glicério). A avenida se inicia a partir do Viaduto Cury, que abre caminho para as duas partes da via (cada qual com três pistas de rolamento) levando os veículos no sentido oeste-leste. A diferença entre as duas partes da via é que uma permite a entrada dos veículos para o norte do Centro e para a pista interna da Av. Anchieta; enquanto a outra permite a entrada para o sul, levando para a direção da Av. Aquidaban e para a pista externa da Av. Anchieta; e o percurso da avenida leva até o bairro Nova Campinas, se tornando, mais a frente a Rodovia Heitor Penteado, que leva aos Distritos de Souza e Joaquim Egídio.

Possui altos edifícios, assim como construções de um ou dois andares onde funcionam comércio e serviços. Possui um conjunto de pontos de ônibus para diversas partes da cidade, com grande movimento de pedestres, especialmente no trecho entre o Viaduto Cury e a Avenida Francisco Glicério; recentemente, este conjunto de pontos foi unificado e reorganizado, se tornando “Estação de Transferência Moraes Sales”. Para implantação da estação de transferência as calçadas foram reformadas, alargadas e elevadas, possui bancos e cobertura de estrutura azul e vidros nas laterais, com informações dos trajetos, frequência nas diferentes horas do dia e um mapa de localização da Estação e elementos da área central da cidade.

3. **Avenida Brasil:** figura como saída e entrada da área central, ligando a região noroeste da cidade com o Centro. Avenida larga, com duas pistas de rolamento por sentido, divididas por um canteiro central. Se conecta às Avenidas: Orozimbo Maia (que leva ao centro), Barão de Itapura (que liga bairros a nordeste e a sudoeste da região Central), Francisco Camargo (ligando com o Castelo), Imperatriz Leopoldina (com o Taquaral), Theodureto de Camargo (que leva ao Taquaral e cruza a Rodovia General Milton Tavares de Sousa, levando ao Distrito de Barão Geraldo), terminando na Estrada dos Amarais, que liga a região noroeste do Município e a região do Matão, no município de Sumaré. Esta via possui arborização, mas não densa, e não há muitos edifícios altos. Há atividades comerciais por toda sua extensão, mas os serviços e comércios oferecidos são diferentes do que se concentra na área

central: há o shopping (atualmente desativado), empresas de consultoria, escritórios de advogados, clínicas médicas, o Seminário e Universidade Presbiteriana Mackenzie, pelo menos quatro lojas de rede de *fast food* (Habib's, Subway, MacDonal'd's e Burger King) e poucos edifícios residenciais. O comércio e os serviços nesta avenida são mais específicos, não há muita movimentação de pedestres nas calçadas e geram menor poluição visual nesta via em relação aquelas no interior da área central.

4. **Avenida José de Souza Campos (Norte-Sul):** é uma ampla avenida construída nas margens do Córrego Proença, que está canalizado em sua maior parte, formando um grande canteiro central, com três pistas de rolamento por sentido. Tangencia a área central no sentido norte - sul, dando continuidade à Avenida Princesa d'Oeste, que liga com a região sudeste do município (e com Valinhos). No outro extremo conecta a Avenida Júlio Prestes e Rodovia Miguel Burnier, saída para a Rodovia Adhemar de Barros (SP-340). Recebe o fluxo de veículos da Avenida Aquidaban, vindo da Avenida Prestes Maia (entrada da cidade para quem vem da Rodovia Anhanguera) que acaba no início da Avenida Norte-Sul, nessa altura também cruza com a Avenida Moraes Sales. A Rua Barreto Leme termina na Avenida Norte-Sul, trazendo fluxo do Centro e do Cambuí, e a Avenida Orosimbo Maia nela se inicia, na altura do Correio Popular, referência ainda utilizada, embora não exista mais. É uma avenida aberta e clara, com paisagismo elaborado no canteiro central, que se transforma em um parque onde o córrego não está canalizado. Sua atual estrutura é resultado de uma grande intervenção contra enchentes frequentes naquela avenida, há alguns anos. Após sua remodelação teve início a construção de edifícios com arquiteturas de apelo sofisticado, que abrigam hotéis, escritórios, concessionárias de veículos, entre outros comércios e serviços voltados para as camadas de maior renda. O fluxo principal é de veículos, com poucas pessoas andando nas calçadas (embora seja utilizada com frequência para caminhadas).
5. **Avenida das Amoreiras:** estreita e sinuosa, traz a sensação de aperto em função do grande movimento de veículos, principalmente de ônibus, e da pista exclusiva de ônibus e seus pontos de parada, que ocupam as faixas

centrais da avenida, com duas faixas de rolamento para carros em cada sentido. Faz a interligação do Centro com a região sudoeste do município. Entre seu início na Av. João Jorge (onde um olhar atento pode ver o restante de uma pequena fileira de amoreiras) e na altura do bairro São Bernardo há uma descida e subida acentuadas, devido ao fundo do vale do Córrego Piçarrão, que passa sob a avenida (o alto desnível entre os divisores de água e o fundo do vale permite uma visão panorâmica da área). Obras recentes ampliaram a passagem da Avenida das Amoreiras sob a Rodovia Anhanguera, numa região com leve declive que dá grande visibilidade para a rodovia, reforçando seu papel de limite. Outra declividade abrupta, junto ao Tancredão, marca o fim da avenida, quando acaba o corredor exclusivo de ônibus e faz um ziguezague desajeitado para alcançar a Rua Piracicaba, com duas pistas de rolamento por sentido, que se conecta com a Avenida Ruy Rodriguez, que chega até a região sudoeste do município, proximidades ao Terminal Ouro Verde.

Ao longo da via predomina a atividade comercial; nos anos 1950 o comércio se instalou em pequenas casas, resquício da arquitetura residencial do contexto socioespacial da época (casas populares, nos confins de Campinas). Atualmente é possível observar, também, comércios em edificações maiores, mais sofisticadas, construídas especificamente para tal fim. O comércio é responsável por poluição visual, as árvores são escassas. Proliferam ruas que atravessam ou terminam na Avenida Amoreiras, ligando esta aos interiores dos diversos bairros que são cortados ou limitados por esta via.

6. **Avenida Andrade Neves:** via larga e reta, com início na Antiga Estação Ferroviária e final na Praça 23 de Outubro/Balão do Castelo (ponto nodal que direciona o fluxo para diferentes áreas), com aclave bastante acentuada entre o bairro Botafogo e o Castelo. Com orientação noroeste-sudeste, ela liga a região noroeste à área central, com grande fluxo de veículos. Na sua porção mais central (entre a Estação e a Avenida Barão de Itapura) esta via funciona em sentido único, em direção ao Castelo, e tem trânsito mais intenso. Este trecho se caracteriza por diversos edifícios empresariais voltados principalmente à área médica (Hospital Vera Cruz, Hospital Penido Burnier,

prédios de clínicas e consultórios), pelo comércio popular junto à rua e hotéis populares (em geral ocupando antigos prédios residenciais do período cafeeiro), resquício da proximidade com a Rodoviária, implodida em 2010, que funcionou por mais de 30 anos na esquina da Avenida Andrade Neves com a Barão de Itapura. No trecho entre o Botafogo e o Castelo também predomina o uso comercial, menos denso do que na área central, inclusive pela ocupação de casas, que até algumas décadas atrás, tinham uso residencial (quase sempre térreas, com recuo de frente e afastamento nas laterais do terreno). Tem arborização apenas em alguns pontos, sendo mais densa nas proximidades do Balão do Castelo.

7. **Rua 13 de Maio:** via exclusiva para pedestres, liga em linha reta, com suave aclive, a Avenida Francisco Glicério, na altura da Catedral, com Estação Ferroviária, na Avenida dos Expedicionários (que se torna Avenida Andrade Neves). Corta o coração do centro no sentido leste-oeste, em uma região de intenso movimento de pessoas, canalizando o fluxo de pedestres, especialmente, para os terminais de ônibus urbanos, interurbanos e rodoviários (os dois últimos estão hoje situados ao lado da Estação Férrea, utilizando o mesmo trajeto), que fora do calçadão tem que disputar estreitas calçadas com carros e camelôs.

É uma via exclusivamente comercial, cada porta corresponde a um estabelecimento comercial (popular). Predominam construções de um ou dois andares, há casarios cuja arquitetura antiga é escondida pelos letreiros e fachadas das lojas, embora tenha havido recentemente um programa de “requalificação” com padronização dos letreiros, enterramento da fiação e troca do piso. O intenso fluxo de pedestres e os letreiros das lojas dão grande densidade à via. O calçadão é relativamente estreito, mas se abre em dois pontos: na Praça Rui Barbosa (também conhecida como Convívio, nos fundos da Catedral), no cruzamento com a Rua José Paulino, onde o piso é elevado, com aberturas para um espelho d’água (menos de um metro de altura), algumas árvores e bancos, perto deste piso há uma fileira de pequenos quiosques que vendem, principalmente, lanches. A outra abertura da via se dá na quadra seguinte, em frente à Catedral Metropolitana Nossa Senhora da

Conceição, a Praça José Bonifácio; esta possui apenas alguns coqueiros pequenos espalhados, um monumento ao centro (estátua do Dom Nery) e uma banca de jornal em um lado e um posto da polícia do outro. Ao redor das duas praças se concentram lojas de magazine, de construções mais recentes: com mais de três andares, bastante largas, imponentes. Na praça José Bonifácio há uns poucos edifícios de cerca de 15 andares, de uso misto (comercial no térreo e primeiros andares e residencial nos demais), cuja altura pouco chama atenção, dada a concentração de chamativos visuais junto a linha do horizonte, mas contribuem para “esconder” ou “diminuir” a Catedral .

8. **Avenida João Jorge:** avenida larga e reta, com arborização escassa e fluxo considerável tanto de pedestres quanto de veículos. É uma via curta, com orientação norte-sul. Tem início no Viaduto Cury e termina na altura do Batalhão de Polícia, onde tem início a Avenida das Amoreiras (ali parece um divisor de águas, com ampla vista para o vale do Piçarrão). Seu prolongamento recebe outro nome, Avenida Prestes Maia, a qual se liga ao trevo que dá acesso às Rodovias Anhanguera e Santos Dumont. A avenida desce em direção ao Centro e se eleva para engatar no Viaduto Cury. Nas pistas centrais da Avenida está o corredor exclusivo de ônibus, que continua na Avenida das Amoreiras, de onde recebe o fluxo de ônibus da região sudoeste, e o fluxo da região sul, que vem pela Rodovia Santos Dumont, tendo sido implantada uma Estação de Transferência (parada de ônibus com piso elevado, bancos e coberturas padronizadas). As ruas que a cortam perpendicularmente permitem a entrada para bairros a leste e a oeste (recolhendo e distribuindo tráfego). Comércio (entre bancos, lanchonetes, botecos, farmácias e lojas especializadas) estão, predominantemente, nas construções que foram antigos galpões.
9. **Avenida John Boyd Dunlop:** é uma extensa avenida, orientada no sentido nordeste – leste, percorrendo diversas baixadas e fundos de vale marcados, em geral, por limites visuais muito evidentes como os cruzamentos com os viadutos da linha férrea e da via Anhanguera. Possui duas faixas de rolamento em cada sentido e, em alguns trechos, ruas marginais, apresentando

diferentes características de uso e ocupação do solo ao longo de seu trajeto. É a única ligação de uma grande porção da região sudoeste do município com a região central e articula inúmeros bairros populares bastante populosos. Tem um intenso movimento de ônibus urbano, sendo que há um terminal de transporte coletivo na altura do bairro Parque Valença (Terminal Campo Grande) e outro no interior do Parque Itajaí, grande conjunto habitacional da COHAB, responsável pelo desbravamento do extremo sudoeste, nos anos 1980.

A Avenida John Boyd Dunlop tem início em uma pequena rotatória (Praça Santa Catarina, na região da Vila Teixeira). Desta forma, o fluxo de veículos que vem pela Avenida ou para ela se dirige tem que passar, necessariamente, por ruas da Vila Teixeira (com geometria e capacidade inadequada para o movimento) que dão acesso à Avenida Lix da Cunha e à Avenida Alberto Sarmiento para chegar à área central e outras regiões do município.

As características dos estabelecimentos comerciais, das habitações e dos bairros no entorno da avenida apresentam um gradiente que vai do padrão médio (altos prédios residenciais, shopping Center, concessionárias de automóveis) na porção inicial, até a via Anhanguera, ao mais popular.

#### *3.1.4 Bairros*

1. **VI. Industrial:** seu limite com o centro é o Pátio Ferroviário, tendo como via de ligação com a região central a Avenida João Jorge. Possui ruas de paralelepípedo e predomínio de casarios dos trabalhadores da indústria, do início do século XX. A Avenida Sales de Oliveira corta este bairro, ligando a Avenida João Jorge à Avenida Alberto Sarmiento.
2. **Bonfim:** seu limite com o Centro é a Avenida Andrade Neves; possui casarios e algumas ruas calçadas com paralelepípedos.
3. **Botafogo:** seu limite com o Centro é a Avenida Orozimbo Maia. Ainda que haja presença de casarios, há quantidade considerável de edifícios residenciais. A Avenida Barão de Itapura corta este bairro no sentido oeste-leste.

4. **Guanabara:** presença de casarios (início século XX), mas também de residências da metade do século XX.. Verticalização e concentração de comércio nas imediações da Avenida barão de Itapura e Avenida Brasil.
5. **Cambuí:** possui casarios, mas predominam os altos e sofisticados edifícios residências. Possui comércio sofisticados também, além de um conjunto de ruas pontuados por casas noturnas e bares. Seu limite com o centro é a Avenida Anchieta; mas este bairro possui uma grande perenidade em relação com o centro, quase como uma extensão deste, dada a atração de pedestres e veículos em busca dos serviços ali oferecidos.
6. **Taquaral:** presença de casarios, assim como de residências de classe média-alta e alta, ausência de verticalidade. Seu limite com o centro são as Avenidas José de Souza Campos e Orozimbo Maia. Há alto fluxo de veículos em algumas ruas que servem de passagem da região central para região norte da cidade.
7. **Nova Campinas:** bairro planejado, com ruas concêntricas, predomínio de residências de alto padrão e ausência de verticalização. A Avenida José de Souza Campos é o limite com a região central. Há pouco fluxo de veículos e pedestres dentro do bairro; o maior trânsito de veículos se concentra na Avenida Moraes Sales, que liga região central à região norte-nordeste da cidade.
8. **Bosque:** a Avenida Aquidaban é limite entre este bairro e a região central (embora, diferentemente dos que muitos intuem, o bairro faria limite com o Centro na Avenida Moraes Sales). Possui casarios e residências de meados do século XX, mas o que predomina na paisagem é a presença massiva de edifícios residenciais. Ruas que cortam este bairro se configuram acesso mais utilizado para o Centro: a Rua Boaventura do Amaral e a Rua Irmã Serafina (que se transforma em Avenida Anchieta na região central).
9. **Ponte Preta:** seu limite com o centro é o Pátio Ferroviário; a Avenida João Jorge e a Avenida Francisco Glicério dão acesso ao centro. Possui concentração de comércio nas avenidas (da Abolição e da Saudade) que servem de ligação entre a região central e região leste da cidade; as quais promovem o grande fluxo de pessoas e veículos. Possui casarios do início do

século XX tanto quanto residências das décadas de 1970 e 1980. Mas vem predominando a presença recente de edifícios altos, residenciais.

### *3.1.5 Divisão interna do centro*

1. **Área da Antiga Ferroviária:** é delimitada pelo Pátio Ferroviário e Avenida Andrade Neves, o Viaduto Cury/Terminal Central, Avenida Senador Saraiva e Rua Dr. Mascarenhas (Figura 1). Possui arquitetura antiga, que remonta ao início do século passado. Enquanto a maioria das ruas são estreitas, três vias de maior porte ou que recebe maior fluxo de pessoas/veículos se destacam: a Avenida Dr. Campos Sales, a Rua 13 de Maio e a Avenida Andrade Neves. Há um conjunto de pequeno bares e comércios (em casarios ou antigos galpões) que se concentram principalmente na continuidade entre a Avenida dos Expedicionários e Avenida Andrade Neves, em frente à Antiga Estação Ferroviária (onde há, também, concentração de pontos de ônibus). Nestas partes mais comerciais os casarios têm cores mais berrantes, a poluição visual é mais agressiva. Nas ruas perpendiculares, estreitas, é possível encontrar comércio também, no entanto, aparecem com mais frequência casarios servindo de residência, possuindo cores mais claras, nestas ruas é possível encontrar também calçamento de paralelepípedos e há um fluxo menor de pessoas e pedestres. Pequenos hotéis, também em casarios, pontuam esta área (onde se localizava a antiga Rodoviária). Se distingue do conjunto de casarios (que dá o tom da unidade de paisagem) a Avenida Andrade Neves que possui edifícios mais altos ou/e monumentais, a Avenida Dr. Campos Sales com um comércio algo mais sofisticado e com sua abertura de horizonte dada pelo balão no início da avenida, com a estátua do Rui Barbosa no centro deste.
2. **Comércio Popular:** delimitada pelas Avenidas Senador Saraiva, Moraes Sales, Francisco Glicério e Orozimbo Maia. Leve declividade (nas direções da Rua Barão de Jaguará e da Av. Orozimbo Maia (Figura 1). Há um elemento que **predomina** esta área, a Rua 13 de Maio, se destaca pela concentração de comércio e por ser um calçadão, com duas praças.. A intensidade do fluxo de pessoas é uma marca da Rua 13 de Maio e do entorno. No mais das vezes

nesta área cada construção corresponde a um comércio,. As pequenas lojas possuem coloridas fachadas que, geralmente, esconde a fachada de antigos casarios (a arquitetura destes, se visível, poderia talvez promover uma unidade temática desta área junto com a área da Antiga Ferroviária e/ou com a Área Colonial). Entre as lojas, geralmente, pequenas, se destacam os prédios das grandes lojas de departamentos (relativamente recentes) com mais de dois andares, largos, dominando a paisagem por seus tamanhos e robustez; geralmente eles não têm janelas nos andares acima do térreo. A poluição visual é outra característica desta área: cores, letreiros, fiações. Existem algumas poucas árvores na área (esparsas na Praça José Bonifácio e Rui Barbosa, mas possuem uma expressividade quase nula).

3. **Colonial:** Seus limites são a Av. Francisco Glicério, Av. Orozimbo Maia, Av. Anchieta e Av. Moraes Sales (Figura 1). Continua, nesta área, o predomínio de ruas estreitas. Mas o tipo de comércio muda e a intensidade de pessoas nas calçadas diminui em relação à Área de Comércio Popular; associado a isto há mais casarios com a fachada ou/e estrutura original mantida. A orientação que domina esta área é sudeste-nordeste (com declividade em direção ao fundo de vale do Córrego Orozimbo Maia): as ruas deste sentido são mais longas, estreitas; a unidade temática é mais sentida se percorrer esta; as ruas perpendiculares (também em declividade, mas em direção à Avenida Anchieta, sentido oeste-leste) também são estreitas e possuem casarios; mas estas vias têm uma função mais de passagem da Área do comércio popular para a Av. Anchieta: é um passar pela área, enquanto as ruas sentido sudeste-nordeste é um estar na área.

Há nesta área uma elevação vertical dada tanto pelos casarios de mais de um andar, como por edifícios mais recentes (década 60 e 70), altos e (no mais das vezes estreitos), mas esta verticalização é pouco se destaca, dada a das ruas e calçadas (com a fiação, as portas e as cores chamando nossos olhos sempre para a perspectiva horizontal). Uma via foge um tanto da unidade temática: a R. Conceição possui certa arborização, prédios altos que se destacam na paisagem (residenciais, um governamental, o shopping – mas a verticalidade deste está recuada em relação à calçada), coletando fluxo de pessoas e de

veículos para a Avenida Anchieta e para o Cambuí. Foge também da unidade temática a área depois/junto da Igreja do Carmo, ainda que com ruas pequenas, possui um conjunto substancial de edifícios residenciais.

4. **Canto:** é limitada pelas Avenidas Moraes Sales, Aquidaban, Francisco Glicério e pelo Pátio Ferroviário (Figura 1). Este último faz com que esta área tenha um “canto”: um limite que obriga o percorrê-lo, dado que não é transponível. Possui ruas estreitas, predominância de casarios e se destacam ruas calçadas com paralelepípedos. O comércio é expressivo somente em algumas ruas (salões de beleza, lanchonetes, uma rua especializada em aluguéis de roupas). Possui alguns poucos edifícios, todos residenciais. O fluxo de pessoas e veículos é pouco expressivo em relação a outras áreas do centro; predominando certa impressão de esvaziamento.
5. **Largo do Pará:** área limitada pelas Avenidas Aquidaban, Francisco Glicério, Moraes Sales e Irmã Serafina. Há presença de casarios, assim como de edifícios residenciais de mais ou menos 30 anos, muitos largos e altos com certa imponência. Ruas estreitas são cortadas pela Avenida Francisco Glicério, o comércio, para além desta avenida é esparso. Bastante arborizado e com altos edifícios no entorno, tem destaque nesta área o Largo do Pará, ao lado da Avenida Francisco Glicério: área extensa, com coreto ao centro, caminhos e bancos, diversos canteiros de plantas e flores. Aos sábados a feira que ocorre ali atrai moradores do entorno.

### *3.1.6 Limites*

1. **Pátio Ferroviário:** muros e cercas não transponíveis, que guardam a área de estacionamento de vagões, os trilhos e os prédios antigos que serviam à ferrovia. Todas as construções são de tijolinhos à vista, vermelhos - escuro, há barracões cinzas, cercas de arame, trilhos pretos e cinzas, paredes encardidas, tudo (forma e cores) contrastando com o entorno do Pátio Ferroviário. Limita a área central da parte sul - sudoeste da cidade. Só é transponível através do Viaduto Cury, do Túnel, de duas ou três pequenas (estreitas) passagens sob os

trilhos (na área da Ponte Preta), pela Avenida Francisco Glicério e pela Avenida Lix da Cunha.

2. **Avenida Lix da Cunha:** via expressa com várias pistas de rolamento. Surge como grande limite do Centro e outros bairros, acompanhado o divisor de águas. A presença de muros de proteção, suas partes elevadas, o grande recuo em relação às construções que a margeiam e ao não dar acesso perpendicular a outras ruas ou aos bairros que corta faz com que ela se imponha como limite.
3. **Avenida Aquidaban:** é um elevado, aberta e clara, altamente visível, possui uma das maiores aberturas de horizonte (que oferece panorâmicas da Via Expressa Waldemar Pascoal e da área que entorna o Bosque dos Jequitibás) da região central da cidade. Conjugada à Via Expressa Waldemar Pascoal, possui diversas pistas de rolamento, tanto no sentido oeste-leste quanto no inverso. Pouca arborização (excetuando o início da elevação da Via Expressa, que leva à Avenida Aquidaban, coberta de gramas e pontuada por árvores). Ao norte da avenida, temos paisagem predominada por pequenos casarios, ruas estreitas e de paralelepípedos, com ritmo espaço-temporal ligado ao Centro. Ao sul, se inicia um ritmo espaço-temporal mais afeito à intimidade do bairro Bosque, onde diminui a quantidade de casarios ou casas em detrimento de grandes edifícios residenciais.
4. **Avenida José de Souza Campos:** aberta e clara, destacada por estar nas margens do Córrego Proença, é limite entre a região central e o bairro Nova Campinas. Há presença de edifícios modernos e lojas de autoveículos, redes de *fast-food* e lanchonetes, com praças e pequenos parques intercalados entre os canteiros.
5. **Avenida Orozimbo Maia:** é uma avenida que ocupa as margens do Córrego Orozimbo Maia, canalizado. Parte do desnível entre córrego e via é cimentado ou é composto por matagal, e árvores (a maioria de grande porte, muitas paineiras) estão presentes pela maior parte da extensão da avenida, assim como as torres de alta-tensão. Há arborização também em algumas das calçadas desta avenida. Possui duas partes, cada uma com duas pistas de rolamento (todas levando o tráfego sentido norte-sul e sentido inverso até a

intersecção com a Avenida Anchieta, a partir deste ponto, o trânsito tem apenas sentido norte-sul). Há atividades variadas nela (serviços de saúde, comércio, edifícios empresariais, residenciais), mas poucas são as construções de pequeno porte. Limita a área central com os bairros Botafogo e Guanabara.

6. **Avenida Barão de Itapura:** avenida com quatro pistas de rolamento, levando o tráfego no sentido oeste-leste. Restam poucos casarios imponentes, onde funciona um comércio sofisticado. Existe uma concentração de árvores nas calçadas próximas ao Instituto Agrônômico. É uma avenida clara (os tons de cores do comércio são menos apelativos do que no Centro) e reta, sendo uma descida suave no sentido oeste-leste.
7. **Rodovia Anhanguera:** rodovia com duas partes, sentido nordeste-sudeste e o inverso. Às vezes está no nível das ruas e bairros da cidade, às vezes está elevada; poucas ruas passam por baixo dela, tornando-a transponível; dentre as que permitem passar por este limite, a Avenida das Amoreiras e a Avenida John Boyd Dunlop são as principais (e dão entrada e saída de veículos para a rodovia). Está recuada em relação às construções que a margeiam. É limite visual, assim como já foi limite simbólico do fim da cidade.
8. **Rodovia Dom Pedro I:** com pistas (com três pistas de rolamento) nos dois sentidos (sudoeste-nordeste e o inverso). É clara e margeada tanto por grandes extensões de terrenos sem construções assim como tangencia alguns bairros da cidade (onde trevos e pequenas entradas e saídas dão acesso ao município, tornando-a transponível nestas partes). Limita a região norte-nordeste do restante da cidade.

### *3.1.7 Limites secundários*

1. **Avenida Andrade Neves:** via clara e aberta, que no seu decurso possui tanto prédios altos, residenciais, empresarias e comércio quanto conjunto de residências. Limita a área da antiga rodoviária.
2. **Avenida Anchieta:** dentre o conjunto de ruas estreitas, a avenida que abre o horizonte. Reta, larga, é onde termina a poluição visual dada pelas cores do comércio popular e pela confusão das fiações a oeste dela e onde começa a o

aumento da largura das ruas que vêm da Área Colonial, assim como aumenta drasticamente a arborização destas ruas e o menor contraste (que gera poluição visual) entre as cores das construções. Limita o fim do Centro (Área Colonial) e o início do Cambuí.

3. **Avenida Francisco Glicério:** via aberta dentro do conjunto de ruas estreitas, possui densidade dada pelo comércio e fluxo de pessoas e veículos. Limita unidades de paisagem diferentes dentro do centro: Área Comércio Popular da Área Colonial.
4. **Avenida Senador Saraiva:** no sentido sudeste-nordeste é uma descida leve. Sua (relativa) pouca extensão e o fato de ser reta permite facilmente a vista de seu início e final de qualquer ponto em que se esteja. Possui uma Estação de Transferência de ônibus, com massa de passageiros descendo e subindo dos ônibus. Estabelecimentos comerciais uns ao lado dos outros, o fluxo considerável de pessoas e veículos promovem densidade e poluição visual. Limita duas unidades de paisagem no interior do Centro: a Área da Antiga ferroviária e a Área de Comércio Popular.
5. **Avenida Moraes Sales:** via larga e aberta no interior de ruas estreitas do Centro. Concentra comércio e fluxo de veículos e pessoas. Limita as Áreas de Comércio Popular e Colonial das Áreas Canto e Largo do Pará.

### 3.2 A imagem de Campinas

Ao aplicar os questionários, foi preciso se ater ao papel das formas e estrutura, tanto àquelas que foram descritas pormenores nos trabalhos de campo, quanta aquelas que apareciam nas falas dos entrevistados. A imagem de Campinas, tributária tanto à sua forma quanto à sua estrutura, ainda é um horizonte a ser alcançado. O que apresentaremos aqui são informações retiradas dos mapas esquemáticos e das entrevistas verbais

Utilizamos uma metodologia mesclada para a estruturação da imagem de Campinas – ora, representaremos os principais elementos da forma quanto à sua amostra percentual – frequência de quanto os mesmos elementos aparecem nas respostas – e, ora, citaremos estes mesmos elementos quanto ao seu papel ou função conforme a estrutura e construção da imagem. Essa união entre análises quantitativas e qualitativas estão atreladas ao próprio objetivo do questionário (Q1): Qual é a imagem de Campinas? Segundo sua forma, é possível

se orientar nela tranquilamente? Como as pessoas, a partir da forma, fazem para se orientar dentro dela?

A amostra é composta por 23 entrevistados. Houve a preocupação de distribuir características como idade, classe social, sexo, e lugares de residência e trabalho entre o espaço amostral, com o intuito de obter imagens que fortalecessem diferentes óticas sobre a cidade, apesar de todos compartilharem, em alguns casos, o mesmo ambiente.

Apresentaremos não apenas as indicações verbais ou gráficas dos entrevistados, mas todo o processo de construção das respostas e elaborações de seus mapas mentais. Dentro deste processo, suas dificuldades em esboçar ou descrever determinadas características sobre o ambiente.

No entanto, trata-se de um esboço de tudo aquilo que conseguimos com essa pesquisa-piloto, sendo que alguns dados ainda não serão apresentados aqui, por questões de análise e sistematização para um futuro trabalho.

Para delimitar o Centro os entrevistados usaram principalmente as vias, mas também foram indicados praças e largos, estação ferroviária, terminal central de ônibus, edifícios (prefeitura, supermercado, PUCC Central, Maternidade, Banco do Brasil, Palácio da Justiça, Mercado Municipal, Rodoviária Nova), bairros, estádios de futebol, a torre do Castelo e o túnel sob a ferrovia.

A via mais citada foi a Avenida Orosimbo Maia (47% dos entrevistados a utilizaram para delimitar o centro), seguida pela Avenida Aquidaban (e seu viaduto) e Avenida Anchieta (30,4% das citações cada), Avenida Moraes Sales (26% das citações), Avenida Francisco Glicério (21,7%) e Avenida Andrade Neves (13%). Além das vias, destacam-se ainda as referências à Prefeitura, Estação da Fepasa/linha da Fepasa (26% das citações cada), o Estádio de Futebol do Guarani e a Maternidade (13% cada).

A Maternidade e o Estádio do Guarani foram destacados como marcos, respectivamente, nas Avenidas Orosimbo Maia e Princesa d'Oeste. No que se refere aos atributos da forma, no caso da Maternidade o que se destaca é a cor azul e branca do edifício, sua implantação no terreno, um bloco retangular, não paralelo ao alinhamento da avenida, com um pequeno jardim e um grande letreiro com o nome da instituição em frente. As instalações do Clube Guarani (além do estádio, piscinas, quadras, salões, etc) ocupam uma grande quadra irregular, virada para a Avenida Princesa d'Oeste é reta, depois contorna o meio círculo formado no encontro desta avenida com as Avenidas Imperatriz Tereza

Cristina, Joaquim Arlindo de Lemos e Ayrton Senna, e sobe sinuosa pela encosta da vertente oposta à área central, contornada por um grande muro. Na face voltada para a Avenida Princesa d'Oeste há um grande paredão de concreto e se avista o esqueleto de uma construção inacabada e abandonada, além das arquibancadas bastante elevadas, na direção oposta à região central, que é visível de diversos pontos da região do Bosque (descendo a Rua Proença, por exemplo).

Ambos têm também uma forte carga simbólica, a Maternidade se localizava originalmente na área onde foi implantada a antiga Rodoviária. O prédio construído na Avenida Orosimbo Maia era uma nova instalação (do final dos anos 1960) desse reconhecido hospital de Campinas. O Clube Guarani divide com a Ponte Preta a preferência dos campineiros amantes do futebol.

Os bairros mais citados como limites da área central foram o Bosque, o Cambuí e a Vila Industrial (8,7% das citações cada um), também houve referência aos bairros Nova Campinas, Castelo, Vila Itália, Vila Teixeira, Chapadão e São Bernardo. Um dos entrevistados relacionou os bairros de onde se chega a pé ao Centro.

Foram também citados como limites do Centro os seguintes largos/praças: largo Carlos Gomes, Centro de Convivência (8,7% das citações cada), Praça Bento Quirino e o Largo do Pará.

Alguns entrevistados utilizaram a predominância da atividade comercial como critério para delimitação do Centro, outros incluíram bairros de atividades mais diversificadas como o Cambui, Bosque, Vila Industrial e o São Bernardo.

Além dos já citados, em outras ruas e avenidas foram utilizados alguns marcos para identificar o limite do Centro, como a Prefeitura, na Rua Irmã Serafina/Av. Anchieta, o supermercado Extra na Rua Benjamin Constant, esquina com Avenida Senador Saraiva, e a PUCC Central e o Banco do Brasil na Avenida Francisco Glicério.

Um entrevistado indicou como limite do Centro as rodovias Anhanguera, D. Pedro e Anel Viário, que englobaria o "Centro Velho" e o "Centro Novo". Como centro do Centro indicou região tradicionalmente reconhecida como bairro Centro.

Os elementos mais citados para indicar o centro do Centro também foram vias: a Rua 13 de Maio (39% das citações) e a Avenida Francisco Glicério (21,7%), parecendo estar mais relacionados com a intensidade do movimento de pessoas e carros e a concentração de comércio do que com algum aspecto mais significativo da forma. Foram indicados ainda:

Avenida Campos Sales, pequenas ruas ao redor da Avenida Francisco Glicério, Camelódromo, ponto entre as Avenidas Francisco Glicério, Campos Sales e Rua Barão de Jaguará. Para esses entrevistados parece não haver nenhum elemento visual (singular) capaz de marcar o centro do centro

A Catedral (13%) e a Igreja do Carmo (8,6%) foram os únicos marcos, enquanto pontos, identificados como centro do Centro. Embora sejam bastante singulares quanto a forma, um entrevistado citou a primeira por considerar um consenso (“todo mundo fala”) e a segundo pela história.

O Largo do Rosário (13%) e a Praça Bento Quirino (4%) também foram indicados como centro do Centro, além de um tradicional ponto comercial de propriedade do entrevistado.

Quando perguntados quais elementos do centro de Campinas os entrevistados consideravam especiais, que são mais fáceis de identificar e de lembrar, o Largo do Rosário foi o mais citado (30,4%), sendo que um entrevistado fez referência ao Largo do Rosário junto ao Edifício do antigo Fórum. Este por sua vez, foi citado em 17% das respostas.

Outro conjunto que se destacou nas respostas foi o formado pela Praça Bento Quirino, Praça do Carmo (onde se encontra o prédio do Jockey e a estátua de Carlos Gomes, segundo um entrevistado), o prédio do Jockey e a Igreja do Carmo (30% das citações).

A Catedral, a Estação Ferroviária (várias vezes identificada como Estação Cultural) (26%), o Centro de Convivência e a Prefeitura (21,7%), o Mercado Municipal e a Praça Carlos Gomes (17,3%) completam os elementos mais lembrados como especiais e fáceis de identificar e de lembrar.

Entre os demais elementos citados, nos quais os atributos da forma se destacam, temos: Relógio do Itaú, Palácio da Mogiana, Shopping Jaraguá, Palácio dos Azulejos, Nova Rodoviária, Edifício do Correio, Avenida Orosimbo Maia (junto ao seu córrego, as torres de transmissão e as pistas), Terminal Central, Bar Restaurante Giovanetti (o mais visível é o instalado ao lado da Prefeitura, em um prédio tombado, embora o do Largo do Rosário também tenha uma arquitetura singular, está mais apertado entre outros prédios), Prédio da Guarda Municipal e o muro da Fepasa ou Estação Cultural.

Os demais: Prédio do Poupatempo, Prédio da Caixa Econômica Federal, Praça do Centenário de Campinas (Largo das Andorinhas, que tem o monumento do Bicentenário da cidade), Largo do Pará, Praça São Benedito (ao lado da Casa de Saúde), Avenida Francisco

Glicério, Rua 13 de Maio, Rua do Rocio, Rua Luzitana, Rua Cesar Bierrenbach, Rua Dr. Quirino, Rua Senador Saraiva, Galeria Barão Velha (que tem uma miniatura de locomotiva na entrada), Café Regina.

Os marcos foram citados de forma difusa entre a amostra. Isso revela os diferentes usos e percepções da forma do Centro com uma paisagem diversificada, que nem sempre, por sua heterogeneidade, garante força à sua imagem como uma unidade organizada, capaz de construir uma “imagem pública” bem definida.

As respostas sobre os limites internos do Centro e as divisões dos bairros diferem não apenas entre os entrevistados, mas também em relação à nossa análise prévia da forma da cidade, o que enriqueceu nossas análises. Essas diferenças têm origem não só na organização interna dessa região, mas envolve questões de escala também. Um centro fragmentado internamente perde sua força ao observador quando analisado de fora. É sobre esse jogo de escalas que discutiremos no próximo item.

### *3.2.1 A imutabilidade da imagem da cidade de Campinas*

Ao selecionarmos nossos conversantes, nos lugares públicos do centro da cidade de Campinas, utilizamos uma tática de abordagem que introduzisse ao mesmo tempo em quem instigasse a curiosidade do entrevistado ao tema da pesquisa. Entregávamos-lhe um cartão com uma foto panorâmica do centro da cidade, tirada do Palácio da Torre do Castelo Vitor Negrete (Torre do Castelo) – o ponto mais alto do sítio urbano e de onde é possível observar os quatros pontos cardeais da cidade – e perguntávamos-lhe “Você sabe de onde é esta foto? E de onde ela foi tirada?” (Figura 3).

**FIGURA 3** - Foto tirada a partir do mirante da Torre do Castelo

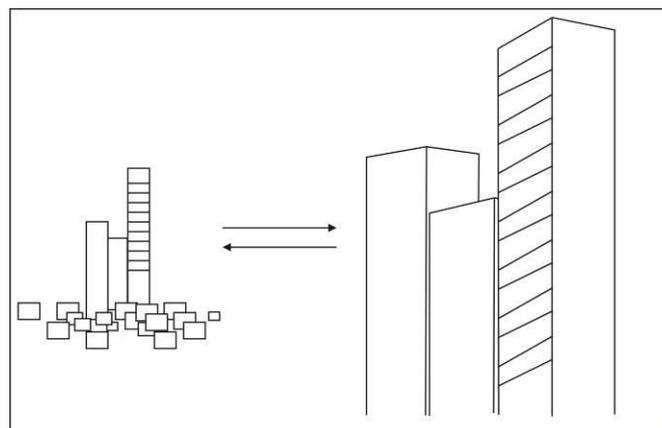


Fonte: Projeto Campinas (2010).

A maioria dos entrevistados, ao notar a densidade de construções verticalizadas, dedutivamente, respondia que se tratava do Centro da cidade, mas todos (sem exceção) tiveram dificuldade para localizar de que lugar foi feita a foto. Não esperávamos uma resposta precisa do local, mas alguma que indicasse o sentido e orientação. Dessa forma, seria possível apontar a região, a direção ou o bairro de onde a foto foi feita a foto.

Essa habilidade do observador identificar as formas dos elementos da cidade em diferentes níveis de escala (longe e perto) é um atributo da forma, que, segundo Lynch (2003), qualifica a paisagem como uma **imagem mutável** (Figura 4). Ou seja, em ambientes grandes e complexos, como Campinas, centro de uma região metropolitana, torna-se necessário a ligação entre as diversas disposições dos níveis escalares, mantendo uma relação recíproca entre as estruturas locais e as estruturas regionais. Isso tem um peso organizacional importante, uma vez em que demanda um esforço extra ao observador que pretende se orientar na área urbana.

**FIGURA 4 - A mutabilidade da imagem**



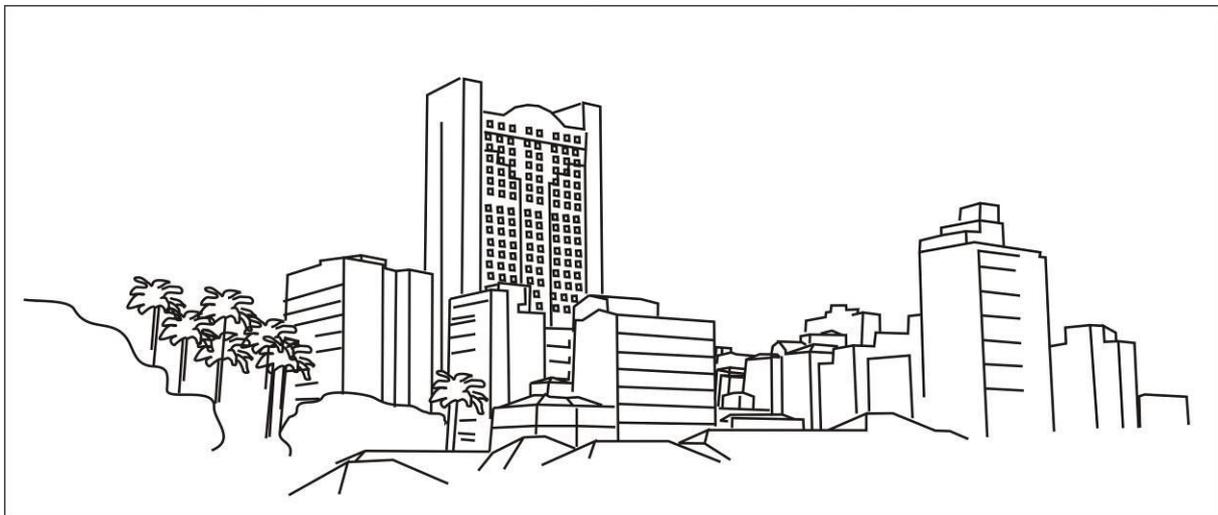
Fonte: De Paula (2011, p.67).

Nossa intenção de argumentar talvez sobre a **imutabilidade** da imagem de Campinas, guardando suas devidas especificidades, se baseia na compreensão de que alguns marcos são destituídos de sua força por uma questão simples: marcos observados à grande distância – principalmente da área central de Campinas – não tem o mesmo poder de identidade quando examinados a partir de sua base local. O Edifício Centro Empresarial Conceição é um dos prédios mais altos de Campinas, tanto pela sua quantidade de andares (28 andares) quanto pela sua posição topográfica (Figura 5). Sua forma que mistura um topo arredondado a duas colunas laterais retangulares salta aos olhos para aquele que observa o Centro à

distância, o que lhe garante o papel de marco na escala regional. Porém, a maior parte dos participantes das entrevistas não sabia que este edifício era o mesmo lugar onde se encontra o Shopping Jaraguá, que ocupa os andares inferiores do prédio. Muitos marcos distantes, na cidade de Campinas, são como se fossem “sem base”, elementos flutuantes.

Isso pode ser constatado também pelo exemplo da foto tirada da Torre do Castelo (Figura 6). A panorâmica vista deste ponto pode não ser uma imagem comum aos cidadãos pelo intenso processo de verticalização e mudanças muito rápidas da paisagem. No entanto, somado a esses fatos, a configuração topográfica da cidade também tem seu papel.

**FIGURA 5** - Edifício Empresarial Conceição



Fonte: De Paula (2011, p.68).

Como citado em itens anteriores, Campinas está na fronteira entre dois compartimentos geomorfológicos: a Depressão Periférica do Estado de São Paulo a oeste e o Planalto Cristalino a leste. Essas duas unidades geomorfológicas possuem características quase antagônicas no que se refere a suas formas. Enquanto a primeira é caracterizada por um relevo de colinas suavemente arredondadas e tem a maior parte de seu território aplainado, o Planalto Cristalino é identificado pelo seu terreno acidentado de morros altamente inclinados área dos Distritos de Souzas e Joaquim Egídeo, por exemplo.

A área urbanizada está em grande parte situada na região plana da cidade, principalmente a porção sul e sudoeste, o que tem como consequência a disposição horizontal de diferentes conjuntos de paisagens da cidade e a dificuldade de identificar vistas panorâmicas que revelem a configuração espacial de suas formas.

Quando perguntado se o entrevistado conhecia algum mirante ou panorâmica da cidade, pedíamos para que ele indicasse o lugar e descrevesse a paisagem vista de lá. Pouco mais de 63% deles indicaram a Torre do Castelo. No entanto, apenas 13% destes souberam descrever sucintamente os elementos da paisagem. Outros se limitaram em responder que era possível ver tudo – norte, sul, leste e oeste da cidade – mesmo que nunca tivessem estado lá. O prédio da Torre do Castelo ficou fechado ao público durante muito tempo, o que agravou a situação também.

**FIGURA 6 - Torre do Castelo**



Fonte: De Paula (2011, p.66).

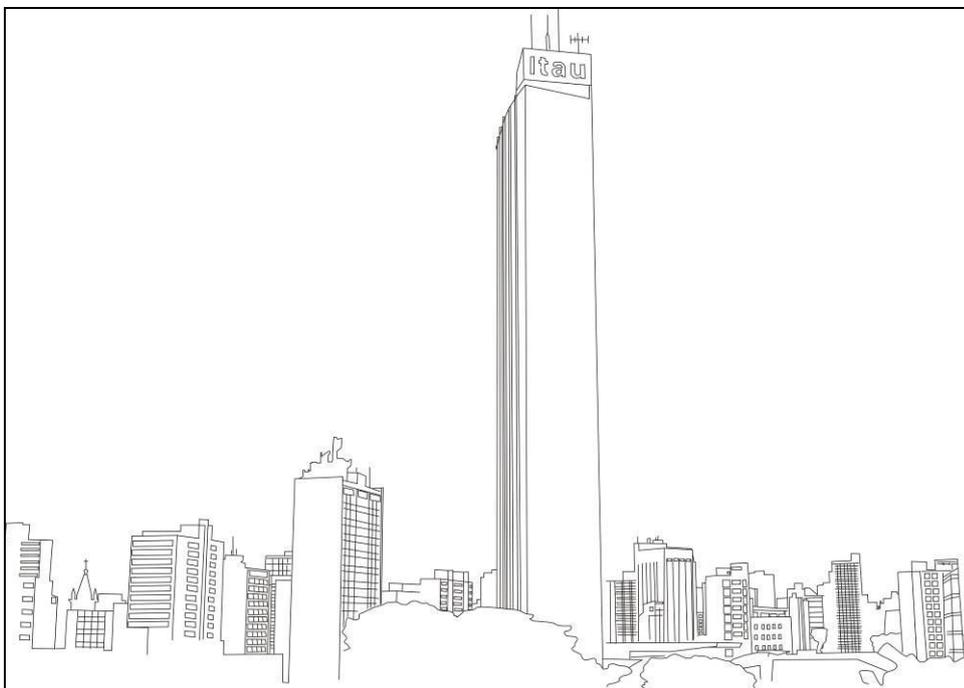
As outras panorâmicas identificadas<sup>20</sup> são bem diversificadas. Conferem lugares situados em viadutos, elevados, sacadas de apartamentos ou lugares mais altos em alguns bairros periféricos como Ipaussurama e Barão Geraldo. Além da Torre do Castelo, a panorâmica observada sobre o Edifício Mirante (Relógio do Itaú) têm pouca representatividade percentual (13% das respostas), e também é notada como uma possibilidade, sem muitos detalhes sobre o que é visto de lá. Este prédio, assim como a Torre do Castelo, se encontra sobre o topo do divisor de água, além de ter 30 andares de

---

<sup>20</sup> Cada entrevistado poderia citar mais de uma panorâmica. Desta forma, os percentuais são relativos ao número total de entrevistados, podendo um mesmo entrevistado ter indicado a Torre Vitor Negrete (Torre do Castelo) e, ao mesmo tempo, o Edifício Mirante (Prédio do Itaú).

altura, ganha destaque sobre as outras formas presente no Centro devido à sua altura. O contexto onde este edifício se encontra lhe garante força quanto à sua imageabilidade (Figura 7). O prédio está localizado rente ao Terminal Central de transporte público (importante ponto nodal) e à via Avenida João Jorge – entrada única do Centro da cidade para quem vem da porção sul – e situado próximo ao limite do Centro, a linha ferroviária da Estação Cultural. Todos esses dados possibilitam a associação direta entre seu topo – visto de longe – e a sua base, a fachada local, uma exceção em Campinas por ser exemplo clássico de mutabilidade da imagem.

**FIGURA 7 - Edifício Mirante**



Fonte: De Paula (2011, p.65).

### *3.2.2 Os marcos de Campinas: entre os visíveis e os invisíveis*

Os marcos e pontos nodais são os eixos que interligam a experiência imediata de um ambiente visivelmente organizado às relações de uso e circulação dos espaços urbanos. Servem de referências sobre o grupo de conjuntos e discontinuidades das estruturas da forma.

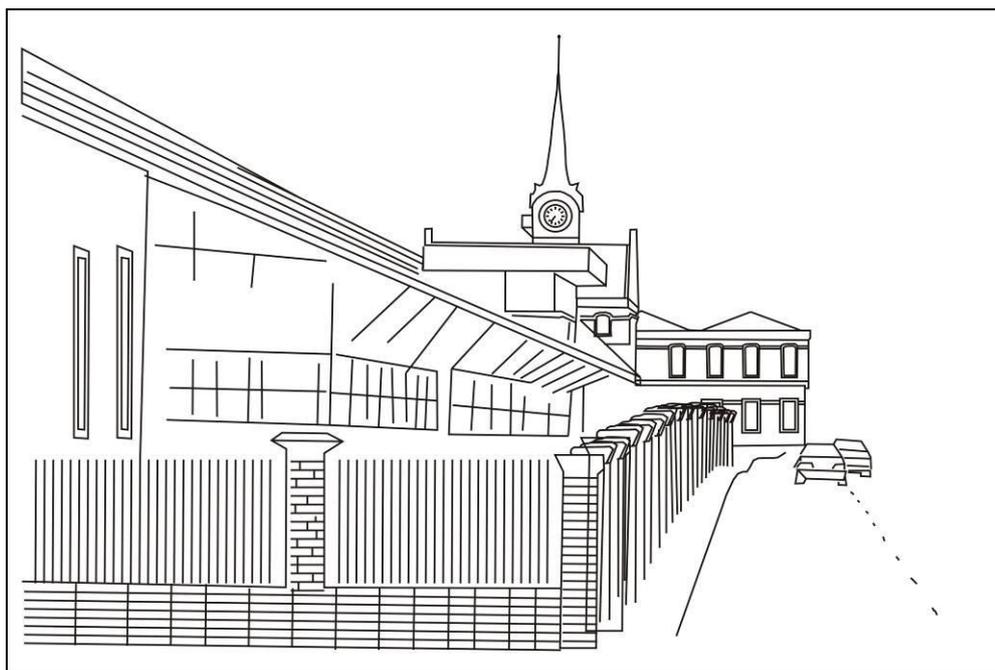
No item anterior, quando discutíamos a difícil mutabilidade dos aspectos visuais da cidade de Campinas, estávamos enfatizando, sobre uma mesma base analítica, a força ou fragilidade dos marcos, enquanto elementos facilmente identificáveis para legibilidade da paisagem.

Lynch (2003) compreende as forças que cada marco pode externalizar em dois sentidos: o simbólico e o físico. O primeiro é, grosseiramente, caracterizado pela sua importância histórica ou pelo seu uso, enquanto o segundo pode ser marcado por constituições físicas muito singulares, fáceis de serem identificadas à diferença de seu plano de fundo. A união entre esses dois atributos, físico e simbólico, ou seja, um ambiente visivelmente organizado, onde o cidadão pode impregná-lo de significados e relações, poderá dar o verdadeiro sentido de *lugar* (TUAN, 1983) para esses marcos.

No caso de Campinas, principalmente no que diz respeito ao Centro da cidade, muito daqueles marcos que são fisicamente atrativos aos olhos dos observadores foram, de alguma forma, ocultados basicamente por dois motivos. O primeiro são as rápidas mudanças do espaço arquitetônico (MALARD, 2006) aliado ao processo de verticalização, que junto à topografia da região central, escondeu alguns marcos, que em outras épocas já foram mais importantes para se orientar dentro da cidade. O segundo fator é o papel das vias de circulação: se os marcos não constituem um ponto nodal ou não se revelam ou estão distantes, a ponto de não ser visíveis das principais vias de circulação, seu poder físico e simbólico é enfraquecido. Nesse sentido, pretendemos discutir os marcos que **aparecem** e aqueles que **não aparecem**, na tentativa de buscar analisar diferentes percepções de formas de um mesmo ambiente.

Os marcos que mais apareceram nas entrevistas foi a antiga Estação Ferroviária da FEPASA, atual Estação Cultura, e Largo do Rosário, ambos com mais de 31,8% de representatividade. A primeira, construída sob os modelos arquitetônicos britânicos do século XIX, chama a atenção pela sua cor e forma. A cerca, feita por tijolos alaranjados, que se estende ao longo da Avenida Prefeito José Nicolau Ludgero Maselli, culminando, ao final, na torre do relógio, de topo acentuado e arquitetura antiga, que se contrasta sobre os modernos prédios que se encontram ao plano de fundo (Figura 8).

**FIGURA 8** - Prédio da Estação Ferroviária



Fonte: De Paula (2011, p.62).

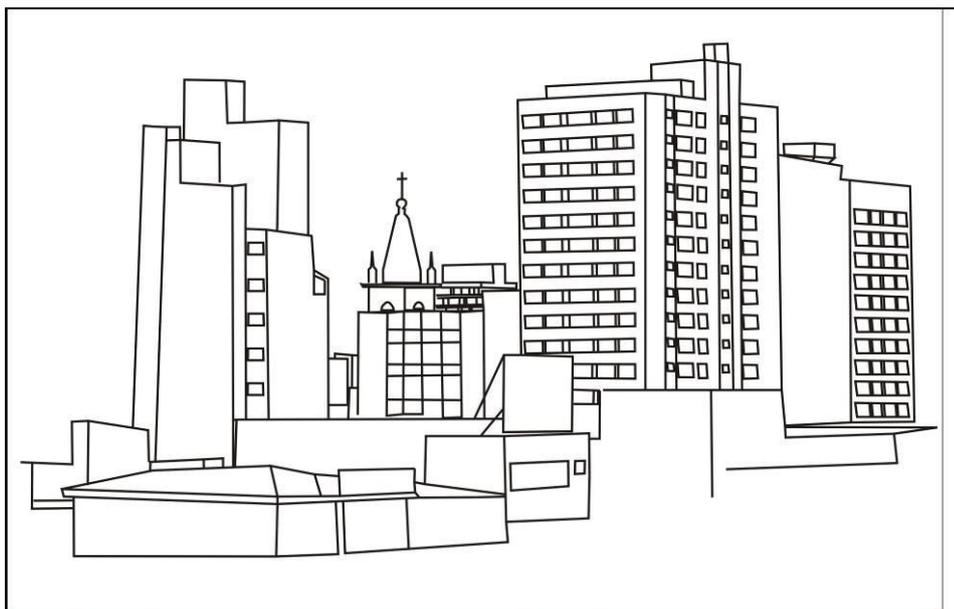
Seu aspecto físico tão peculiar confere uma forte identidade, além de sua importância histórica para formação da cidade. No entanto, vale ressaltar que a Estação Cultura é um marco que estabelece diferentes relações estruturais com o seu entorno, o que explica sua força e permanência como referência. Ela, em alguns casos, fora indicada como limite e não como marco do Centro da cidade: sua morfologia longitudinal, possibilitada pela extensão das cercas de tijolos cor de laranja e a linha de ferro marca uma fronteira entre o Centro e os bairros circundantes. Somado a isso, a Estação está em uma das avenidas mais movimentadas do Centro (Avenida dos Expedicionários) da cidade, e posicionada frontalmente com a Rua 13 de Maio (principal via comercial) o que permitiu a constância de seu poder visual e de uso, por ser um ponto estratégico para aqueles que chegam de outros locais da cidade e do centro dela.

A Igreja Catedral Metropolitana de Campinas foi um dos marcos que foram ocultados nas respostas, com a apenas 22,7% delas. Seu contexto, por ser contrastante à sua arquitetura, poderia dedutivamente fortalecer sua presença, como no caso da Estação Cultura. Mas não foi o que ocorreu. Sua torre pontiaguda de cor cinza escura chama a atenção sobre o plano de fundo cinza e multivariado das fachadas dos prédios. Porém, este contraste só pode ser visto da praça frontal (Praça da Igreja Catedral), pois entre outros ângulos, esta igreja fica escondida pelos prédios (Figura 9). Sua visibilidade também pode ser

vista do pequeno trecho da Avenida Francisco Glicério que se coincide com a praça da igreja e a Rua Conceição, o que não torna muito vantajoso, por ser ambas avenida e rua, pontos de rápida circulação. A própria praça não possui bancos e elementos urbanos que permitam a pausa para apreender a atenção do observador. A não ser por motivos particulares quanto a religiosidade das pessoas que a frequenta, a forma do prédio da igreja na paisagem não parece justificar sua imagem.

Apesar de nos atentarmos a descrever isoladamente os elementos que garantem a função de marcos para alguns lugares, vale citar que estes estão inseridos em uma estrutura coesa maior, que sem a presença de outros marcos, eles talvez não teriam tanta força. Por exemplo, o Palácio da Justiça (antigo Fórum), prédio de cinco pavimentos e fachada de mármore negro e de acabamento texturizado bege, apareceu apenas 18% na fala dos entrevistados, sendo que, quando solicitado a sua descrição física, ela era geralmente pobre (Figura 10). No entanto, este prédio está localizado aos fundos da Praça Guilherme de Almeida, que a não ser pela fronteira traçada pela Avenida Francisco Glicério, divide espaço e tem sua orientação quadricular alinhada ao Largo do Rosário – estão quase no mesmo lugar. Apesar de não obter uma representatividade expressiva de seu próprio espaço, o Palácio da Justiça reforça a presença do Largo do Rosário como marco, mesmo que às vezes inconscientemente.

**FIGURA 9** - Arredores da Igreja Catedral



Fonte: De Paula (2011, p.64).

**FIGURA 10** - Palácio da Justiça



Fonte: Projeto Campinas (2011).

Outro elemento de destaque é a Praça Carlos Gomes (Figura 11), espaço verde e descontínuo dentre os prédios que ficam entre o Centro e o bairro Cambuí, onde as Palmeiras Imperiais ganham destaque frente ao fundo heterogêneo de edifícios. A presença do coreto e do chafariz que é acompanhado por um pequeno canal que fica sob uma minúscula ponte foram os objetos físicos que mais se destacaram na descrição desse lugar. O balé-do-lugar (*place-ballet*) (SEAMON, 1980) também foi ricamente descrito: as crianças que, na companhia dos pais, se desfrutam do parque de brinquedos; os adolescentes que enchem a porção norte da praça, ao lado Rua Coronel Quirino, nos intervalos entre aulas da Escola Carlos Gomes; e as prostitutas que descansam sob os bancos das praças e calçadas da Rua Conceição.

**FIGURA 11** - Praça Carlos Gomes



Fonte: De Paula (2011, p.70).

### 3.2.3 Os sentimentos dos lugares

Quando perguntamos aos conversantes sobre a emoção ou sentimento específico que sentia sobre determinados marcos ou pontos nodais da cidade, as respostas foram variadas, principalmente entre os valores simbólicos e históricos dos elementos, a memória e história de vida do entrevistado e o aspecto físico-arquitetônico do lugar.

Sobre a Estação Cultura, houve na maioria dos casos uma ambiguidade que talvez faça sentido do ponto de vista histórico do lugar. Alguns reconheceram a beleza do prédio da Estação Ferroviária, o charme de seu relógio aos moldes britânicos e a amarração dos tijolos. Entretanto, muitos e inclusive aqueles que enaltecem as formas do prédio, criticaram o abandono não só do marco, mas da região que o envolve. Alguns acham a região perigosa, por causa da violência, consumo de drogas e prostituição. Esse dado é importante, pois a atribuição de cargas negativas às práticas e hábitos do lugar pode enfraquecer a imagem dessa região ou fortalecê-la, porém sem considerá-la como um espaço público de segurança. Esse viés é uma opinião específica de alguns conversantes, no entanto, uma amostragem feita com conversas de pessoas que frequentam os bares e casarões dessa área poderia nos trazer outras perspectivas.

O Largo do Rosário, dividindo posição entre os elementos mais citados junto com a Estação Cultura, também conseguiu unir as forças de uma identidade simbólica aos seus aspectos físico e visual. Um descanso às vistas em uma paisagem marcada pela verticalização

de prédios, o Largo, em várias ocasiões, fora citado como o centro do Centro da cidade de Campinas, por estar no entroncamento – em forma de T – entre duas avenidas importantes, Avenida Campos Sales e Avenida Francisco Glicério. Essa localização permite que o lugar não seja apenas visto pelos transeuntes, mas seja um verdadeiro ponto nodal, onde pedestres pensam em estratégias sobre seus trajetos e direções a tomar.

As descrições sobre o Largo do Rosário, não focaram os prédios históricos que se escondem acima das fachadas de comércio e agências de bancos, mas sim o fato de a praça ser “nua”, com poucos assentos e algumas árvores. Seu uso é fortalecido por aqueles que guardam certa afeição aos pombos e ofertam migalhas de pão pelas manhãs (o que justifica o apelido de “Praça dos Pombos”), assim como pelas pequenas apresentações artísticas e feiras que ocorrem. Junto a isso se adensa a multidão que trafega entre as Avenidas Campos Sales e Francisco Glicério, sobre as calçadas da Rua General Osório.

A Praça Carlos Gomes é quase um oásis no coração do Centro. Suas Palmeiras Imperiais são imponentes na paisagem, permitindo um recanto de sombra e aspecto de tranquilidade em um espaço aberto e ao mesmo tempo aconchegante. Um dos entrevistados chamou a atenção até para diferença de temperatura, a qual é menor na praça, proporcionando, no verão, uma sensação térmica relativamente mais confortável. Outro revelou certo saudosismo, ao se referir à praça como “jardim” e a lembrança dos espetáculos que aconteciam no coreto, ainda na sua juventude. Alguns entrevistados reconheceram a beleza e importância da praça, mas mostrou certo receio à presença de prostituição no lugar. Porém, no geral o lugar inspirou beleza e tranquilidade.

A Praça Imprensa Fluminense (Centro de Convivência) foi outro destaque de topofilia aos olhos dos campineiros. Sua forma é peculiar, como citada em uma das entrevistadas “as arquibancadas, o teatro de arena, as árvores e o piso que é feito de tijolinhos mais claros” ou ainda, outro “[...] o Centro de Convivência é uma praça circular, que tem árvores ao redor e no meio uma arquitetura de um teatro”, tudo isso dá singularidade ao lugar. Principalmente, para reforçar suas virtudes, durante e aos finais de semana ocorrem feiras artesanais, onde um grande número de pessoas visita o espaço, tanto para fins gastronômicos e degustativos, quanto às artes de quadros, confecções, coleções de enumeráveis objetos etc; fortalecendo ainda mais o sentido de espaço público.

O Edifício da Prefeitura é um marco interessante. Em 6º lugar entre os marcos mais citados (22,7% das respostas), apresenta sua força mais pelo seu uso político e histórico do

que propriamente pela sua forma. O prédio tem um recuo frontal imenso, onde se prolonga uma escadaria e canteiros de gramado, paralelamente esparsos. Dois dos entrevistados se atentaram ao prédio, em “forma de bloco, cheio de vidraças” ou à sua “onipotência”, mas todos reconheceram que identificariam o lugar como elemento importante pelo fato de ali ser a prefeitura. Não há um sentimento específico entre os cidadãos, mas uma convicção clara de que saber onde se localiza a prefeitura, centro político e administrativo, de qualquer cidade é importante para criação de referências dentro do espaço urbano.

O Mercado Municipal, popularmente conhecido como “Mercadão”, já traz sua identidade no próprio apelido. Edifício grande de arquitetura clássica, com cores alternadas entre o branco e o vermelho, perde parte de sua visibilidade pelos mesmos problemas apresentados anteriormente: desvantagem em relação à sua posição topográfica (fundo de vale), circundado por prédios de altura maior. O sentimento em relação a esse lugar parece ser mais nítido sobre os conversantes que tem morada mais antiga na cidade – os mais velhos e naturais do município. Um dos entrevistados garantiu que o uso e a construção do Mercadão não sofreram grandes modificações desde 1912. Essa informação percorre o elo que existe entre esse ambiente e parte das gerações que frequentaram e frequentam esse lugar, permeando um caráter nostálgico sobre as respostas obtidas. Outro entrevistado, muito observador, garante reconhecer o lugar através do cheiro, a mistura das bancas de vendas de alimentos que dão ao local um cheiro peculiar, uma mescla de peixarias, queijarias, açougues, pastelarias, entre outros.

A Igreja Catedral Metropolitana de Campinas foi outro elemento mencionado como especial para os entrevistados. Seu uso pode ser restrito aos fiéis, mas sua forma e sua importância histórica e cultural parecem imprimir força e identidade a esse marco. Em todos os casos, os conversantes não iam à missa e nem qualquer gesto parecido, reforçando o fato de que se detiam em descrever ações sobre a praça que se encontra na frente da igreja ao invés dela própria. A presença de artistas de rua, e as lojas que, com aparelhos alto-falantes, promovem uma série de propagandas comerciais foram marcantes em algumas falas. Há um sentimento de conturbação, de lugar de encontro, movimentado. Não por menos, esse elemento foi reconhecido por alguns informantes como o centro do Centro.

Parece evidente que os sentimentos que se destacaram, enquanto potencial de afetividade entre o cidadão e o ambiente do centro, foram condicionados pelo seu uso e reforçados pela sua forma. As praças, espaços públicos abertos de variadas atividades

ganharam destaque, pois além de serem lugares que permitem ao observador parar e contemplar aquele pequeno fragmento da cidade, permitem que suas ações o liguem subjetivamente ao lugar.

No próximo tópico, discutiremos os mapas mentais dos entrevistados. Eles revelaram diferentes estratégias de condutas e escolhas sobre a paisagem do centro da cidade.

#### *3.2.4 Os mapas mentais*

Os mapas que serão apresentados são um esboço mental do Centro pelos entrevistados, afim de entender como estes estruturam e tomam decisões para se movimentarem nesse espaço. Quanto maior o número de detalhes, mais ricos e complexos se tornariam as análises que permitissem discerni-los e entendê-los qualitativamente. No entanto, o contexto das respostas está mais centrado em entender como o Centro é organizado, sua dimensão, seu marcos, suas vias, enfim, sua forma, a partir da perspectiva cognitiva, mais do que propriamente sua descrição gráfica detalhada. A questão que subsidiou a elaboração foi:

*“Gostaria que fizesse um mapa esquemático do centro de Campinas começando pela Avenida Francisco Glicério. Pode desenhá-lo como se estivesse fazendo uma rápida descrição da cidade para um estranho, incluindo tudo o que você julga ser mais importante para quem não conhece saber como é Campinas. Não precisa se preocupar se o desenho está certo ou não. O importante é que você coloque aquilo que você se lembra como mais significativo. É mais um esboço de um mapa. [O entrevistador deve tomar notas sobre a sequência em que o mapa é desenhado]”*

Pedíamos para que o entrevistado esboçasse um croqui do Centro de Campinas, a partir da Avenida Francisco Glicério, como se estivesse explicando a alguém de fora: um croqui onde ele precisaria colocar os elementos que julga mais importante e significativo para se orientar. Durante a elaboração, deixávamos claro para que ele não se preocupasse se o mapa estava certo ou errado e que apenas se comprometesse em colocar as referências que lembrasse.

A tarefa do entrevistador era manter sua atenção não apenas na sequência na qual os elementos eram elencados, mas à dedicação e à importância que o conversante dava para cada um deles, segundo sua narrativa.

Alguns entrevistados julgavam ser o Centro fácil demais para se entender e apreender, o que não necessariamente repercutiu em mapas mentais que fossem ricos em detalhes, mas pelo contrário: poucas referências eram suficientes para qualquer pessoa de fora se orientar, resultando, em alguns casos, em mapas simples.

O contrário também ocorreu, conversantes que achavam o Centro confuso e de imagem caótica, a gerar pouca legibilidade, se esforçaram em pontuar quase todos os marcos que lhes viessem a mente, seja pela força de sua imagem física (praças, igrejas etc) ou pelo seu uso cotidiano (farmácias, bancos, etc.).

Em boa parte dos casos, alguns entrevistados identificavam alguns pontos, mas não conseguiam atribuir a relação topológica que estes tinham com os outros elementos. Como um deles que ao se debruçar sobre o próprio mapa desabafou “[...] sei que a praça que tem uma igreja [Catedral Metropolitana] com um Banco do Brasil ao lado fica mais para cima, mas não sei onde, só sei que preciso subir [...]”.

Outros, mesmo tendo seus mapas edificados a partir das avenidas principais (as mais largas), demonstraram tanto em seu croqui quanto em suas falas um Centro bem estruturado, de limites bem demarcados. Um dos entrevistados alegou saber bem os limites do Centro por conhecer os bairros que fazem fronteira com seu entorno “[...] sei porque nos bairros muda o movimento de pessoas e o comércio diminuí.”

Casos de entrevistados que residiam ou já haviam residido no Centro da cidade foram também peculiares. Em um deles, uma conversante ignorou quase completamente a parte mais antiga do Centro, acrescentando mais elementos externos a ele, como no caso do bairro vizinho Cambuí. A orientação e densidade do mapa, neste caso, eram claras e aumentava em detalhe justamente nas áreas mais próximas do Cambuí. Isso ocorreu porque no Centro, quando seus limites são avaliados à sua porção mais ao sul, seu limite é rígido e intransponível devido à presença da linha férrea. No entanto, o restante dos limites são difusos, o que gerou discordância entre a maioria dos entrevistados.

A maior parte dos entrevistados, ao demarcar a Avenida Francisco Glicério, como havíamos pedido, estruturavam o Centro, ao menos inicialmente, em ordem, pelas grandes avenidas: Avenida Moraes Sales, Avenida Senador Saraiva, Avenida Anchieta e Avenida Orosimbo Maia. Os entrevistados que não mapearam essas vias, sentiram certa dificuldade para traçar, por exemplo, o limite do centro em um polígono. Alguns davam apenas marcos

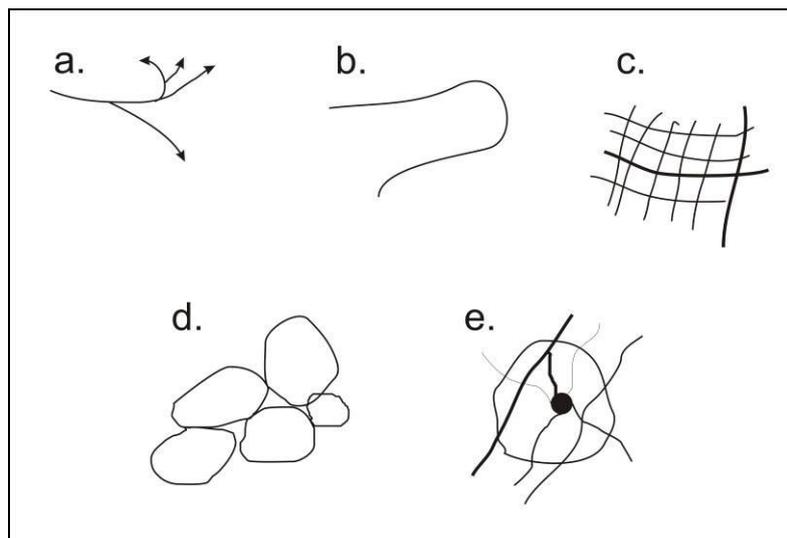
(em forma de ponto) para estabelecer o limite de uma área, outros não conseguiram fechar o polígono em todas as direções, deixando em aberto a fronteira entre o Centro e os bairros.

Parece em algumas entrevistas que o fato do uso de comércio e serviços ter sido utilizado para reforçar a imagem de alguns pontos nodais, marcos, vias e limites não justificou a fraca imagem de alguns elementos urbanos de importância histórica. Todos os entrevistados registraram alguns lugares que fazem parte de seu cotidiano imediato. Aqueles que já não frequentam estes lugares com tanta frequência ficaram consequentemente limitados a representar os elementos que viam à memória, revelando de forma mais confiante os elementos de representatividade histórica, como o “Mercadão” (Mercado Municipal de Campinas), as praças, e os nomes das ruas mais antigas que já foram, em termos de disponibilidade de serviços, mais importante em outras épocas.

No entanto, se pudéssemos citar algumas informações que foram encontradas em todos os mapas mentais e que dão a eles unicidade e coesão, essas estariam relacionadas ao forte poder de orientação que as vias apresentaram. Elas foram descritas como ponto nodal, limite e marco; exerceram todas as funções das categorias lynchianas – caso atípico. Mesmo que seus nomes (toponímias) e imagens nem em todos os casos foram suficientes para dar identidade às formas e lugares, ruas e avenidas aparentaram ser o único elemento ou o mais preponderante para se orientar no Centro de Campinas.

A sequência em que os mapas foram sendo desenhados, apenas um (ou dois) fugiram à regra do modelo “a” e “c” (Figura 12). Um dos conversantes que corresponde à exceção iniciou seu mapa mental a partir dos limites do Centro (caso b), em que estes eram representados por meio das grandes rodovias, como as Rodovias Dom Pedro e Anhaguera, e distinguiu aqueles bairros que estavam dentro do círculo interno às rodovias era o Centro e o que estava fora, não.

**FIGURA 12** - Maneiras de desenhar os mapas mentais



Fonte: De Paula (2011, p.80).

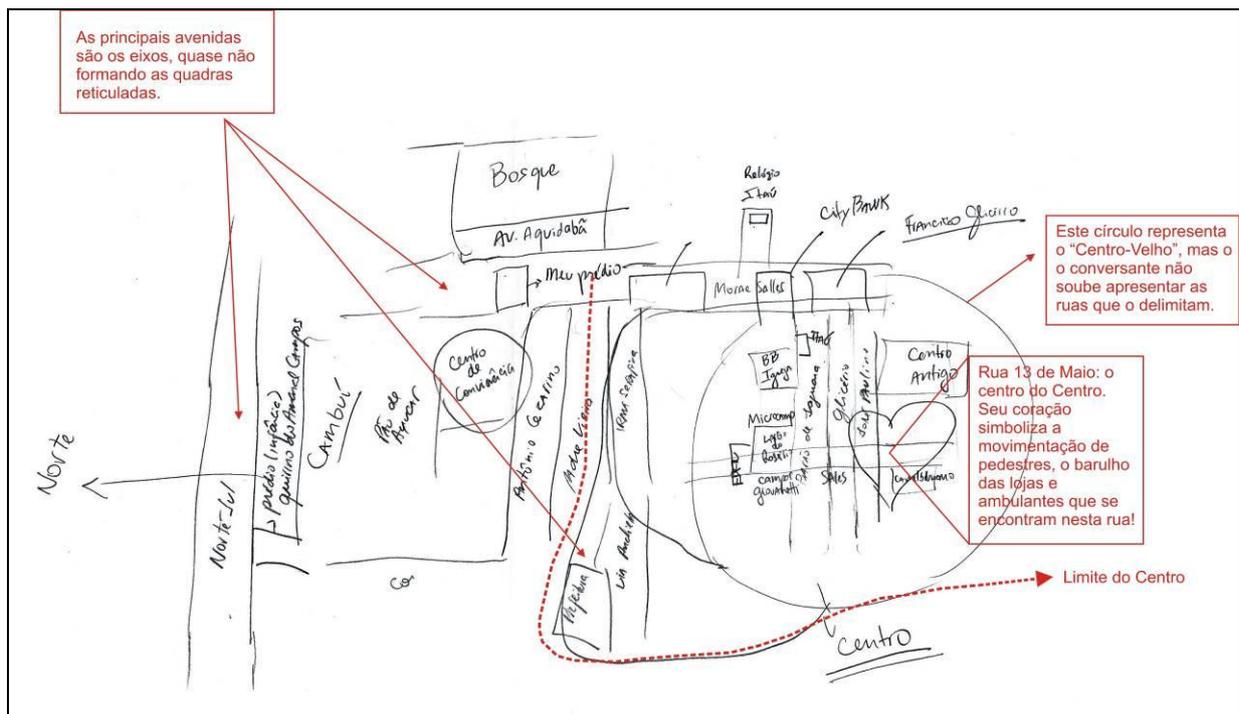
- a) Aparece frequentemente e é representado quando o conversante traça as principais linhas de movimentação, como avenidas, e a partir da orientação delas vai traçando espécie de um percurso, a acrescentar detalhes conjuntamente.
- b) Apenas um caso foi notado. Este exemplo se refere à representação primeiro de um limite da área central, possuindo forma, para depois incorporar os elementos que estão inseridos nele.
- c) Alguns entrevistados começavam por uma forma básica, um padrão de linhas que se repetiam para representar as quadras, sendo acrescentados os detalhes e elementos depois.
- d) Este não ocorreu em nenhuma vez. Trata-se de uma distinção breve de limites entre subregiões dentro do centro, onde o conversante poderia estruturar continuidades e descontinuidades da forma e paisagem do Centro. Mesmo essas duas estando claras em algumas falas, elas não foram mapeadas graficamente.
- e) Desenvolvida a partir de um núcleo familiar, onde tudo era por fim ligado. Esse não apareceu em nenhuma das conversas, a indicar que este núcleo integrador parece não haver no caso de Campinas. Quando perguntávamos onde ficava o centro do Centro (Questão #4 – Questionário #1), as respostas foram díspares, a não ser aquelas que se remetiam a concentração de pessoas na Rua 13 de Maio.

O fato de termos pedido para que as pessoas comessem a desenhar seus mapas a partir da Avenida Francisco Glicério influenciou, em parte, a forma pela qual elas

representassem seu mapa. No entanto, a ordem em que os detalhes foram feitos revelou o tamanho e a dimensão que o lugar tem, a força de sua imagem, em paralelo com a dimensão da imagem da cidade em uma escala maior. Para alguns, a consciência das vias de “entrada” e “saída” demonstraram certa sabedoria do conversante em identificar em que contexto regional está inserido o Centro da cidade. Para outros, detalhes e elementos desconexos com narrativas, às vezes, confusas apontaram o Centro como um local de passagem, onde um número mínimo de ruas deveriam ser requisitos básicos para se orientar nessa pequena região interpretada, em alguns casos, como disforme.

Abaixo, apresentamos alguns mapas mentais e comentários sobre suas elaborações (Figuras 13, 14, 15 e 16).<sup>21</sup> No quarto capítulo, discutiremos as narrativas, experiências e histórias de vida que nos permitem discutir mais a fundo como se dão essas relações, a conciliar um *feedback* para compreendermos também as imagens de Campinas.

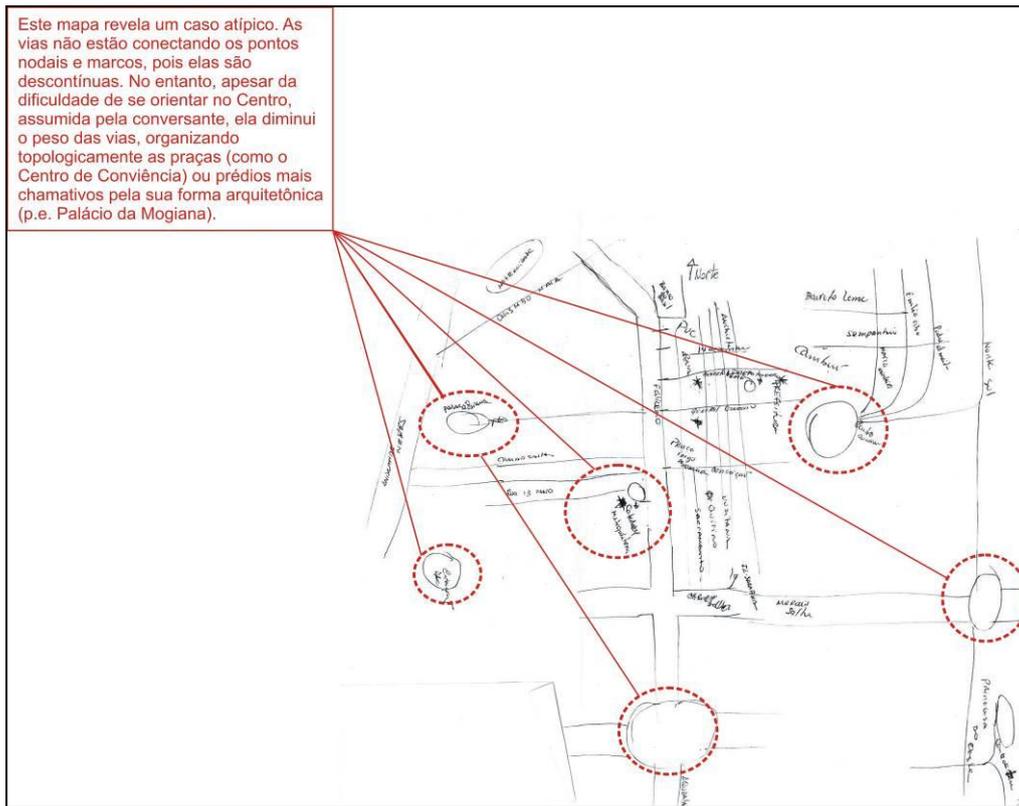
**FIGURA 13 - Mapa mental 1**



Fonte: Projeto Campinas (2011).

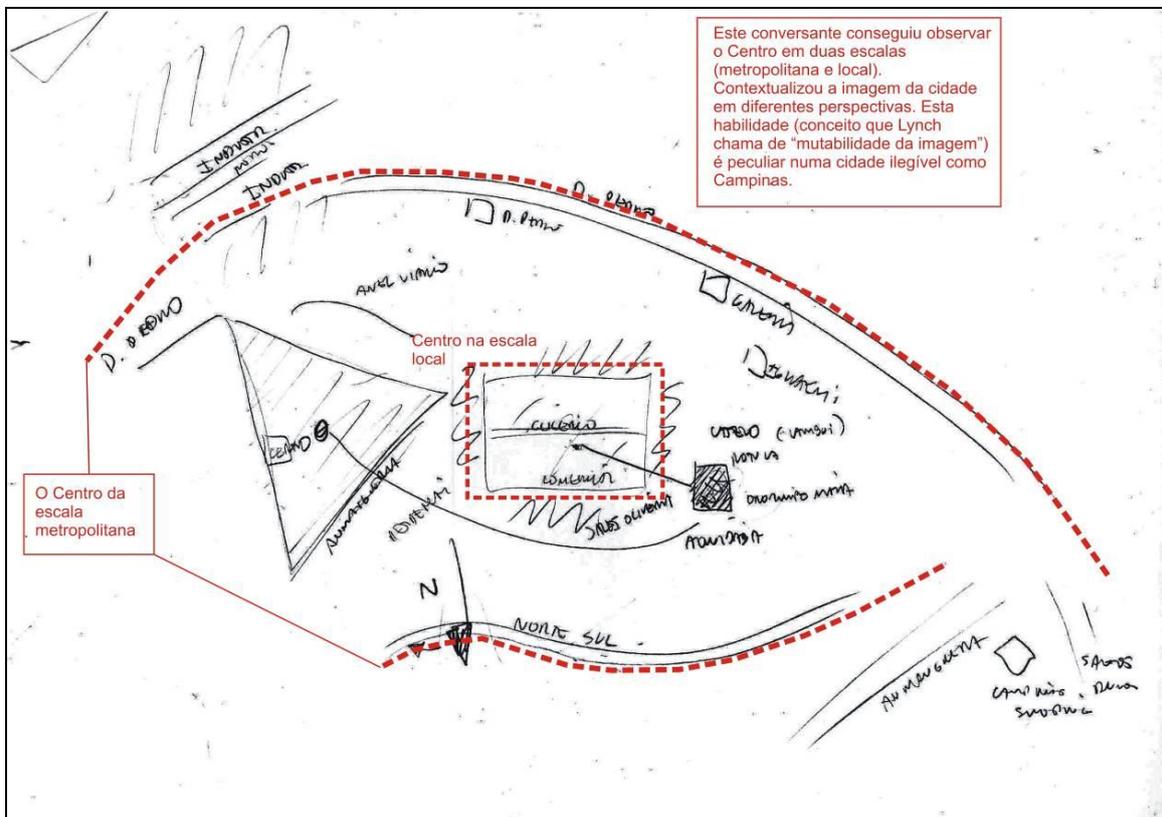
<sup>21</sup> Mais detalhes sobre as análises dos mapas mentais pode ser vista em De Paula (2012).

**FIGURA 14 - Mapa mental 2**



Fonte: Projeto Campinas (2011).

**FIGURA 15 - Mapa mental 3**



Fonte: Projeto Campinas (2011).



---

## 4. EXPERIÊNCIA URBANA DE CAMPINAS

### 4.1 Questões sobre a forma e sua experiência: ritmos espaço-temporais e balé-do-lugar

Algumas questões sobre a maneira como apareceram alguns lugares nas narrativas reforça as relações entre forma e experiência, pois se explicam para além da forma, mas inscrevem-se muito mais nos balés-do-lugar (SEAMON, 1980), ou seja, nos movimentos dos corpos, na maneira coletiva de ir-e-vir que posiciona o sujeito cognoscente em determinado ponto para perceber ou não, identificar ou não a forma na paisagem.

Por exemplo: por que a Av. Anchieta às vezes é referenciada como limite entre Centro e Cambuí e às vezes não? As pessoas colocam a Prefeitura e o Colégio Carlos Gomes como Centro, mas, ao apontar a Av. Anchieta como limite, titubeiam em dizer que estes lugares pertencem ao Cambuí. Há uma confusão, também, em relação à Praça Carlos Gomes: quando apontam a Av. Anchieta como limite, também titubeiam em dizer se a praça pertence ao Centro ou ao Cambuí.

A forma destes elementos e suas inserções no ritmo espaço-temporal do balé-do-lugar nos ajudam a pensar esta confusão entre limite e pertencimento destes elementos às áreas da cidade.

Começando pela **Av. Anchieta**, temos que lembrar que sair de qualquer parte da “área colonial” do Centro (pela R. Barreto Leme, pela R. General Osório, pela R. Tomaz Alves e outras) e chegar à Av. Anchieta é sentir uma abertura de horizonte. Na “área colonial” a predominância é de ruas estreitas, edifícios cuja altura pouco visualizamos, prédios antigos: é um **mundo vertical**, confinado, estreitamento do céu em função da estreiteza das ruas, da estreiteza das calçadas ou da altura dos prédios, da ausência de recuo nas edificações em relação à calçada, árvores não há, a poluição visual é dada pelos letreiros do comércio que nunca deixam com que o topo das edificações atraiam o olhar; a fiação se prolifera ao alto, na altura dos postes. Chegar à Av. Anchieta é uma abertura abrupta do horizonte, é ser impactado pela brancura do prédio da Prefeitura, ter uma imagem mais limpa (menos estreita, menos poluída visualmente pela viação e por letreiros) e encontrar, subitamente, árvores. Embora pareça um limite claro entre unidades de paisagem, os fatores que orientam os elementos Prefeitura, Colégio Carlos Gomes e Praça Carlos Gomes problematizam a definição da Av. Anchieta como limite.

O **Colégio Carlos Gomes**: ele tenderia a ser considerado do Centro porque ele está de frente para quem vem desta área; além disso, suas formas (sua arquitetura) têm correspondência com arquiteturas de prédios do centro (o colonial, a arquitetura da época do café). Ao ter correspondência com o centro, problematiza a Av. Anchieta como limite.

O **Palácio dos Jequitibás** tem sua forma associada ao Cambuí, pois é um edifício monumental, contemporâneo, em área arborizada. Participa (contribui) para a sensação de abertura de horizonte que caracteriza a Av. Anchieta, está localizada em uma elevação do terreno e se destaca tanto pela sua altura quanto por sua cor: suas paredes externas são vidros, estes são cobertos por paletas de metal que em conjunto com o vidro e o mármore branco do paço refletem a luz. Sua forma induziria que ela pertencesse ao Cambuí; mas o prédio da Prefeitura está de costas para este bairro, sua frente está voltado para o Centro, é ponto nodal e participa do ritmo espaço-temporal do Centro (para o Cambuí, a Prefeitura não existe). Por isso, apesar de estar do lado do Cambuí em relação ao limite, as pessoas titubeiam em dizer que a Prefeitura pertence a este bairro.

Por fim, a **Praça Carlos Gomes** é identificada por ser arborizada; seu paisagismo não é igual (ou correspondente) ao do Centro, embora tenha sido concebida e construída como “praça de Centro”. Mas a praça é descontínua em relação ao Centro. Diferente do Colégio e da Prefeitura, ela é um espaço aberto, portanto, permeável/transparente: não está de costas (fisicamente) para Centro nem para o Cambuí. Entretanto, por forma (principalmente a questão da arborização) ela parece pertencer ao Cambuí; no entanto, por que as pessoas titubeiam em dizer que ela pertence ao Cambuí? Em verdade, o ritmo espaço-temporal da praça é diferente do ritmo do Cambuí: não é freqüentada como o centro de Convivência, por exemplo, não há fluxo de pessoas do Cambuí que descem até ela. Frequentam a Praça Carlos Gomes os moradores dos edifícios em torno dela, prostitutas e pessoas que andam pelo Centro e se dão uma pausa.

A confusão que surge da Av. Anchieta como limite estaria, ainda, não só no **jogo duplo** entre as **características da forma** (e o modo como ela indica à qual lado do limite um elemento urbano pertence) e o **ritmo espaço-temporal** associado ao balé-do-lugar (que promove integração entre áreas); mas estaria também no fato de que **a Prefeitura, o Colégio Carlos Gomes e a Praça Carlos Gomes formam um conjunto**. Diferente de outras áreas, as pessoas sabem a sequência entre estes três elementos e pensar em um deles é sempre ter em mente os outros. Mas, embora predominem visualmente enquanto conjunto,

possuem características (da forma e do ritmo espaço-temporal) que problematizam a qual área pertencem e, conseqüentemente, também problematizam a Av. Anchieta enquanto limite.

Outra problemática a ser discutida é a **forma e a direção do Centro**: Ele está voltado para o Terminal Central ou o Terminal Central está “de costas” para o centro? Independente de estar voltado ou não para o Centro, a essência da discussão está no dado de que o Terminal Central é um ponto que “domina” o Centro, por estar localizado na área de maior elevação e pelo fato das ruas subirem em direção a ele (Senador Saraiva) ou descerem (Moraes Sales), conduzindo o fluxo pela dispersão ou pela ascensão.

O Centro é um losango (Figura 2), composto pelas Avenidas Dr. Moraes Sales, Senador Saraiva, Anchieta e Orozimbo Maia. No ponto mais alto do relevo deste losango está o Terminal Central. Há uma outra radial exterior de delimitação do Centro correspondendo às avenidas Aquidaban, José de Souza Campos, Orozimbo Maia e pelo Pátio Ferroviário. Este, no entanto, tem um formato mais esférico e fugidio ao Norte, onde é difícil de precisar o limite.

A discussão sobre o Centro estar voltado ou não para o Terminal Central desemboca na questão sobre o fato de existir a sensação de descer o Centro (descer do Terminal Central), o que significaria que o Centro não está voltado para o Terminal; ou a sensação de que o Centro sobe (que o fluxo é para cima, em direção ao Terminal Central), portanto, o Centro estaria voltado para o Terminal. A discussão sobre subir ou descer o Centro é o debate sobre a orientação deste. Existe uma predominância de direção, entre subir e descer? Se sim, por que? Algo na forma orienta esta predominância, induzindo os caminhos que tomamos?

Independente se sobe ou desce, nesta discussão já temos que o movimento predominante (ou intrínseco) seria entre leste-oeste; o qual é o sentido da maioria das vertentes; o qual também é o sentido do maior número de limites secundários do Centro.

A partir da reflexão sobre o movimento leste-oeste, o fato das diferenças areais também estarem neste sentido apresenta uma linha argumentativa: o primeiro Centro foi o da Área Colonial; a construção da Ferroviária, assim como problemas na Área Colonial (enchente na Rua Barão de Jaguará) impulsionaram o desenvolvimento da Área de Comércio Popular nas proximidades da antiga Estação e a estagnação das formas na Área Colonial. A Área de Comércio Popular é predominada por lojas de roupas e eletrodomésticos (há ausência, por exemplo, de restaurantes; há apenas lugares para lanches rápidos); em função

desta tendência da Área de Comércio Popular, a Área Colonial teria retomado certa vivacidade ao se desenvolverem serviços mais diversificados ou sofisticados do que os da Área de Comércio Popular. Isto explicaria o movimento de descida em direção a esta parte (Área Colonial) do losango (Figura 2).

São as formas que determinam estes ritmos espaço-temporais ou é o balé-do-lugar que constitui a maneira como experienciamos a forma?

#### 4.2 Morfologia das experiências<sup>22</sup>

Vamos agora mergulhar em duas narrativas, extraídas pelo Q2, procurando as potencialidades que esta análise conjunta forma-experiência proporciona para as questões em tela.

**QUADRO 1** - Perfil dos conversantes<sup>23</sup>

	<b>Antonio</b>	<b>Aline</b>
Naturalidade	Campinas (SP)	Itapeva (SP)
Sexo	Masculino	Feminino
Ano de nascimento	1936	1984
Bairro de residência	Padre Manuel da Nóbrega	Centro
Região de residência	Oeste (para além da via Anhanguera)	Central
Atividade	Aposentado / Artesão	Estudante universitária
Bairro de trabalho/estudo	Cambuí (Centro de Convivência)	Barão Geraldo (Unicamp)
Tempo de deslocamento para trabalho/estudo	15 a 30min de carro	30min de carro e 60min de ônibus
Tempo de residência em Campinas	Natural	Sete anos
Estado civil	Viúvo	Solteira

Fonte: Projeto Campinas, Nepo/Unicamp, 2010.

<sup>22</sup> A base da discussão desta sessão foi feita em Marandola Jr. (2011c).

<sup>23</sup> Os nomes foram trocados.

O trabalho com narrativas e trajetórias permite que as analisemos tanto individualmente (em seus elementos internos) quanto em grupos a partir de diferentes critérios. O Quadro 1 revela o conjunto dos entrevistados e seus elementos básicos, os quais serão úteis na discussão. Seleccionamos duas narrativas oriundas dos arquivos da pesquisa para que possamos ponderar sobre o alcance e possibilidades das relações entre forma e experiência para o imaginário urbano. O material destas entrevistas permite várias discussões temáticas, o que será feito nos desdobramentos da pesquisa.

Vamos primeiro expor as trajetórias e seus respectivos espaços de vida mapeados, seguindo depois à análise, dentro dos limites dos entrevistados.

#### *4.2.1 Campineiro aposentado*

Agnaldo, campineiro, aposentado e pintor, de 74 anos e que sempre morou em Campinas. A segunda narrativa de Aline, 25 anos, moradora de Campinas há sete anos no momento da entrevista. Natural de Itapeva (SP), é universitária cursando Farmácia na Universidade Estadual de Campinas.

Podemos observar diferenças importantes entre as respostas que estão relacionadas à experiência diferenciada de Agnaldo e Aline na cidade.

A primeira é de Agnaldo, aposentado e pintor, que participa da feira de artesanato nos finais de semana (sábado e domingo) no Centro de Convivência, em Campinas, onde foi entrevistado. Nascido em 1939, na própria cidade desde o nascimento, reside no bairro Padre Manoel da Nóbrega.

“Ah! Eu é de casa pra feira e de casa pro supermercado. O Bosque acho que há 40 anos que eu não vejo”, ele disse rindo. Esta declaração do Ortiz expressa bem a relação que ele mantém com a cidade, hoje. Dá o tom para compreender as coisas que ele pensa e diz.

Nasceu em Campinas, em 1936; nunca viveu em outra cidade. Ele comenta estes 74 anos de conhecimento de Campinas regularmente, com um tom de voz entre uma autopilhéria (ao notar o quão é velho) e o orgulho. Estas mais de sete décadas de conhecimento da cidade também estiveram presentes nas respostas dadas no questionário estruturado sobre a forma, quando ele sempre respondia às questões a partir do devir entre Campinas antiga e Campinas de hoje.

Sua mãe nascera em Santos, o pai era de Campinas. Conheceram-se em São Paulo, pois seu pai trabalhava lá. Moraram em outra cidade antes de Ortiz nascer; mas se

estabeleceram em Campinas. O pai dele trabalhava como caixeiro e sua mãe era dona de casa.

Trabalhou na Dunlop (atual Pirelli), Singer e na Bosch como metalúrgico. Para isso era necessário ir a locais distantes de sua residência, já que estas indústrias estão nos antigos limites da cidade, ao longo de rodovias, o que lhe proporcionou maior conhecimento de áreas distantes da área onde sempre morou: região do Guanabara e Vila Nova. A Dunlop ficava na Av. John Boyd Dunlop em uma época que da Vila Teixeira para o sul era uma estrada de terra margeada por fazendas. Estas indústrias que envolviam metalurgia sempre estiveram nas áreas limite cidade-campo, perto de rodovias, distantes do centro da cidade.

Sempre esteve envolvido com a pintura, mas também fazia/concebia a decoração e reforma de áreas nas indústrias, fazia cartazes; não recebia um salário ou comissão por isso, mas contou, rindo que recebia mordomias. Mas se o emprego como metalúrgico o fez ir às bordas da cidade, a sempre presença na Feira Hippie (Feira de Arte e Artesanato de Campinas, como está registrado na carteirinha de feirante de 1978) o fez estar no Centro. Ele participa da feira vendendo seus quadros desde o seu início, na década de 1970. Nestes mais de 30 anos, a feira esteve no Largo do Rosário, na Praça Carlos Gomes e agora no Centro de Convivência (praças e largos centrais da cidade); e Agnaldo viveu estes lugares também.

Tem parentes em Campinas, mas raramente vai visitá-los; diz que é muito longe. Tem uma irmã separada que mora em Barão Geraldo, na “Estrada da Rodhia”; tem um irmão casado; tem parente no Cambuí; outro na cidade de Cosmópolis. Quando há eventos especiais ele vai: casamento, final de ano. Mora com mais duas irmãs; uma delas deficiente física e utiliza isso para justificar sua pouca mobilidade pela cidade, pois tem de estar perto delas, pois ele ficou responsável pelas duas após a morte dos pais, acompanhando a diminuição de seus deslocamentos. De casa para a feira, de casa para o supermercado.

Mas se não sai muito, se relaciona muito com o bairro: vai ao bar tomar uma cerveja com os amigos. Ali, nas cadeirinhas espalhadas embaixo de uma mangueira, parece estar uma paisagem feliz para ele, um lugar de afetividade. A sombra é útil durante o dia, e ele não frequenta mais o lugar à noite por considerá-lo perigoso. Quando sai com as irmãs e quando vai para feira usa o carro. Mas quando vai sozinho à cidade prefere ônibus, pois não precisa se preocupar com estacionamentos.

la muito ao parque Taquaral, diz que não saía de lá quando morava perto. Conhece o lugar desde quando era mata virgem; mas ressalta que agora não vai mais, que vai ficando velho, vai perdendo o “pique”.

Frequenta e vai à rua 13 de Maio (o centro comercial da cidade) desde a época que tinha bonde e comentou os caminhos dos bondes. O Centro de Convivência comenta que conhece desde quando este não existia, quando era escolinha de criança. Os estádios ele conhece, é bugrino e ia aos jogos. O Parque Ecológico só foi na inauguração, diz que antes ali era fechado e quando abriu ao público acompanhou a banda que tocou na inauguração. Sobre Souzas e Joaquim Egídio ia pra lá com cavalete, pintar mais paisagens rurais, as casinhas antigas; agora diz que “não tem nada a ver”, que é tudo condomínio fechado; à época tinha bonde que ia lá, o bonde atravessando as fazendas; hoje em dia não frequenta mais este restrito. No Cambuí tinha o irmão de seu pai, vinha visitá-la, mas ela já morreu. O Centro de Convivência viu antes de ser construído, ajudou na construção. A Praça Carlos Gomes era onde se fazia a praça: homens andavam em um sentido, mulheres andavam no sentido contrário e esse andar proporcionava a paquera, no coreto tocava uma bandinha; atualmente não frequenta e explica que naquela época não tinha televisão, coisas para fazer a noite era isso. A Av. Francisco Glicério conhece desde quando era menor; nesta quem fazia a praça era “gente de cor” e não havia misturas, os da Praça Carlos Gomes não iam lá e o pessoal de lá não ia à Praça Carlos Gomes. Ele mesmo chegou a ir, porque tinha amigos negros, mas os frequentadores de lá sempre inquiriam a ele que um “branquelo” fazia ali (mas ele não mostrou que era fortemente beligerante, a ponto de chegar a brigar).

Para quem é de fora, exemplifica com a atitude de um primo que conheceu a cidade: é uma cidade grande, que impressiona, metrópole. Sobre essa impressão antes, afirma que a cidade era mais bonita, mais segura, mais gostosa; jogava bola de meia no meio da rua, não havia carros, as crianças tinham espaço pra brincar. Agora elas não têm mais, diz ele: ficam presas nos apartamentos, acompanhados de televisão, videogame.

As respostas entre Campinas de ontem e de hoje são sempre presentes. Quando ele fala sobre ter morado entre o Guanabara e a Vila Nova, comenta sobre o Liceu. O colégio particular católico hoje é enorme, com muros altos e uma cor de rosa que o destaca. Os portões ostentam a grandeza dos pátios, de longe é possível ver a torre da capela: um marco na paisagem da Campinas de hoje. “O Liceu agora virou chique lá”, diz Agnaldo, contrapondo

com suas lembranças: “tinha a molecada lá, a gente assistia a missa depois jogava futebol, tinha cinema. Hoje acabou, hoje não tem mais nada. Hoje a turma só liga pro rico” e riu.

**FIGURA 17 - Espaço de vida de Agnaldo**



Fonte: Projeto Campinas, Nepo/Unicamp, 2010.

Agnaldo envelheceu, a estrutura de sua família mudou. Ele se aposentou e da conversa dele nos resta que na mesma medida em que encolheu seus espaços rotineiros, aflora na sua fala sempre a memória. Ele parece ter mais a cidade antiga do que a de hoje, como é comum aos velhos (BOSI, 2007). E isso também está presente na vida de outros. Quando perguntado se ele ainda pinta paisagens de Campinas ele disse que sim, a partir de um livro de fotografias antigas da cidade.

Tendo a memória e ou a própria Campinas de hoje a seu dispor, o velho campineiro utilizada a reprodução da chapa mecânica impressa em livro para pintar uma Campinas vivida por ele próprio...

Na Figura 17, temos o espaço de vida de Agnaldo com seus lugares da memória e lugares e trajetos que compõe o seu cotidiano atual. Observamos uma concentração evidente na região central, mas com uma linha de experiência que liga sua casa atual, afastado do Centro, com seu local de trabalho. Neste mapa podemos observar a distância que ficavam as fábricas que trabalhou ao longo da vida, desconectadas de seu bairro de residência, e como o trajeto vai sendo pontuado por lugares e marcos na paisagem.

Sua frequência nos espaços públicos é muito baixa, o que está ligado à velhice, época de regressão no espaço de vida (COURGEAU, 1988), embora o automóvel ainda lhe permita uma mobilidade casa/trabalho.

#### *4.2.2 Jovem Migrante*

A segunda narrativa é de Aline, 24 anos, que mora em um apartamento do quinto andar de um edifício da rua Dr. Quirino (quase na esquina com a Av. Aquidaban), com mais duas irmãs (ambas mais velhas).

A história migratória da família é bem linear, por envolver basicamente duas regiões do Estado de São Paulo – a de Campinas e a de Itapeva. Seu pai trabalhou com lavoura, na região rural de Itapeva, mas se tornou pedreiro, ainda jovem, quando passou a frequentar mais a área urbana de Itapeva, onde vive até hoje: “Meu pai trabalhou muito de pedreiro e ajudou a construir muitas casas em Itapeva [...]”. Sua mãe cuidou das atividades do lar e dos filhos desde criança. Aline é a caçula de oito irmãos (seis mulheres e dois homens), todos nascidos e formados na educação básica em Itapeva.

Desde a chegada de sua irmã mais velha (na década de 1980), os irmãos foram migrando paulatinamente para a Região Metropolitana de Campinas, em alguns casos para

cursar faculdade e em outros para trabalhar, ou para ambos. Com Aline não foi diferente. A única diferença, segundo ela, é que sendo a caçula foi mais fácil por ter oito irmãos estabelecidos na região e poder contar com o apoio de todos.

Aline chegou em 2003 e foi morar em Paulínia com sua irmã, no bairro Batel. Sua rotina diária nesta época era simples, ligada aos deslocamentos casa-curso pré-vestibular que frequentava no Centro de Campinas (rua 14 de Dezembro, próximo à Prefeitura). Acordava às 5h para conseguir chegar às 7h, horário da primeira aula. Lembrava da dificuldade de se ir para o curso, pois antes de se atravessar a pista Campinas-Paulínia para alcançar o ponto de ônibus, ela precisava atravessar o bairro, lugar onde não se sentia muito segura. Para ela, o bairro tinha lugares e casas bonitas, mas outras áreas “barra pesada”, as quais ela mais temia.

Quando perguntada, Aline disse que mudou para Campinas no início de 2003, considerando, portanto, o período em que morou em Paulínia já Campinas. A identificação de Paulínia e Campinas como mesmo lugar é sentida pelo movimento pendular que fazia. A própria forma de estabelecer a região com apenas a palavra “Campinas”, tem sentido na percepção do migrante. Quando era perguntada sobre seus irmãos, dizia que moraram em Campinas, mesmo que estivessem morando em outras cidades da região.

Em Agosto de 2003, Aline passa a morar com outra irmã, J., na rua Luzitana, Centro de Campinas (quase esquina com a Av. Dr. Moraes Salles). Só então passou a construir mais relações com o Centro e a cidade. Sente um sentimento levemente topofóbico pela antiga cidade, Paulínia, por não conseguir estabelecer relações com seu bairro e o entorno: “[...] é muito difícil andar a pé em Paulínia, faltam calçadas e lugares onde atravessar. Aos finais de semana eu ficava em casa ou vinha visitar J. aqui em Campinas [...]”.

Essas visitas eram pontuais. Segundo Aline, elas não a obrigavam a estruturar os espaços do Centro, com nomes de ruas e de avenidas. Mas quando passou a morar no Centro, essa necessidade se apresentou. Necessidades as quais vieram lhe juntas com muitas vantagens. Não demorava mais de cinco minutos para sair de casa e ir ao curso pré-vestibular, não gastava mais três horas de seu dia dentro de um ônibus metropolitano, o que lhe dava mais tempo para se dedicar aos estudos.

Em 2004, Aline permaneceu morando na rua Luzitana e sua rotina mudou pouco. Passou a frequentar outro curso pré-vestibular, na rua José Paulínio (também no centro), um pouco acima do cruzamento com a Av. Dr. Moraes Salles. Iniciou um curso de Biologia na

PUC Campus Dom Pedro, diurno, mas desistiu logo no primeiro mês. Disse que, mesmo morando no centro, ainda visitava bastante sua irmã R., em Paulínia.

Mas, decididamente, foi neste ano que Aline começou a frequentar lugares de Campinas além do Centro: como o Shopping Iguatemi, Shopping Dom Pedro e Lagoa do Taquaral.

Em 2005, Aline retorna ao curso pré-vestibular anterior (aquele na rua 14 de Dezembro, do ano de 2003), ainda morando na rua Luzitana. Diz ter sido um ano diferente e mais expressivo que o de 2004. O retorno ao antigo “cursinho” fez com que encontrasse antigos amigos do ano de 2003 e também do outro cursinho, em 2004. Sua rotina se alterou, pois passou a dedicar muito mais tempo aos estudos. Segundo ela, mesmo morando tão perto, evitava passar as tardes em casa, e se dedicava muito aos plantões de dúvidas ao longo da tarde. A intenção de passar no vestibular era seu objetivo principal o que acabou por mudar sua rotina durante a semana, ficando mais no cursinho do que em casa.

Aos finais de semana, Aline confessa (e até os dias de hoje) ser “sagrado” ir até a Feira *Hippie* no Centro de Convivência, passar no Pão de Açúcar do Cambuí e tomar sorvete em algumas sorveterias no bairro, como aquela que fica ao lado deste supermercado.

Ainda em 2005, no dia 26 de Outubro, Aline se mudou para Valinhos junto com a irmã J. e seu cunhado. Morou na área central dessa cidade. A dificuldade de locomoção passou a ser obstáculo novamente, acordar cedo e encarar o ônibus cheio. Mas a fase de pegar ônibus cheio pela manhã durou pouco. Como o ano letivo do curso pré-vestibular estava em seu fim, Aline passou a frequentar menos as aulas e dedicar suas horas de estudos em casa à revisão da matéria estudada ao longo do ano. Era a terceira vez que prestaria vestibular para quatro universidades públicas: Unesp, Unicamp, UFSCar e USP. Aline passou em todas, exceto na UFSCar, e optou por estudar o curso de Farmácia pela Unicamp, devido à proximidade dos parentes.

Em 2006 sua rotina muda novamente. O local de destino, então, durante a semana é para Unicamp. Aline faz questão de falar como gostava de morar em Valinhos, mesmo tendo que acordar cedo para chegar a tempo na aula, às 8h. “Eu morava numa rua, onde tinha uma padaria maravilhosa em uma esquina, uma pizzaria numa rua que cruzava, e uma livraria na outra esquina. Aquele lugar era mágico!” Algumas vezes dormia na casa de sua irmã Z. que passou a morar na rua Luzitana depois de Aline ter se mudado.

Os lugares topofílicos (TUAN, 1980) de Aline, nessa etapa da conversa se ressaltam. O centro de Valinhos era onde morava, lugar onde frequentava as praças, livrarias e sorveterias junto com sua irmã J. Segundo ela, esses lugares passam a ser sinônimo de tranquilidade. E, mais, em Valinhos ela conseguiu estabelecer relações de intimidade com lugar de maneira fácil e rápida.

O Centro de Campinas, até mesmo a área comercial – que ela delimitou em seu mapa, marcado dentre a Av. Dr.Moraes Salles, Av. Francisco Glicério e a Av. Orosimbo Maia, que na realidade seria a Av. Senador Saraiva – fazem parte de sua memória, mesmo às vezes possuindo uma imagem esteticamente feia do Centro, ela se recorda dos anos de cursinho e de suas amigadas. O Centro de Convivência é uma exceção, pois representa um espaço que ainda frequenta, mesmo quando morava em Valinhos. Alega que, quando residente em Valinhos, dormia na casa de Z. para conseguir chegar cedo na Feira *Hippie* aos sábados. Aline adora fazer trabalhos artísticos de pinturas e decoração com objetos, como caixa, origamis, criado mudo, entre outros. (Essa atividade é um dos motivos para gostar tanto de ir à feira, lugar onde sempre encontra materiais para suprir suas necessidades.)

O caminho de Valinhos para a Unicamp também lhe proporcionou muitas amigadas. Ela separa sua estadia em Valinhos em duas fases distintas: 1) quando ia de ônibus de transporte público para Unicamp; 2) quando ia de ônibus fretado. Estabeleceu amigadas, tanto na primeira quanto na segunda fase, com alunos da Unicamp que também moravam em Valinhos. Neste ano de 2006, ela permaneceu o ano todo nessa cidade.

Em 2007, Aline passa a morar em Campinas novamente. Devido ao serviço do Cunhado, eles (Aline, sua irmã J. e o cunhado) vão morar em uma fazenda próxima a saída para Jaguariúna. Aline dizia ser a fazenda um lugar não muito longe da Unicamp e do centro de Campinas, entretanto muito isolado. Ela tinha que atravessar quase um quilômetro para pegar o ônibus na pista, e na volta era mais difícil ainda por causa da falta de iluminação: “[...] eu tinha que atravessar uma ponte de troncos de árvore, que juro, tinha jacarés, e tinha um jacaré que juro que ele atravessava os dois lados da ponte [...] Eu me sentia muito isolada lá. Toda vez que chovia, acabava a força ou a internet caía [...]”.

A história migratória de Aline é recheada de centros: centro de Valinho, centro de Campinas. Talvez a sensação de isolamento tenha sido mais acentuada devido a este elemento. Aline disse que prefere morar no Centro, pois gasta menos dinheiro com passagens, mas que outros elementos estão envolvidos em sua fala, além de transporte.

Ficou oito meses morando na fazenda, e em 2008 mudou-se para o Jardim Proença. Gostava da casa e do bairro, mas desprivilegiava a rua do bairro onde morava, por ficar de frente com o bosque . O bosque não representava um lugar de lazer, nem mesmo de dia. Era perigoso e tinha pessoas estranhas. Reclama que todo dia era um desafio para chegar à noite das aulas e encarar o silêncio e o breu do lugar.

Para ela, era meio estranho morar ali, pois não era longe o suficiente para gastar dinheiro para pegar o ônibus para ir ao Centro, nem perto o suficiente para ir a pé de forma corriqueira. Mesmo assim, preferia ir a pé. Outro elemento interessante, é que Aline passou a pegar novamente o ônibus metropolitano que sai de Valinhos para ir à Unicamp, convalidando algumas amizades de pessoas que não via diariamente.

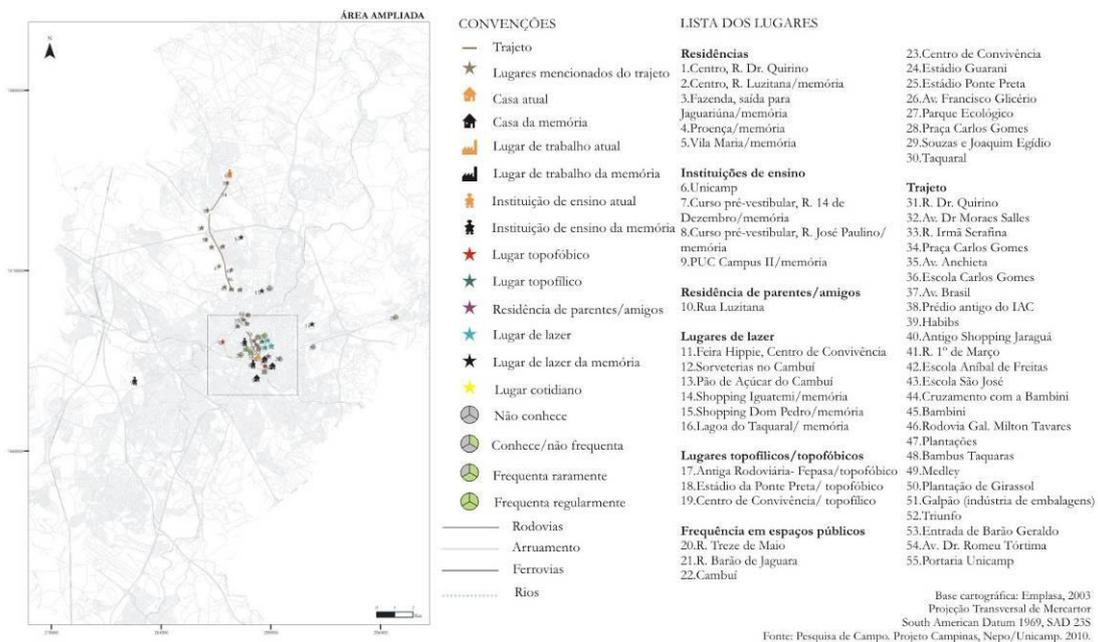
Ainda em 2008, Aline já se dizia mais a vontade para andar na cidade, e que não precisava agora sempre da companhia da irmã. As idas ao Centro ficaram mais crescentes (à casa de Z.) e a vontade de voltar morar no Centro aumentava. Aline ainda permaneceu cerca de um ano nesta casa do Proença. Estabelecia poucas relações com o bairro, se comparado com as memórias topofílicas referente a Valinhos, por exemplo, onde tinha um amiga da faculdade que era sua vizinha também. No Proença, o Estádio de futebol da Ponte Preta, principalmente era feio por fora (nunca entrou nele) e fedido (não sabia dizer o cheiro específico).

Todas as mudanças de Aline foram por ela ser financeiramente dependente de suas irmãs, seja por R. (bem no início quando chegou à região, em Paulínia) ou de J., quando passou a morar em vários lugares de Campinas e centro de Valinhos.

Em Maio de 2009, Aline mudou-se novamente e passou a morar na Vila Maria. Um bairro próximo ao bairro da Ponte Preta, às margens da Av. Washington Luís. Lá também não se envolvia muito com o bairro. Perguntamos o motivo e ela disse sobre seus vizinhos, geralmente idosos, mais recatados. O único ponto de referência do bairro que tinha era a padaria de fachada amarela na Av. Washington Luís.

Em dezembro de 2009, muda-se novamente e retorna para o Centro de Campinas, na rua Dr. Quirino (onde mora atualmente). Adora a localização, e se empolga quando fala sobre as vantagens de onde mora.

**FIGURA 18 - Espaço de vida de Aline**



Fonte: Projeto Campinas, Nepo/Unicamp, 2010.

A Figura 18 mostra o espaço de vida de Aline. É nítida, como no caso do mapa de Agnaldo, a presença do eixo viário que liga a residência ao Centro, estabelecendo relação

com outra parte da cidade. No entanto, há coincidências (especialmente nos lugares centrais e naqueles grandes espaços públicos da cidade) e significativas divergências: Agnaldo vive intensamente a área central e o eixo oeste, enquanto Aline vive a região norte, em relação com a Unicamp. No entanto, pela presença de sua família espalhada pela região metropolitana, tem uma diversidade de trajetos e lugares que visita, ampliando assim também sua própria experiência da cidade.

Difere de Agnaldo, há espaços públicos que ela não conhece, como o Parque Ecológico e os estádios, conotando sua condição migrante, que lhe oferece uma inserção diferente na cidade. Outra diferença significativa são os lugares tofóbicos, muito associados a lugares degradados do Centro da cidade.

Como estas experiências diferenciadas se revelam na percepção da forma urbana?

#### **4.3 Percepção VS. experiência**

O Quadro 02 sumariza as respostas em relação ao questionário lynchiano que se refere à forma urbana para os dois sujeitos em questão.

Notamos que Agnaldo, com uma densa experiência na cidade, identifica marcos associados e lugares ligados à memória. A imagem está ligada à experiência e a forma está fundida nestes dois elementos. Isso se dá principalmente pela oposição Campinas-grande/Campinas-pequena, pois ele viveu as grandes transformações urbanas na cidade que, quando nasceu não possuía 100 mil habitantes, e atualmente passa de um milhão. A marca destas mudanças são tão profundas que o estranhamento com as formas atuais se manifesta pela menção recorrente à nostalgia das permanências.

A delimitação do Centro, por exemplo, é explicitamente relacionada a outro tempo, assim como as nomenclaturas que ele utiliza. Seu amplo conhecimento dos espaços públicos da cidade e sua ligação com os lugares passa sempre pela densidade que só os estabelecidos possuem.

Quanto à forma, é interessante notar que quando fala sobre a orientação é o momento em que ele demonstra maior intimidade e clareza da questão. Ele vai direto ao ponto ao identificar o mar como limite em Santos e um elemento espacial da forma essencial para a imagem da cidade. O contraste com Campinas é evidente pelo espalhamento da mancha urbana que se torna disforme e difícil de ler. Para Agnaldo, que

acompanhou este processo, inclusive pelos locais que trabalhou (nas franjas da mancha urbana), isso é mais nítido e perceptível.

**QUADRO 2 - Respostas dos conversantes acerca da forma urbana**

Quesito	Agnaldo	Aline
O que primeiro lhe vem à mente, qual imagem lhe ocorre quando você pensa na palavra "Campinas"?	Campinas grande-pequena, teatro que foi demolido, Liceu, Catedral	Avenidas largas, grandes prédios, as movimentações de pessoas e ônibus. Uma imagem diferente de cidade pequena
Delimitação do centro	Jardim Carlos Gomes até a Estação da Paulista (Fepasa); Av. Orozimbo Maia (Centro de Saúde) até o Largo do Pará	Av. Aquidaban, Orozimbo Maia, Andrade Neves e Anchieta
Centro do centro	Igreja do Carmo (pela história); Catedral (todo mundo fala)	Catedral
Elementos destacados na descrição do caminho casa-centro	Muro da Fepasa/Antártica e Estação da Fepasa; Palácio dos Azulejos; Valeta Orozimbo Maia	Centro de Convivência; Bosque dos Jequitibás; Praça Carlos Gomes; Prefeitura; Catedral; Praça São Benedito; Estação Ferroviária/Espaço Cultural
Sentimentos/emoções específicos no trajeto casa-centro	Não gosta de uma rua, perto da Salles de Oliveira, que é uma subida e tem um sinaleiro ali: quando esse fecha, ele precisa ficar segurando bem o carro pra sair dali	Felicidade na praça Carlos Gomes, por causa das palmeiras imperiais. Outro trecho é o do Tapetão (estrada de acesso a Barão Geraldo), por possuir uma imagem semelhante a uma imagem rural
Elementos especiais do centro	1) Chafariz próximo a Estação Paulista (trabalho artesanal do muro); o muro da Fepasa/Antártica e a própria Estação (nostalgia e beleza); 2) Palácio dos Azulejos (antiga prefeitura, ressalta ele) (envolvimento, foi muito lá); 3) Valeta Orozimbo Maia (memória e beleza)	1) Centro de Convivência (Paz, tranquilidade); 2) Bosque dos Jequitibás (Calma, também, sossego, é um pouco mais silencioso que o entorno); 3) Praça Carlos Gomes (Paz e tranquilidade, mas um pouco de receio, por causa de pessoas estranhas); 4) Prefeitura; 5) Catedral (Por fora, ela sente serenidade, mas por dentro alega ter a igreja muitos detalhes dourados e isso ser meio perturbador); 6) Praça São Benedito (Sentia um pouco paz, mas agora tem medo, por ter sido seguida por um estranho em uma ocasião) 7) Estação Ferroviária/ Espaço Cultural (Tem pouca relação, mas sente um pouco de receio, por ser uma área meio abandonada, mas gosta da paisagem, e acha a arquitetura charmosa)
Conhece mirante ou visão panorâmica da cidade	Castelo (bairro alto)	Prédio do Itaú; Viaduto Cury; Pontilhão sobre a Rodovia Milton Tavares de Lima, saída de Barão Geraldo
Campinas é uma cidade fácil para encontrar as direções?	Diz Campinas ser uma cidade fácil de se aprender, porém tem poucas sinalizações	Acha que não; diz que a cidade tem sinalização, placa
Das cidades que você conhece, mais têm uma boa orientação? Por que?	Comparou Santos e Campinas sobre a clareza da orientação: em Santos tem a praia, qualquer caminho leva à praia e aí a pessoa pode se localizar. Mas Campinas cresceu muito, tanto que ele já chegou a se perder até em bairros próximos ao qual ele nasceu	Itapeva (SP): por ser pequena, e ter como forte referência o elemento topográfico (sobe morro/desce morro) é fácil de se orientar Valinhos (SP): por causa das grandes avenidas que contrastam também com as pequenas ruas é fácil de se orientar

Fonte: Projeto Campinas, Nepo/Unicamp, 2010.

A percepção de Aline sobre as formas, por outro lado, está claramente associada à sua experiência enquanto estudante e migrante, mas com uma ampla rede pela região, o que gera muitos deslocamentos, mudanças e, portanto, uma experiência medida e até certo ponto oscilante em termos de construção de uma identidade territorial. Sua própria ligação permanente com a terra natal, as constantes viagens e incerteza quanto ao seu estabelecimento definitivo ou não na região, são elementos importantes para pensar sua percepção da imagem da cidade como sendo de uma migrante, que poderá ou não vir a ser uma estabelecida.

Isso é relativizado pela presença e redes estabelecidas por seus irmãos, criando uma interessante ambivalência.

Sobre as respostas presentes no Quadro 02, notamos que a imagem de Campinas é a da cidade grande, de amplas avenidas, uma metrópole (contrastando com Itapeva). As grandes avenidas têm muito destaque na delimitação do Centro e os marcos apontados por ela são aqueles destacados pelo patrimônio e que têm maior atenção pelo turista.

Como moradora do Centro, no entanto, Aline destaca sempre o seu uso dos espaços públicos, enfatizando tranquilidade e outras qualidades associadas diretamente à sua relação e experiência nos lugares. Alguns, como a prefeitura, nem tiveram qualificação a não ser pela forma, pois ela não possui laços de envolvimento com ela.

Este é um ponto fundamental: a descrição das formas nas respostas de Aline é muito mais detalhada do que na de Agnaldo, talvez justamente pela menor densidade que cada forma tenha em sua experiência. Dito de outra maneira, a memória é tão densa no caso de um natural idoso como Agnaldo, que seja mais difícil fazer aflorar sem maior esforço o papel da forma na sua percepção da imagem da cidade. Esta já está de tal maneira arraigada à sua imagem que é mais difícil separá-la. Diferente é o caso de quem ainda está construindo sua experiência da cidade, cuja relação inicial e primeira é sempre pela forma: pelo exterior que se permite envolver por qualquer olhar.

Aline também teve muita segurança em afirmar que Campinas é uma cidade de fácil localização, mesmo que tenha conseguido apontar elementos de forma urbana para justificar a boa orientação em outras cidades (relevo em Itapeva e as grandes avenidas de Valinhos) enquanto a resposta que deu no caso de Campinas não tenha tido uma relação tão nítida com a forma.

Vemos que os elementos identificados pelos pesquisadores do projeto, constantes na Figura 1, estão mais presentes nas respostas de Aline do que na de Agnaldo. Embora muitas formas sejam historicamente construídas, muitas mudaram de função ou perderam sua imageabilidade. Tornaram-se menos nítidas ao longo do tempo, ou outras formas tornaram-se predominantes. A Campinas da memória não é a mesma Campinas dos trajetos cotidianos, embora, como vemos em Agnaldo, seja a primeira que continua a conduzi-lo.

Isso coloca uma situação incontornável para pensar o imaginário urbano: ele se refere à imagem ou à paisagem da cidade? Paisagem e imagem guardam relações diretas, mas também diferenças importantes: não podemos, para falar de paisagem, prescindir de sua morfologia (SAUER, 1998), enquanto a imagem é perfeitamente veiculada e construída apenas de forma mental, embora possa não sê-lo (LYNCH, 2003). A questão é: como lidar com o fato que a imagem que as pessoas têm da cidade, e que as orientam em sua rotina diária, preferências, deslocamentos, escolhas e em última análise, em seu bem viver, constroem-se de forma descontínua e fragmentada em relação às paisagens urbanas em transformação?

Mais uma vez, parece que a resposta reside na necessidade de conhecer e acompanhar as transformações na forma e na paisagem urbana em par com a experiência destas diferentes paisagens. As imagens produzidas nestas relações precisam ser consideradas em suas transformações, mas sobretudo em suas permanências, que é o momento privilegiado da memória enquanto artesã do imaginário urbano.

---

## 5. O PENSAR A CIDADE

Quais os elementos da paisagem e da imagem de Campinas? Esta primeira avaliação sistemática da sua forma indica o papel das avenidas na estruturação da forma e da imagem. Sua presença não apenas como vias, mas também como limites, está associada à sua forte diferenciação na paisagem da cidade diante da malha estreita de ruas retilínea e pouco diferenciadas da área central, ou das grandes áreas residenciais de ruas irregulares. Por outro lado, com a redução do horizonte da cidade, a perda de suas panorâmicas, a imagem da cidade permanece construída apenas por fragmentos, os quais são tomados sempre do ponto de vista oblíquo, do chão, sem amplitude suficiente para estabelecer conexões entre as áreas da cidade que não sejam pelo tráfego por suas vias.

O tempo da construção das imagens é importante para pensar as permanências e as transformações. Se hoje a ausência das panorâmicas é um traço fundamental, isso corresponde aos últimos 40 anos da cidade. A Torre do Castelo, mirante de 360º com suas “Janelas abertas para a cidade”, permaneceu nos últimos anos fechado à população, dificultando o acesso visual a uma tomada conjunta da cidade. A importância desta tomada não pode ser desprezada, já que permite apreender a conexão entre as partes da cidade e a conexão entre elementos da paisagem não comumente associados. Sua reabertura no primeiro semestre do ano passado deverá produzir uma retomada desta perspectiva panorâmica.

A Figura 3 mostra esta vista panorâmica, ajudando a construir uma imagem de Campinas diferente daquela da perspectiva oblíqua (Figura 19). Nesta imagem, a paisagem da cidade aparece emoldurada pelos morros do Planalto Atlântico, da região Leste e Sul do município. A região central ocupa toda a vertente até o fundo do vale da Avenida Senador Saraiva e os dois edifícios-marcos projetam-se do *skyline*, orientando o olhar.

Qual a relação desta imagem panorâmica com as paisagens fragmentadas da experiência urbana? Como a forma interfere na apreensão e percepção destas perspectivas? Como se constrói a imagem e a paisagem de Campinas?

**FIGURA 19** - Visão oblíqua de Campinas, a partir do Largo do Rosário



**Fonte:** Projeto Campinas, Nepo/Unicamp, 2010.

Campinas, como todas as cidades que experimentaram grande crescimento econômico e cultural num intervalo de poucas décadas, ainda está se acostumando e se acomodando com tantas Campinas. A imagem de uma Campinas no singular, no entanto, parece só ser possível na perspectiva da experiência. Mas é nesta pluralidade que reside sua potência enquanto espaço de vida, experiência e cultura.

---

## REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: \_\_\_\_\_; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. 2.ed. Goiânia: Vieira, 2007.
- BADARÓ, R. S. C. **Campinas: o despontar da modernidade**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- BATTISTONI FILHO, D. **Alguns aspectos da arquitetura urbana em Campinas**. Campinas: Academia de Letras de Campinas, n.54, 2002.
- BERDOULAY, V.; PAES, M. T. D. Imagem e patrimonialização em planejamento urbano: Salvador (Bahia) e Bordeaux em perspectiva. **Cidades**, v.5, n.7, p.33-47, 2008.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 14.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- BRESCIANI, M. S. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Carlos, v.6, n.2, p.9-26, 2004.
- CARDOSO, R. (Org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COURGEAU, D. **Méthodes de mesure de la mobilité spatiale: migrations internes, mobilité temporaire, navettes**. Paris: Éditions de L'Institut National d'Études Démographiques, 1988.
- DE PAULA, L. T. **Cartografia da experiência urbana: as imagens e formas de Campinas**. 2011. 123f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERREIRA, M.; AMADO, J. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- GOMES, P. C. C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GONÇALVES, C. S.; FERNANDES, N. L. **Pelas vias da vila**. Proposta de Intervenção na Vila Industrial. Especialização Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto. Campinas: FAU/PUCC, 1999.
- GONTIJO, M. C. A. **Praças com feiras: suas consequências para a vida urbana e seus lugares**. 2005. Dissertação (Mestrado) - FAU/PUCC, Campinas.
- GOULD, P.; WHITE, R. **Mental maps**. New York: Penguin, 1974.
- GOUVEIA, A. P. S.; FARIAS, P. L.; GATTO, P. S. Letters and cities: reading the urban environment with the help of perception theories. **Visual Communication**, v.8, n.3, p.339-348, 2009.

HOLZER, W. Sobre paisagens, lugares e não-lugares. In: OLIVEIRA, L. et al. (Org.). **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

\_\_\_\_\_. O lugar na geografia humanista. **Território**, Rio de Janeiro, Ano IV, n.7, p.67-78, jul./dez.1999.

\_\_\_\_\_. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, Ano II, n.3, p.77-85, jul./dez.1997.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LANDIM, P. C. **Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

LAPA, J. R. A. **A cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900**. São Paulo: Edusp, 1996.

LOPEZ, M. M. L. **Um olhar sobre os rios campineiros**. 2004. Dissertação (Mestrado) - FAU/PUCC, Campinas.

LUQUE-MARTÍNEZ, T. et al. Modeling a city's image: the case of Granada. **Cities**, v.24, n.5, p.335-352, 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **What time is this place?** Cambridge: MIT Press, 1972.

MALARD, M. L. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MARANDOLA JR., E.; MODESTO, F. Percepção dos perigos ambientais urbanos e os efeitos de lugar na relação população-ambiente. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 2012. (Prelo).

\_\_\_\_\_. Mobilidades contemporâneas: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. In: CUNHA, J. M. (Org.). **Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2011a.

\_\_\_\_\_. Paisagem e imagem da cidade: a forma urbana de Campinas. **Geografia**, Rio Claro, v.36, p.655-664, 2011b.

\_\_\_\_\_. Campinas, no plural ou no singular? Imaginário e experiência urbana. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL (RAM), 11., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: RAM, 2011c.

\_\_\_\_\_. Mapeando "Londrinas": imaginário e experiência urbana. **Geografia**, Rio Claro, v.33, n.1, p.103-126, jan./abr.2008a.

\_\_\_\_\_. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008b. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008b.

\_\_\_\_\_. Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar. **Antropolítica**, v.24, p.195-218, 2008c.

\_\_\_\_\_. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. **Rua**, Campinas, n.12, p.45-58, 2006a.

\_\_\_\_\_; DE PAULA, F. C.; PIRES, M. C. S. Diários de campo: aproximações metodológicas a partir da experiência metropolitana (Campinas e Santos). In: CUNHA, J. M. P. (Org.). **Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2006b.

\_\_\_\_\_. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, São Paulo, AGB, Ano 21, v.2, n.25, p.67-79, jul./dez.2005a.

\_\_\_\_\_. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.30, n.3, p.393-421, dez.2005b.

\_\_\_\_\_. Uma ontologia geográfica dos riscos: duas escalas, três dimensões. **Geografia**, Rio Claro, v.29, n.3, p.315-338, set./dez.2004.

MARTINS, V. Espaço urbano, lugar do mercado. **Oculum: ensaios, revista de arquitetura e urbanismo**. Campinas, PUCC, n.2, 2002.

MASSON, S. M. **Vila industrial-Campinas**. Especialização Patrimônio Arquitetônico: teoria e Projeto. Campinas: FAU/PUCC, 1999.

MOREIRA, D. C. **Reconstituição de projetos de arquitetura: a fachada do antigo teatro Municipal de Campinas**. 2000. Dissertação (Mestrado) - Multimeios/Unicamp, Campinas.

MULLER, C. **Vila Ferroviária Ponte Preta-Campinas: passado e futuro**. 2006. Dissertação (Mestrado) - FAU/PUCC, Campinas.

MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, L. Contribuição dos estudos cognitivos para a geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.2, n.3, p.61-72, 1977.

\_\_\_\_\_. Percepção do meio ambiente e geografia. **OLAM**, Rio Claro, v.1, 2001.

PAES-LUCHIARI, M. T. D. Patrimônio cultural: uso público e privatização do espaço urbano. **Geografia**, Rio Claro, v.31, n.1, p.47-60, 2006.

PEARCE, P. L.; FAGENCE, M. The legacy of Kevin Lynch: research implications. **Annals of Tourism Research**, v.23, n.3, p.576-598, 1996.

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M. Histoires de vie, espace de vie. **L'Espace Géographique**, n.2, p.122-130, 1988.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, abr.1979.

\_\_\_\_\_. **A paisagem urbana moderna**. Lisboa: Edições 70, 1987.

REIS, N. G. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

RIBEIRO, C. M. L. **Ou é a casa ou é a rua**. 2006. Dissertação (Mestrado) - FAU/PUCC, Campinas.

RIBEIRO, C. R. V. **A dimensão simbólica da arquitetura: parâmetros intangíveis do espaço concreto**. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

SANTOS, A. C. **Campinas, das origens ao futuro**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

- SANTOS, D. P. F. V. **Espaços públicos do lazer em Campinas o lugar do ficar**. 1999. Dissertação (Mestrado) - FAU/PUCC, Campinas.
- SANTOS, M. **Pobreza urbana**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SEAMON, D. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: BUTTIMER, A.; \_\_\_\_\_ (Org.). **The human experience of space and place**. Londres: Croom Helm, 1980.
- SEATON, T. Disciplinary action against Kevin Lynch. **Annals of Tourism Research**, v.24, n.4, p.970-973, 1997.
- SEEMANN, J. **Regional narratives, hidden maps, and storied places: cultural cartographies of the Cariri Region, Northeast Brazil**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Louisiana State University, Baton Rouge, EUA.
- SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SERPA, Â. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SERRA, G. **O espaço natural e a forma urbana**. São Paulo: Nobel, 1987.
- SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andres Bello, 2001.
- SIMMEL, G. Metrôpole e a vida mental. In: VELHO, O. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SOUZA, C. L. De Kevin Lynch aos mapas cognitivos: a percepção ambiental no desenho urbano. **Sinopses**, São Paulo, n.26, p.5-15, 1996.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- \_\_\_\_\_. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G. (Org.). **Philosophy in geography**. Dordrecht/Boston/London: D. Reiel Publishing Co., 1979.
- \_\_\_\_\_. Images and mental maps. **Annals of the Association of American Geographers**, v.65, n.2, p.205-213, 1975.
- TURRA NETO, N. **Enterrado vivo: identidade punk e territórios em Londrina**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- YEUNG, H. W.; SAVAGE, V. R. Urban imagery and the main street of the nation: the legibility of Orchard Road in the eyes of Singaporeans. **Urban Studies**, Inglaterra, v.33, n.2, p.473-494, 1996.
- VAN MANEN, M. **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. New York: State University of New York Press, 1990.
- ZMUDZINSKA-NOWAK, M. Searching for legible city form: Kevin Lynch's theory in contemporary perspective. **Journal of Urban Technology**, v.10, n.3, p.19-39, 2003.

# APÊNDICES

## Apêndice 1: Questionário 1

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
PROJETO PAISAGEM E IMAGEM DE CAMPINAS – QUESTIONÁRIO 01 (Q1)



Nome: _____ H     M	Data: ____/____/2010
Fone: _____ Bairro: _____ Cidade: _____ Ocupação: _____	Entrevistador: _____
Naturalidade: _____ Em Campinas desde: ____/____ Ano Nas.: _____	Local da entrevista: _____

*Vamos lhe fazer algumas perguntas sobre Campinas. Gostaríamos que respondesse de acordo com sua própria opinião, de acordo com seus trajetos na cidade. Não há respostas certas ou erradas, o que nos interessa é sua própria forma de ver a cidade de Campinas. Estamos interessados nos detalhes, em coisas materiais da forma como as pessoas vêem e imaginam a cidade.*

1. O que primeiro lhe vem à mente, qual imagem lhe ocorre quando você pensa na palavra “Campinas”? *[Se a pessoa tiver dificuldade, diga para usar poucas palavras ou uma expressão]*  
Em termos gerais, como você descreveria Campinas, fisicamente falando?
2. Gostaria que fizesse um mapa esquemático do centro de Campinas começando pela Avenida Francisco Glicério. Pode desenhá-lo como se estivesse fazendo uma rápida descrição da cidade para um estranho, incluindo tudo o que você julga ser mais importante para quem não conhece saber como é Campinas. Não precisa se preocupar se o desenho está certo ou não. O importante é que você coloque aquilo que você se lembra como mais significativo. É mais um esboço de um mapa.
3. *[O entrevistador deve tomar notas sobre a seqüência em que o mapa é desenhado]*
4. Você poderia delimitar o centro?  
*[Peça que a pessoa justifique as escolhas dos limites]*
5. Você poderia apontar qual o centro do Centro, ou seja, seu coração?  
*[Peça que a pessoa justifique]*
6. Poderia descrever o caminho que você faz da sua casa até seu local de trabalho (estudo)? Preciso que me descreva em detalhes. Imagine-se realmente fazendo o trajeto e descreva a seqüência de coisas que você vê, ouve ou das quais sente o cheiro ao longo do caminho, inclusive os sinais de trânsito ou outros lugares/detalhes da paisagem que são referências (para você ensinar o caminho a alguém, por exemplo). Estamos interessados nas imagens físicas das coisas. Não faz mal que você não se lembre de nomes de ruas e lugares. *[Durante o relato do trajeto o entrevistador deve pedir, se achar necessário, que o entrevistado acrescente mais detalhes às suas descrições.]*
7. Você sente alguma emoção ou sentimento específico em alguma (ou várias) partes do trajeto? Quanto tempo você gasta para fazê-lo? Existem partes dele em que você sente meio perdido

quanto ao lugar onde está, ou por todo o caminho você sabe exatamente onde está passando (nome do bairro, distância entre ele e sua casa, etc.)?

8. Agora, gostaríamos de saber quais elementos do CENTRO de Campinas você considera especiais. Podem ser grandes ou pequenos, mas diga-nos algo sobre aqueles que, em sua opinião, são mais fáceis de identificar e lembrar.

*[A cada dois ou três elementos mencionados, o entrevistador deve fazer as perguntas 7a a 7c.]*

7a. Poderia descrever [ELEMENTOS MENCIONADOS] para mim? Se você fosse levado para lá de olhos vendados, ao ser tirada a venda quais indicadores usaria para identificar o lugar onde está?

7b. Você sente alguma emoção/sentimento específico em relação a [ELEMENTOS MENCIONADOS]?

7c. Poderia me mostrar, no seu mapa, onde fica [ELEMENTOS MENCIONADOS]?

9. Poderia me mostrar, no seu mapa, a direção norte?

*[Anotar a forma como a pessoa definiu a direção]*

10. Você conhece algum mirante ou panorâmica da cidade? Onde? Pode me descrever a paisagem que se vê de lá? *[É importante localizar especificamente cada uma das panorâmicas]*

11. As últimas perguntas são uma avaliação da entrevista, para você poder falar um pouco sobre o que achou da nossa conversa. São apenas mais alguns minutos *[As perguntas seguintes não precisam seguir uma ordem estabelecida]*:

10a. O que acha que a pesquisa está tentando descobrir?

10b. Que importância tem para as pessoas a orientação e o reconhecimento de elementos urbanos?

10c. Você sente algum prazer em saber onde está ou para onde está indo? Ou, ao contrário, algum desagrado? Você costuma ficar perdido na cidade? Sem saber para onde está indo? Se incomoda com isso?

10d. Em sua opinião, Campinas é uma cidade fácil para encontrar os caminhos, se orientar ou identificar as suas partes?

10e. Das cidades que você conhece, quais têm uma boa orientação (são fáceis de andar e se orientar)? Por quê?

*Há uma segunda etapa desta pesquisa, que envolve uma conversa sobre sua história de vida, história da sua família, lugares onde morou, além de seus lugares na cidade, o que pensa dela etc. Gostaria de poder marcar com você um dia e horário na semana que vem para podermos fazê-la. É possível? Não demora, serão uns 40 minutos aproximadamente. Obrigado pela colaboração!!!*



8. Lugares topofílicos, lugares topofóbicos. [*Explorar o porquê e tentar identificar como este sentimento se formou*]  
Quais lugares de Campinas você gosta? Por quê?  
Quais lugares não gosta? Por quê?
9. Discutir especificamente a questão da imagem e da paisagem da cidade, elucidando e aprofundando questões do Q1. [*Objetivo é encontrar elementos na história de vida que ajudem a entender perspectivas diferentes (não compartilhadas socialmente) sobre a paisagem e a imagem de Campinas*]